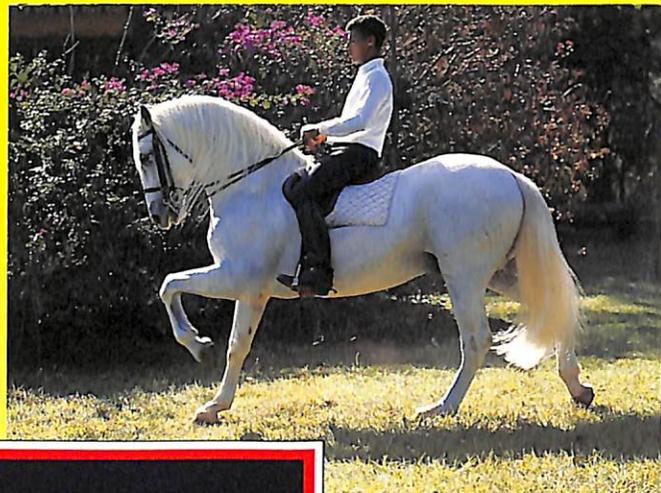


O Brasil já tem
o seu tipo exportação

a granja

A REVISTA
DO LÍDER RURAL



MERCOSUL

Este país nascerá em 1995



PLÁSTICO

Cada vegetal
tem a onda de
cor que merece

DEPOIMENTO

Getúlio
Marcantônio:
o CITEs como
ferramenta
tecnológica

PONTO DE VISTA

Manoel Pires
da Costa,
presidente da
BM&F analisa
as commodities



GERDAU UM



Se existe um tipo de revista



TIPO DE



pra cada tipo de assunto, um tipo de assunto



ARAME



pra cada tipo de interesse

e interesse de todo tipo,

PARA



CADA

por que todo arame pra cerca

tem que ser igual?



TIPO



DE

CERCA



GERDAU
QUALIDADE PELA
COMPETÊNCIA

GERDAU PRODUTOS AGROPECUÁRIOS. VENDAS: SÃO PAULO - TEL.: (011) 871-1177 - FAX: (011) 263-9566 • COSIGUA - TEL.: (021) 305-1515
FAX: (021) 395-0630 • RIOGRANDENSE - TEL.: (051) 474-1166 - FAX: (051) 474-3036 • AÇONORTE - TEL.: (081) 455-3111 - FAX: (081) 455-1577

A voz da experiência fala mais alto

O gosto pela pecuária passou do pai para o filho Getúlio Marcantônio, homem que introduziu no Rio Grande do Sul, em 1976, os Clubes de Integração e Trocas de Experiências, conhecidos como Cites. Essas organizações objetivam aumentar os ganhos de produtividade através — como sugere o nome — das trocas de experiências entre seus componentes, que em geral são em número de 12 para propiciar uma reunião mensal na propriedade de cada um ao longo do ano.

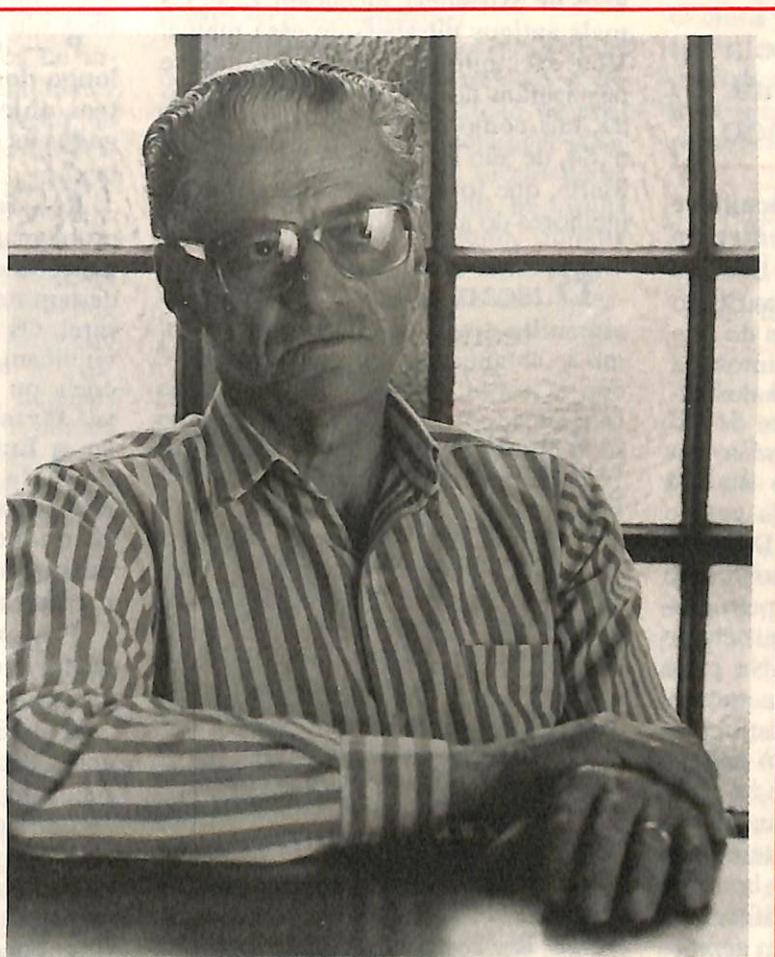
O embrião dessa idéia é originário da França, na época em que os produtores tentavam erguer-se dos escombros da Segunda Guerra Mundial, buscando todos os meios disponíveis para produzir mais. Desde a implantação dessa iniciativa no Brasil, já foram criadas 105 entidades, espalhadas praticamente por todo o território gaúcho. Os Cites estão filiados a um organismo central, que é a Federação dos Clubes (Federacite), presidido por Marcantônio.

Entre os resultados

práticos apontados pelo dirigente, pode ser destacado o invejável índice de 72% em natalidade de bovinos, que Cites com apenas dois anos de fundação têm atingido. A média do rebanho gaúcho anda por volta de 50%. Além disso, é prestado um apoio assistencial-técnico por meio de

convênios mantidos com a Secretaria da Agricultura, Emater e Universidade Federal de Santa Maria. Também são feitas inúmeras visitas a expressivos centros produtores nacionais e internacionais, bem como palestras sobre os mais variados temas.

Hoje, com 63 anos de idade, casado, quatro filhos, Getúlio já passou pela vida pública, tendo sido inclusive deputado estadual. É um apaixonado por búfalos, que cria em Encruzilhada do Sul/RS, contando com um plantel de 800 cabeças. A produção anual é submetida ao regime de semi-confinamento, e conta com animais que atingem 430kg, entre 18 e 20 meses. Mas, deixando a vida particular de lado, voltemos à pública, só que desta vez com os Cites.



Getúlio Marcantônio, da Federacite:
a cerca não separa o produtor

Foto: A Granja

A Granja — O que são os Clubes de Integração e Trocas de Experiências (Cites)?

Getúlio Marcantônio — De cada um destes clubes fazem parte cerca de 12 produtores de uma mesma região, que buscam, fundamentalmente, aumentar a produtividade. Esse objetivo

é embasado nas trocas de experiências entre seus componentes visando, sobretudo, a introdução de modernas tecnologias. O número dos elementos corresponde a soma das reuniões que são realizadas anualmente, cada mês na propriedade de um dos associados. No entanto, antes da preocupação

com a formação matemática, o grupo precisa ser homogêneo, ou seja, há necessidade do entendimento entre os elementos, os princípios devem ser semelhantes, dentro do espírito associativista, não havendo lugar para o vedetismo. Todos os “citanos” são agropecuaristas porque dedicam-se à

parte agrícola e à pecuária.

P — De onde surgiu a idéia de implantar os Cites no Rio Grande do Sul?

R — O modelo é francês, e foi criado logo ao final da Segunda Guerra Mundial por um grupo de produtores rurais que procuravam soluções para os problemas que enfrentavam no campo. Lá nasceu o que denominaram Ceta, uma entidade que, além da troca de experiência, tinha por finalidade a pesquisa agropastoril. Em seguida o movimento espalhou-se por toda a Europa e Américas. No Brasil, chegou em 1976, época em que eu estava à frente da Secretaria de Agricultura/RS.

O Cite é uma escola de aprendizado onde todos saem ganhando

P — Na prática, como acontece as trocas de experiências entre os produtores?

R — Durante a reunião, o anfitrião faz o relato aos companheiros do que realizou no decorrer dos últimos 12 meses, bem como dos resultados alcançados. Os demais discutem os números e metodologias adotadas, fazendo sugestões, apoiando ou até mesmo criticando o que lhes parece não ser a melhor alternativa. Depois é feita uma palestra técnica sobre um tema previamente escolhido pelo grupo, onde o convidado é um *expert* no assunto que vai apresentar. Na parte da tarde, faz-se uma visita de campo, em que se constata o manejo empreendido na propriedade. Em síntese, o produtor vê o que está sendo realizado e pode testemunhar que, do outro lado da cerca, alguém obtém altos rendimentos. Ninguém é tão bom em relação aos demais em diferentes áreas, ou seja, em algum item sempre haverá quem produza melhor. E, nestas ocasiões, alguma coisa é certo que o associado aprende para imediatamente colocar em prática na propriedade. Acima de tudo, acreditamos ser esta a melhor maneira que encontramos de aproximar as pessoas.

P — Há clubes que se dedicam a uma atividade de forma exclusiva?

R — Sim, como nos casos específicos dos Cites de Santa Maria e Bagé, que têm na pecuária leiteira a prin-

cipal fonte de rendimentos, através do tambo. Eles adquirem máquinas, sementes, adubos, etc., e conseguem dessa maneira baratear os custos. Um outro exemplo é o Cite 59, de Candelária, que construiu um parque onde são realizados remates em conjunto com o sindicato rural, numa união em que tanto os pequenos como os grandes saem ganhando.

P — É possível medir o aproveitamento de todo o aporte tecnológico que é levado a estas entidades?

R — Os índices de natalidade do rebanho bovino no Rio Grande do Sul são de 50%. Por outro lado, os patamares que atingimos, inclusive nos Cites mais novos, com apenas dois anos de existência, alcançam 72%. Os mais antigos ultrapassam essa marca. Vou exemplificar através dos que se destacaram no ganho de produtividade, tais como o nº 9, de Camaquã; o nº 84, de São Borja e o nº 80, de Santa Maria, que foram escolhidos como os melhores do ano.

Buscamos as melhores tecnologias aqui e no exterior

P — Além disso, como é feita a captação de informações pelo grupo?

R — De modo geral, nós procuramos criar um estímulo. Assim, visitamos as estações experimentais de agricultura, pecuária, citricultura, reflorestamento, entre outras fontes de pesquisa. Já fomos a Limeira/SP, zona forte em citros; à Cooperativa Batavo/PR, expoente em produção leiteira; ao Centro Nacional de Pesquisa de Ovinos (CNPO), da Embrapa de Bagé/RS, e, dessa maneira colocamos em prática os interesses individuais. Também já visitamos produtores de outros países, como o Uruguai, o Chile e, duas vezes, a Argentina. Gostaria de ressaltar que não se trata de viagens de turismo, mas, sim, de intercâmbio técnico, pois procuramos novos meios de produção que elevem as produtividades.

P — Como a irrigação é encarada pelos Cites, já que ela se consti-

tui numa forte alavanca de incremento nas safras?

R — Em 91 organizamos um seminário sobre o tema. Além disso, todos os anos se recomenda um dos companheiros para receber a medalha "Assis Brasil", o que é uma maneira de reconhecer quem se destacou em irrigação. O último laureado foi Pedro Everli, um médio produtor de São Miguel do Oeste, altamente capacitado nesse setor.

Os Cites não pleiteiam verbas aos órgãos públicos. Só convênios técnicos

P — O prestígio adquirido ao longo dos anos é utilizado para outros objetivos que não sejam os ligados às finalidades básicas dos clubes?

R — Jamais, mesmo se tratando de problemas trabalhistas, de ordem financeira ou de cunho político, que poderiam reverter em benefícios à classe rural. Os Cites não pleiteiam, não reivindicam, sequer pedem estradas, escolas ou verbas. Temos apenas convênios com a Secretaria de Agricultura, a Emater e a Universidade Federal de Santa Maria, cujos benefícios se limitam à orientação técnica. E, quando surge algum pedido de outra natureza, o caminho natural é a Federação da Agricultura/RS.

P — No caso da Emater e da Secretaria da Agricultura, como ocorre o trabalho em conjunto?

R — Estas entidades entram com o apoio assistencial-técnico. A Secretaria da Agricultura dispõe de um órgão específico de apoio que dá total prioridade aos Cites, inclusive com máquinas para fenação e outros equipamentos, como, por exemplo, para perfurar poços artesianos. E tanto a Emater como a própria Secretaria estão presentes nos encontros dos citianos, levando a orientação especializada. E, em função dessas propriedades pertencerem a produtores que buscam de todas as maneiras um bom índice de tecnologia, várias delas são escolhidas para abrigar estagiários das faculdades de Veterinária, Agronomia e Zootecnia.

P — Em meio a encontros mensais, churrasquinhos, etc., não hou-

ve entidades que se perderam, confundindo os objetivos traçados?

R — Sim, existiram aqueles que desviaram as atividades para o lado festivo, o que não deu certo. Não sei dizer quantos desapareceram em vista disso. Porque, na medida em que finda o vínculo de trabalho, a casa cai.

P — Quantos Cites existem hoje, e há interesse em fomentar o seu crescimento?

R — No Rio Grande do Sul são 105, número inferior apenas ao de sindicatos rurais, que deve girar em torno de 115. Somente não estamos presentes na região do Alto Uruguai. E, embora os Estados de Santa Catarina e Paraná tenham, cada um, dois Cites, não há qualquer vínculo com eles. Temos recebido pedidos de informações sobre nossos regulamentos e estatutos. O Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite, da Embrapa/MG, já solicitou que levássemos até lá a experiência sulina. Por outro lado, nunca estimulamos o incremento dos clubes, que nascem de maneira espontânea, quando uma comunidade acha que deve constituir um grupo de pessoas que desejam avançar e progredir. Antes da formação, aconselhamos a realização de três reuniões preliminares para sentir a turma. Feito isso, é só elaborar a ata de fundação e solicitar a filiação à Federacite.

Mercosul: a melhor saída é diversificar a produção

P — E qual o papel da Federacite?

R — Decorridos 16 anos da fundação do Cite nº 1, e fruto de um amadurecimento natural das coisas, era criada a Federação dos Clubes de Integração e Trocas de Experiências. Esse organismo não pretendeu se desvincular da Secretaria da Agricultura ou sequer ser um órgão concorrente da Federação da Agricultura/RS. Dividir não resolve, pois somos partidários da união, da soma.

P — O que representam os Cites, que estão espalhados por todo território gaúcho, em termos de hectares cultivados, bem como de pecuária?

R — Como a Federacite é um or-

gão recente e leve, não dispomos, ainda, de uma estrutura sólida para levantar o andamento de todos os Cites. O estudo das propriedades, com os respectivos dados, é uma de nossas metas futuras. No entanto, o que observamos é que estas entidades efetivamente se reúnem e cumprem as finalidades, e estão permanentemente realizando reuniões de trabalho. Isso faz com que os resultados apareçam e sejam crescentes, como é o caso do Cite nº 101, localizado em São Jerônimo, que desfilou números excepcionais, bastante acima dos dados do RS.

P — Que tipo de estratégia as organizações têm montado para enfrentar o Mercosul, que daqui há 26 meses será oficializado?

R — Estamos fazendo vários tipos de alertas, mas o fundamental é ter como tônica a diversificação da produção. É claro que vai depender basicamente da região e da propriedade. Ainda visando o Mercosul, na última Expointer, no mês passado, durante um dia inteiro este foi o tema predominante, tendo como um dos palestrantes o ministro de Minas e Energia Pratini de Moraes. Sem dúvida, é um assunto que interessa a todos, e que oportunizou ampliar o conhecimento do homem rural, proporcionando uma visão realista daquilo que se deve ou não se deve fazer, pois esse novo mercado representa uma ameaça ao setor primário. No dia seguinte, a escolha recaiu em melhoramento de campo nativo, ocasião em que reunimos todas as equipes de agrostologistas do Rio Grande do Sul. Então, estamos preparando os Cites em função disso, para eles se interarem e sentirem como é a coisa e o que devem fazer.

P — De que maneira são gerados recursos para sobreviver e, ao mesmo tempo, proporcionar todo esse aporte de conhecimentos aos associados?

R — A cada ano, editamos um livro que traz toda a tecnologia transmitida durante as palestras que a Federacite organiza, normalmente durante os nove dias de Expointer ou no dia de campo, que ocorre em abril, época em que já foram feitas várias visitas a estações experimentais. Neste período de seminários, vem gente

de todos os lugares, e a cada dia uma região fica responsável pelo temário, sempre de alta qualidade. A turma está por dentro de todas as novidades no mercado. A publicação depois é vendida entre os citianos, e dessa forma arrecadamos fundos. Com o capital, colocamos técnicos da melhor qualidade — professores de universidades, pesquisadores da Embrapa e da Secretaria da Agricultura — para falar de forrageiras, irrigação, melhoramento de pastagem nativa, conservação do solo, enfim, de inúmeros temas. Os integrantes dos Cites nos informam sobre o assunto que desejam que seja abordado, e nós mandamos o profissional ao encontro deles. O clube paga o transporte e a alimentação, e a Federacite arca com um pró-labore. Com esse esquema estamos preparados para apresentar um planejamento de primeira ordem.

As cercas devem dividir as propriedades e não os proprietários

P — O senhor, que trouxe para o Brasil esta iniciativa francesa, qual a avaliação que faz após todo esse período de existência dos clubes?

R — Eu encaro os Clubes de Integração e Trocas de Experiências como pequenas associações, que, acima de tudo, unem os produtores e lhes possibilitam enormes proveitos devido às contribuições somadas de todos os elementos e às palestras proferidas pelos mais gabaritados técnicos. Sem dúvida, é consenso que a idéia é vitoriosa e que estamos colhendo os frutos destas organizações. A frase adotada como lema do citiano é a seguinte: “As cercas devem dividir as propriedades, mas não os proprietários”.

P — Quais os planos para o futuro?

R — A meta principal é proceder ao levantamento individual dos citianos, pois só assim será possível fazer avaliações. E até o fim do ano vamos estabelecer uma série de objetivos a serem alcançados pelo Cite. O último trabalho foi o Programa de Incentivo de Planejamento da Propriedade, em que os técnicos ficam à disposição para qualquer eventualidade. ■



Editor e
diretor-presidente:
Hugo Hoffmann
Diretora comercial:
Leoni Zaveruska
Diretor-executivo:
Jorge Luzardo C. Silva

a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

REDAÇÃO

Luiz Fernando Boaz (repórter), Betina Hoffmann (fotógrafa), Iara Salin Gonçalves (revisão). Colaboradores: Eduardo Hoffmann, Luiz Fernando Lemmert, Jomar de F. Martins, Luis Eduardo Bona e Mônica Martinez.

COMPOSIÇÃO

Carlos Zoab (supervisor), Paulo Nobre e Danilo Martins (composição).

CIRCULAÇÃO

Antônio Correa Martins (supervisor de assinaturas), Sérgio Luiz Koan (supervisor de venda avulsa), Gustavo Hoffmann (assistente), Amália Severino Bueno (coordenadora).

PUBLICIDADE

Jorge Régis Marques (contato).

SUCURSAL DE SÃO PAULO

Praça da República, 473, 10º andar, conj. 102, fone (011) 220-0488, telex (11) 31567, fax (011) 220-0686, CEP 01045-001, São Paulo/SP - Gerente: Telma Gracia Gulla.

Representantes/Publicidade

DISTRITO FEDERAL - OBN - Organização Brasileira de Notícias, SDS Lote T8, Bloco M, Ed. Cine Venâncio Jr., 1º e 2º subsolos, telex (61) 2260, fone (061) 225-6248 e 225-5934, CEP 70394-900, Brasília/DF; PARANÁ - Spala - Marketing e Representações, Rua Conselheiro Laurindo, 825, conj. 704, fone (041) 222-1766, CEP 80060-100, Curitiba/PR; RIO DE JANEIRO - Lobato Propaganda e Marketing Ltda., Rua Siqueira Campos, 43, 8º andar, conj. 835, fone (021) 256-8724, CEP 22031-070, Rio de Janeiro/RJ; MINAS GERAIS - José Maria Neves - Rua do Ouro, 104 - conj. 902 - fones (031) 223-1964 e 227-6829 - CEP 30220-000 - Belo Horizonte/MG.

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus Ltda., registrada no DCDP sob nº 088, p.209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição: Av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558, fone (051) 233-1822, telex (51) 2333, fax (051) 233-2456, Cx. Postal 2890, CEP 90150-004, Porto Alegre/RS. Exemplar atrasado: Cr\$30.000,00.

Saiba
as vantagens
de assinar

a granja

Ligue
(051)233-1706

ÍNDICE

NESTA EDIÇÃO

- **MERCOSUL**
A luta contra o tempo é maior que a vontade de integrar..... 12
- **ANDALUZ**
A nobre espécie da alta cavalaria 32
- **PLÁSTICO**
O determinismo da cor no desenvolvimento dos hortigranjeiros.. 36

SEÇÕES

- Aconteceu..... 7
- Caixa Postal 2890..... 8
- Aqui Está a Solução..... 9
- Eduardo Almeida Reis..... 10
- Porteira Aberta..... 11
- Flash..... 40
- Mundo da Lavoura..... 41
- Mundo da Criação..... 42
- Hortas e Pomares..... 43
- Agribusiness..... 44
- A Granja Leilões..... 45
- Escolha seu Trator..... 46
- Novidades no Mercado..... 48
- Ponto de Vista..... 50



Foto: capa: João Simão e Marcos Mazi

NOSSA CAPA

Argentina, Brasil e Uruguai se preparam para formar um novo país, sob a bandeira do livre comércio. O Mercado Comum do Cone Sul, na verdade está sendo implementado a toque de caixa, a fim de compatibilizar as discrepâncias regionais. Isso depende a sobrevivência do Mercosul e das economias dos países componentes, apoiadas, em sua maior parte, no setor primário.

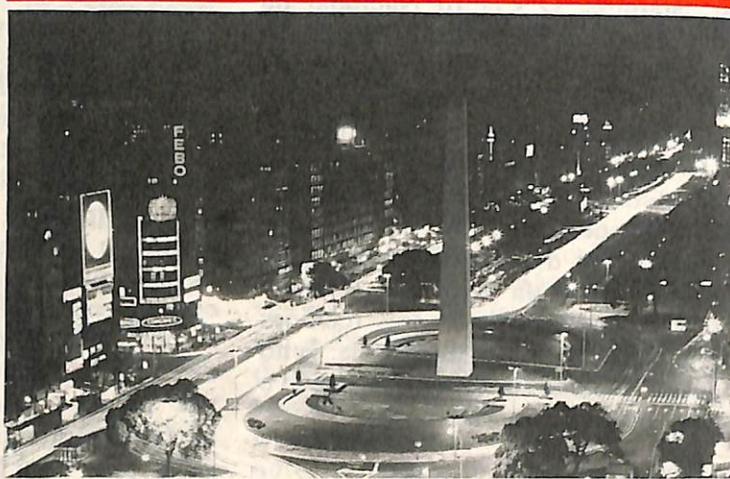


Foto: Secretaría de Turismo de la Nación - Argentina

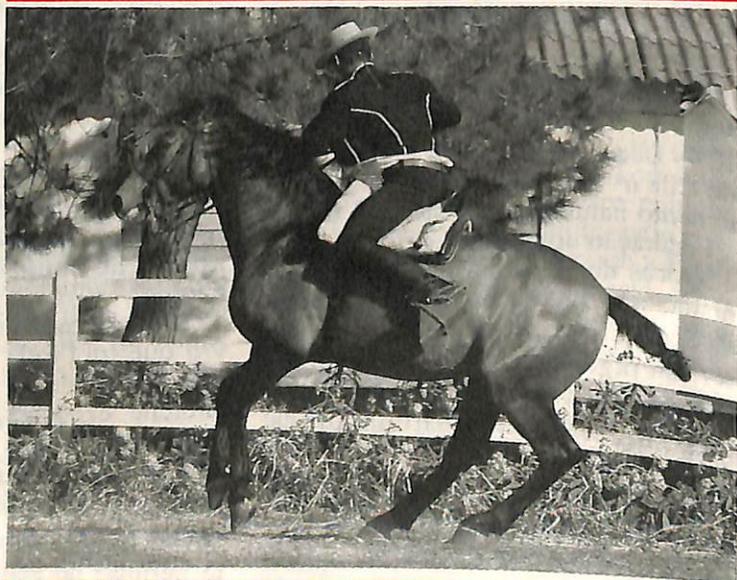


Foto: Marcos Mazi

Expointer/93

Nossos comentários e projeções para a próxima Expointer, publicados na edição anterior, rápido mereceram observações, opiniões alternativas e sugestões de diversos leitores. Assim, estamos voltando ao assunto, por percebê-lo oportuno e adequado. A valorização e a afirmação da Expointer como o mais importante encontro do agribusiness do Brasil não somente é objetivo de cada gaúcho, mas também merece o interesse e admiração dos demais brasileiros.

Neste sentido vale fazer algumas reflexões adicionais:

1. A Expointer precisa transmitir sempre uma identidade única. E essa identidade está fundamentalmente estruturada na figura do gaúcho, suas tradições, sua cultura, seu folclore, sua música nativista, seus costumes, seu jeito de falar e vestir. Usar essas características é fundamental. Tanto quanto será sempre, e cada vez, necessário juntar a uma identidade própria as exigências que a modernidade está a colocar. A integração do moderno com a tradição é absolutamente imprescindível para fazer da Expointer unanimidade nacional, como é Gramado e a Varig. Esse deverá ser o objetivo, bastante claro para ser posto permanentemente em pauta.

2. Algumas vozes manifestam-se abertamente para alterar a data da exposição. Alegam que nesta época chove muito e faz um frio intenso, além da proximidade das exposições de Palermo e Prado. Outros argumentam que há uma longa tradição a ser mantida e observada. Que no Rio Grande do Sul a precipitação pluviométrica em agosto e setembro é igual, e, longe de ser ponto negativo, o inverno

gaúcho, com seus palas e ponchos de lã, dá uma peculiaridade e um atrativo todo especial. Alegam ainda que Palermo interessa a pouquíssimas pessoas e não atrapalha em nada a feira de Esteio. E mais, acrescenta, que a Exposição de Prado, em Montevidéu, decididamente não se constitui num ponto de atração, mesmo com a abertura do Mercosul.

3. Agora, a unanimidade: o estresse do gado na Expointer é algo que precisa ser evitado desde já, e a primeira providência seria colocar cordões de isolamento nos corredores laterais junto às argolas. Nesta área, como em qualquer exposição organizada, no mundo inteiro, o espaço deve ser unicamente ocupado pelos expositores e os eventuais compradores.

4. Aventou-se a hipótese de se efetuar uma feira de rústicos dentro da exposição. Foi lembrado que já houve uma iniciativa fracassada neste sentido. Por outro lado, nada impede que seja feito paralelamente um leilão de rústicos, em Guaíba, por exemplo.

5. Outros mencionaram que, se o estacionamento foi insuficiente, por outro lado o esquema de segurança funcionou, e isso deve ser registrado e preservado.

6. O serviço de informações foi sempre despreparado e ineficiente. É inconcebível que não haja à venda, nos portões, um folheto simples, de custo barato, para orientar o visitante.

7. Mas a maior queixa foi sobre a não-observância dos horários. E, aqui, a culpa simplesmente é de todos, embora o exemplo sempre venha de cima. Uma campanha firme e punitiva pela rigorosa observação dos horários é, saudavelmente, a reivindicação geral. Inaugurações, simpósios, coquetéis, julgamentos, leilões, palestras, entregas de prêmios, para não dar irritação e cansaço, precisam apenas começar na hora!

8. Tudo indica que a máfia dos portos vai continuar. A agricultura

brasileira, mais que qualquer outro segmento da sociedade produtiva, precisa de bons, modernos e ágeis serviços portuários, a fim de que nossos produtos de exportação, no mínimo, tenham preços competitivos. Mas assim não pensa uma minoria da sociedade não-produtiva. O projeto de modernização há um ano e meio vegeta no Congresso. A Câmara dos Deputados a caro custo aprovou a nova regulamentação, ainda assim eivada de privilégios compactivistas, longe do que seria ideal.

Pois bem, dias atrás o senador Mário Covas, ex-candidato a presidente da República, na Comissão de Assuntos Econômicos conseguiu melar a reunião que deveria votar pelo texto aprovado na Câmara dos Deputados, acrescentando-lhe mais de 50 emendas. Falou durante uma hora e meia, demonstrando cabalmente um estranho e fora do comum esforço para inviabilizar o progresso e, assim, preservar o atraso e o corporativismo implantado há mais de 40 anos.

Finame e telefonia rural

Felizmente, 200 milhões de dólares estão à disposição dos mutuários, via rede bancária, com respaldo do BNDES, para serem utilizados no Finame Rural, instrumento criativo, que chegou, faz aproximadamente um ano, na hora certa, e que agora se renova para estagnar a violenta cubanização de nosso frota de tratores, colheitadeiras e implementos agrícolas.

Outra boa notícia foi o programa anunciado pelo ministro Cabrera, com recursos de 400 milhões de dólares, para implantar 100 mil telefones em áreas rurais. ☺

Informática no campo

“Recebendo apenas a minha terceira edição como assinante de *A Granja*, ou seja, a edição nº 527, chamou-me a atenção a reportagem *Informática — a dinâmica ferramenta da moderna agropecuária*. Talvez uma maior divulgação sobre o assunto, abordando a importância da informática (organização) no campo, desperte o proprietário rural no sentido de que seu trabalho, em conjunto com a administração rural, se torne mais valorizado e relevante para o País. Com a informática é possível incrementar a produção pelo menor custo. Assim, acredito ser vital a publicação de artigos que conscientizem o produtor da necessidade desse instrumento de trabalho.”

Marta Helena Mosca
Linhares/ES

Madeira sob pressão

“Venho cumprimentá-los pela excelente qualidade da matéria intitulada *Eucalipto, a exótica mais cultivada no Brasil*, veiculada no mês de julho. Considero muito oportuna as dicas sobre tratamento do eucalipto para uso em mourões. Aproveito a oportunidade para sugerir uma pauta que tenha como temas a madeira preservada por processo industrial na construção de instalações rurais e redes de eletrificação para o campo. A madeira preservada a vácuo-pressão tem se constituído uma excelente alternativa para o empresário rural.”

Cristina Lemos Marques
São Paulo/SP

ECO-92

“Alô, alô, amigos! Escrevam-me! Coloquemos em prática as discussões e propostas relativas à preservação da biodiversidade. O meu apelo é a difu-

são do verde em nosso cotidiano e a prática constante dos aprendizados ecológicos. Posso sementes de leguminosas (fixadoras de N no solo), tais como centrosema, crotalária, mucuna-anã e preta, leucema, guandu, acerola, e de árvores nativas e frutíferas. Posso permutar por revistas da área rural ou por outras sementes. Aos interessados, solicito a fineza de informar números disponíveis. Terei em breve feijão-de-porco, lab-lab, fava-larga, guandu e guandu-anão. Por outro lado, busco as seguintes sementes: palmito, pupunha, caju-anão, bracatinga, ipê-amarelo e branco, pau-brasil, nativas do Nordeste e Centro-Oeste. O meu endereço é Rua Espírito Santo, 457, QD-103, CPA II, CEP 78055-410.”

João Balduino de Oliveira
Cuiabá/MT

O mistério continua

“Na revista *A Granja* de agosto deste ano, li o artigo intitulado *Mistério no free stall*, de Eduardo Almeida Reis, e como o achei bastante interessante, resolvi endereçar-lhe esta, para, dentro de minhas poucas capacidades, sugerir solução para o mistério.

Como o ilustre escritor e sofrido produtor rural não me conhece, vou apresentar-me: sou engenheiro-agrônomo, formado na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, com vários cursos de especialização e tendo trabalhado na produção rural nos últimos 38 anos, morando nas próprias fazendas. Considero-me um desses raros profissionais que realmente põem a mão na terra.

O real motivo desta é tentar expor o que considero explicação para o mistério do *free stall*. Tenho, ao longo

de minha vida, visitado centenas de criadores de gado leiteiro puro, e sempre notei que o esforço para manter a produção é enorme. Cada criador, de acordo com seus conhecimentos e valores, descobre a receita correta para obter produções leiteiras altas.

Conhecemos rebanhos que em pouco tempo ficaram tomados pela tuberculose, leptospirose, leucose bovina ou mamites, saltando de subclínicas para clínicas, isto na área patológica. Já na fisiológica, há rebanhos onde o intervalo entre partos se tornou tão longo que as parições ocorrem ano sim, ano não, ou os índices de fertilidade são baixíssimos. Outros plantéis não resistem ao simples caminhar pelos piquetes, tornando a inflamação de cascos uma constante.

Como explicar? A Unesp, com sua escola de Jaboticabal, realizou estudos de climatologia animal no gado holandês, jersey, girolando e zebuínos. As observações são as que se previam: o zebu pasta o dia todo no sol e transforma capim rústico em alimento; o mestiço girolando consegue igualar em 50% o zebu; o jersey suporta melhor o calor, mas não transforma pasto rústico em alimento; e o holandês não resiste a nenhum desses fatores.

Contudo, as temperaturas corporais dos animais se mostram alteradas, com exceção a do zebu, que é normal mesmo em dias quentes e úmidos; no girolando há pequenos aumentos; no jersey e holandês, também se observam pequenos aumentos de temperatura de até 3 graus centígrados (nossas observações). Um bovino com hipertermia deixa de metabolizar se as condições de calor, associadas à umidade (50% a 80%) prevalecerem durante horas.

Portanto, o mistério do *free stall* poderá ser resolvido com uma mudança, através da engenharia genética, colocando um maior número de glândulas sudoríferas no jersey, no holandês ou em outra raça européia. Isto pode ser correto também para o gado de corte, mas até hoje não conheço nenhum estudo a respeito.”

Décio Malta Campos
São Carlos/SP

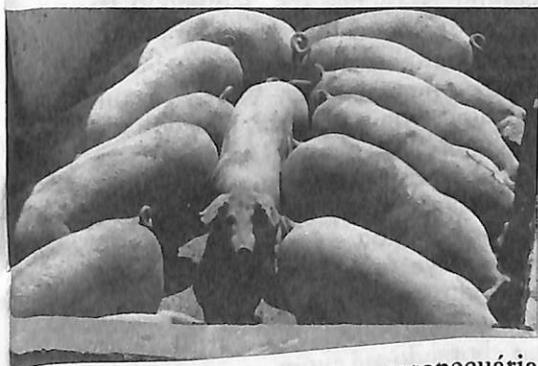
Associação é o caminho

“Na condição de assinante de A Granja há muitos anos, gostaria de solicitar algumas informações. Sou produtor de leite, com uma média de 400kg diários, e desejo pasteurizar e empacotar a produção na própria fazenda. Por isso, gostaria de saber qual a viabilidade de meu propósito, bem como dispor de informações sobre possíveis máquinas, nomes de firmas e endereços de fornecedores, além das implicações legais, autorizações perante o Ministério da Agricultura e Reforma Agrária, exigências de instalações, etc.”

José Canestraro
Guarapuava/PR

R — As colocações feitas nos leva a crer que o senhor não pertence à respectiva associação da raça de leite que cria. Em primeiro lugar, sugerimos que entre de sócio em tal organismo, pois ele dispõe de departamento técnico com todas as condições de lhe auxiliar nas mais diferentes questões. Caso não haja essa entidade em sua região, contate a brasileira.

Tocantins



“Como técnico em agropecuária da Escola Agrotécnica Federal de Araguatins, venho pedir informações a respeito de granjas de aves, suínos e bovinos, com o intuito de aprofundar conhecimentos. Esse tema é vital para o desenvolvimento da agropecuária brasileira.”

Antônio Oliveira Costa
Araguatins/TO

R — O Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves (CNPISA) da Embrapa, em Concórdia/SC, através da assessoria de comunicação social, reúne todas as condições para lhe proporcionar o envio do material necessário. O contato pode ser feito através do seguinte endereço: Rod.BR-153, km 110, caixa postal 21, CEP 89700-000, fone (0499) 44-0122/0070, fax 44-0681. Quanto à orientação relativa a bovinos, a Emater de Belém do Pará poderá dar a assessoria. Situa-se na Rodovia Augusto Montenegro, km 10, Icoraci, fone (091) 227-2455, telex (91) 1269.

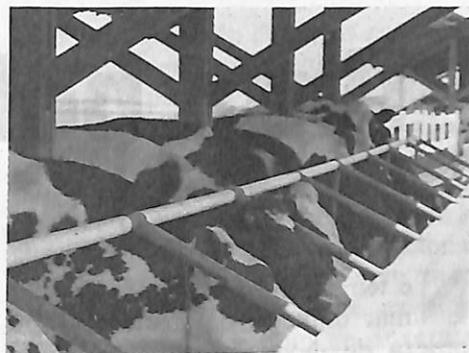


Corte & Postura

“Tendo em vista o interesse em iniciar pequeno negócio no ramo de criação de frangos, gostaria que me enviassem o livro ‘Corte & Postura’, de autoria de Mauro Gregory Ferreira.”

Benedito Guimarães
Cachoeira Paulista/SP

R — Lamentamos informar que o livro referido está esgotado. No entanto, em função dos inúmeros pedidos que o autor tem recebido, é possível que haja uma nova edição.



Como fazer sal mineral bovino

“Solicito a vocês, da equipe ‘A Granja’, algumas informações sobre como se faz sal mineral bovino. Assim, gostaria de saber a fórmula, modo de preparo, quantidade de cada composto e os respectivos instrumentos.”

Aguinaldo Ferreira Bastos
Ouro Branco/MG

R — A formulação para fazer 160kg de sal iodado é a seguinte:

- * 100 partes de iodeto de potássio
- * 8 partes de estearato de cálcio

Apenas 30g dessa mistura já são suficientes para iodar a quantidade desejada (160kg) de sal comum. Essa informação é do professor e veterinário gaúcho Huldo Cony.

Publicação avícola

“Sou técnico em agropecuária e solicito informações referentes a livros técnicos sobre avicultura, os quais gostaria de comprar via correspondência. Caso seja possível, enviem-me folhetos explicativos de tais publicações.”

Sebastião Rosa dos Santos
Goiana/PE

R — A Livraria e Editora Agropecuária Ltda., que conta com grande variedade de publicações na área rural, poderá lhe enviar folhetos diversos relativos à avicultura. A solicitação pode ser feita através da caixa postal 66, CEP 92500-000, fone (051) 480-3309, Guaíba/RS.

Uma bolacha providencial

No tempo em que era possível tomar dinheiro emprestado, fiz a proeza de dever aos bancos muito mais do que o valor da fazenda. Eram hipotecas em cima de hipotecas, um calhamaço hipotecário ocupando uma gaveta enorme do arquivo do escritório. Fiel depositário das vacas dadas em garantia, o rebanho era dividido entre as vacas do banco, talvez 90% do total, e as minhas vaquinhas.

Agora, que o crime prescreveu, devo confessar que andei vendendo gado do banco, aproveitando o fato de as vacas serem muito parecidas. A diferença-las havia apenas a tatuagem na orelha. Nas fotos dos registros, eram praticamente iguais. Diga-se, em favor do infiel depositário, que havia animais de sobra, para repor as vacas do banco vendidas.

Apesar de o dinheiro ser "barato", isto é, a juros subsidiados, nunca jamais, em tempo algum, os funcionários do Banco do Brasil me pediram qualquer tipo de agrado, na liberação dos empréstimos. Ainda me lembro dos gerentes Geraldo Cerdeira, José do Sul Ferreira Neto e Ney Carmona, que até inverteram o relacionamento normal cliente/banco, pois eram eles que me davam presentes de fim de ano. E todos ficaram meus amigos.

Tudo o que os funcionários do BB pediam, em troca dos muitos milhares de dólares que liberavam com os empréstimos, é que os avisasse da safra de jabuticabas na fazenda. Nunca vi gente para gostar de jabuticaba como funcionário do BB. Uma agência de porte médio, como a de Três Rios/RJ dava cabo de um pomar com dezenas de árvores, numa tarde.

Pior do que os bancários só mesmo o banqueiro João Pedro Gouvêa Vieira, dono do grupo Ipiranga, que viaja do Rio para São Paulo de automóvel, para ir chupando todas as jabuticabas do Vale do Paraíba.

Com aquele montoeira de hipotecas e a fila indiana de promissórias, eu passava boa parte do dia na agência do BB e no cartório de títulos e documentos, registrando a papelada. E, inventando meios de sobreviver produzindo leite numa região de muitos morros, onde não havia uma única várzea de 25 hectares, que me permitisse produzir milho ou sorgo para colher e ensilar à máquina.

De vez em quando, era preciso fazer ginástica, para compatibilizar as linhas de crédito com as necessidades da fazenda. Havia financiamento para motor diesel estacionário, mas não havia para equipar com um motor diesel uma camioneta F-400 à gasolina. Como resolver o problema?

Não me agrada fazer as coisas escondido, salvo aquelas coisas que a gente precisa fazer na moita, sob pena de tomar um tiro do marido ciumento. Por isso, fui explicar ao gerente do banco o meu plano diabólico: tomar financiamento para o motor estacionário e equipar, com ele, a F-400. Quando a fiscalização fosse à fazenda, bastava estacionar o caminhãozinho, que o motor ficaria estacionário...

Apesar da originalidade da idéia, meu pedido de empréstimo não colou. Havia também financiamento para bezerreiros, mas não havia para casa de colono. Coisas do planejamento tupiniquim. Ocorreu-me, então, fazer diversos bezerreiros com dois quartos, sala, cozinha e banheiro. Ainda aí o pedido foi brechado. O gerente achou muita graça, mas não concordou com

o plano.

Duro mesmo foi nas vésperas da liberação de um financiamento, que consolidaria todas as dívidas e me permitiria sair do sufoco, a juros subsidiados, prazo de 15 anos, com 5 de carência para começar os pagamentos. E o bocó aqui inventou de fazer um churrasco na fazenda, para o pessoal da área de crédito rural do banco.

O almoço dava direito a levar as famílias, mulheres, crianças, sogras e cunhadas, sobretudo cunhadas. Refrigerantes, cerveja, uísque a jabuticabas. E isso num sábado anterior à semana prevista para a liberação do empréstimo.

Uiscados e cervejados, lá fomos nós todos ver as vacas no estábulo. Foi quando um dos meninos, filho do subgerente de crédito rural, pegou uma pedra e informou: "Pai, olha uma vaca! Vou tascar ela".

Nessa hora, vendo minha vaquinha presa ao cocho pela corrente, com aquele olhar tristonho que só as vaquinhas sabem ter, lambendo os beiços com a mistura de napier picado com farelinho de trigo, pensei aqui com os meus botões: "Perco o empréstimo, vou à falência, mas dou uns cascudos neste menino".

Felizmente fiquei no pensamento, pois o subgerente de crédito rural do BB se adiantou e fez aquilo que todo o pai deve fazer com os filhos mal-educados e mal-intencionados: deu-lhe uma bolacha, que o guri deve estar chorando até agora.

Ele chorando e eu rindo, na maior felicidade, com os caraminguás que me permitiram sair do sufoco. Entre mortos e feridos, paguei todas as dívidas e não devo um tostão ao BB. Por isso, fico muito à vontade para louvar a correção de seus funcionários, todos eles meus amigos até hoje, que não dependo deles, nem eles de mim. Fica o registro. ☺

Um amor de causar inveja

De geração em geração, a Cabanha São João, de Dom Pedrito/RS, segue criando ovinos merino australiano, a raça número um em termos de qualidade lanígera. Indiferente à desvalorização do produto, o senhor Afonso Machado há 35 anos dedica sua vida à ovinocultura. Ele e os familiares têm um carinho especial por estes animais, um verdadeiro amor de pai para filho, como o próprio criador define. Quando as fêmeas estão na época de parir, sempre alguém dorme junto delas, pois além do valor sentimental, está em jogo o financeiro. Um borrego, filho de pais importados da Austrália, não sai por menos de US\$ 3 mil. E a partir dos 30 dias, caso a mãe não tenha condições de alimentar a cria, essa tarefa fica aos cuidados de uma pessoa, por um período que pode se estender a um ano de vida do animal. Na foto, o seu Afonso com os dedos na boca do carneiro, que à toa os chupa, na esperança de sugar um leitinho.



va de novos criadores. À noite, foram convidados pelos pecuaristas para participar de um jantar especial, com menu "surpresa". Não deu outra. Quando se deram conta estavam saboreando uma galinhada e não tiveram outra opção senão a de "relaxar e aproveitar". É por isso que Célia fica arrepiado quando a cotação baixa. "E caso surja algum cabanheiro disposto a comprar todos os grandes campeões, vamos pensar muito bem antes de negociar," avaliou.

Galinha premiada na panela, não!

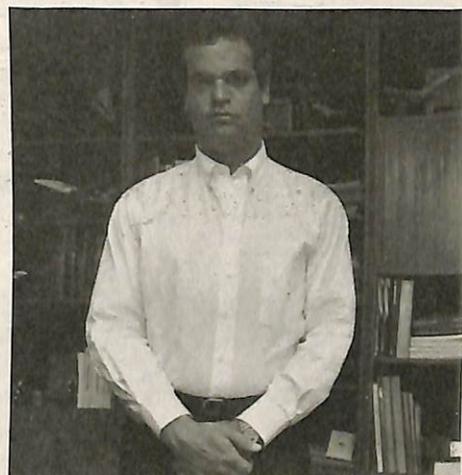
O presidente da Associação Rio-grandense dos Criadores de Aves Domésticas de Raças Puras, Sérgio Célia, anda preocupado com os preços baixos alcançados pelas aves nas exposições, em especial as premiadas, cotadas entre Cr\$ 100 e Cr\$ 600 mil. Esse fato poderá ressuscitar um episódio nada agradável ocorrido há alguns anos numa feira de Uruguaiana/RS, fronteira com Argentina. Lá, certa vez, uns criadores de gado que tiveram seus animais premiados como grandes campeões foram no pavilhão das galinhas e compraram todas as vencedoras. Os avicultores ficaram muito satisfeitos, num primeiro momento, pois acreditaram que se trata-

Agricultura para cego ver

A Organização Mundial da Saúde estima que entre 0,5% e 1,0% da população dos países subdesenvolvidos apresenta deficiência visual grave, o que em termos de Brasil significa cerca de 1,4 milhão de pessoas. Os grandes centros urbanos ainda têm algum tipo de programa para uma pequena fração dessa gente. No entanto, quem olha para o meio rural? Foi exatamente vislumbrando esse considerável contingente que o professor Syllas Fernandes Maciel, da Universidade de Jaboticabal/SP, implantou um curso de Educação Rural para cegos, visando a integração e até mesmo o retorno desta população a suas comunidades.

Este belo exemplo de Syllas começa a sair da universidade. Está sendo colocado em prática no município de Cachoeirinha/RS, zona pertencente à Grande Porto Alegre. Lá um projeto piloto está sendo executado com 30 deficientes, através da Fundação Gaúcha do Trabalho e Sistema Nacional de Emprego. Pelo menos nem tudo está às escuras, pois ainda existem pessoas que têm o dom de enxergar por quem não pode!

Efeito etílico liquida plantel



O álcool fez a cabeça dos empresários paulistas Sérgio Ometto e Fernando Altério. Mas no bom sentido, é claro. Eles dirigem a Usina da Barra (Destaque A Granja do Ano de 87 a 90), localizada em Barra Bonita, cerca de 300km da capital, e, como a produção de álcool vai muito bem, obrigado, resolveram liquidar o criatório de mangalarga, Haras da Cara, o qual deixou de ser prioridade. Assim, os investimentos serão canalizados para a produção de açúcar e álcool, em que a usina, no ano passado, bateu um recorde de moagem de cana com 7,027 milhões de toneladas. Só em álcool foram produzidos 347,67 milhões de litros, e colhidas 7,6 milhões de sacas de cana, o equivalente a 380 milhões de toneladas de açúcar. Na reta de chegada, deu a dupla açúcar e álcool na cabeça.

Deflagrada guerra contra os prazos



Uma corrida entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai está acontecendo em suas chancelarias para que juntos cheguem, no ano de 1995, aonde os europeus ainda não chegaram.

O tempo é curto, mas a vontade de suprimir barreiras impostas por antigas estratégias, nem sempre de "boa origem", fará o milagre da velocidade burocrática e do reconhecimento mútuo de que somos um mercado a ser descoberto

Por Francisco Oliveira

Há pouco mais de um ano, o Congresso Nacional aprovava a adesão do Brasil ao Mercosul, selando o que diplomatas e os presidentes do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai vinham costurando fazia algum tempo. Tornava-se, assim, irreversível o pacto econômico com o qual se promete enfrentar blocos da Europa, Ásia e América do Norte, e em que se depositam espe-

ranças no sentido de sermos mais competitivos e também de podermos vender mais e alavancar o crescimento da economia. E, conseqüentemente, viver melhor.

Do ponto de vista da teoria econômica, é perfeito. Socialmente falando, também. Sepultada a guerra fria que existia por estas bandas do mundo, e que, na época dos governos militares, condenou nossas fronteiras ao subde-

envolvimento, sob o fantasioso temor de que tanques argentinos cruzassem o rio Uruguai para incorporar o Rio Grande do Sul, estávamos dando uma guinada geopolítica.

A invasão vai acontecer. Mas não será de tanques nem de soldados, e por isso não são os militares que devem ficar preocupados. Ela se dará na forma de produtos agrícolas com identificação portenha, pois, enquanto

o Brasil se preparou para enfrentar tanques, os argentinos concentraram suas forças no segmento produtivo. Os regimentos agropecuários avançaram tanto hoje que são colocados entre os mais competitivos do mundo.

“Estamos caminhando como gado para o matadouro”

Em contrapartida, os nossos, sufocados pelo controle estatal, fixação burocrática, manipulação política de preços e intervenções permanentes nos mercados, estão, em algumas áreas, entre os mais atrasados. Somando a isso, as terras férteis argentinas, com camadas de húmus de até quatro metros de profundidade, sem necessidade de adubação e outros cuidados que aqui são vitais, os parceiros do Prata não vão simplesmente cruzar a fronteira com suas carretas lotadas de trigo ou farinha, maçã, conservas, vinhos, cebolas, alhos e produtos lácteos.

Eles vão massacrar nossos produtores dessas áreas vulneráveis, porque, se contrapondo à velocidade com que avançaram os entendimentos para acelerar o Mercosul, foi lenta a preparação de nosso país para enfrentar essa concorrência. E foi desastrado o comportamento dos diplomatas brasileiros que negociaram os passos iniciais da implementação do Mercosul no que se refere ao setor primário.

Usando uma figura de linguagem bastante simples para ser compreendida por todos, o secretário de Agricultura de São Paulo, com a responsabilidade de quem não apenas representa o setor primário do Estado mais poderoso da Federação, mas ainda é o coordenador do Fórum Nacional dos Secretários de Agricultura e Reforma Agrária, sentencia: “Estamos caminhando como gado para o matadouro”.

Esse medo não se dá pelo fato de os argentinos contarem com alguma arma secreta para nos derrotarem. Ocorre que, além de disporem de terras extremamente produtivas, conhecidas como “la Pampa”, possuem um sistema tributário realista, sem a ganância do “leão” brasileiro.

Impostos e custos são maiores que os dos argentinos

Um estudo dos economistas Luis Carlos Vitali Bordin e Eugenio Lage-mann, da Secretaria da Fazenda do Rio Grande do Sul, revela que, entre 1980 e 1990, enquanto o Brasil elevou em 21,7% as suas receitas tributárias, a Argentina reduziu-as em 27,8%. Paraguai e Uruguai ficaram estáveis. E, em decorrência dessa situação, ocorrem impactos variáveis nos mais diversos itens da cadeia produtiva, significativos o bastante para determinar de que lado vai ficar o lucro.

Levando em conta apenas a característica peculiar de “la Pampa”, a extraordinária produtividade natural de seus solos e a planura dos campos, os argentinos já dispararam com custos entre 38% e 58% menores, em comparação com os de seus competidores, por exemplo, do Rio Grande do Sul. O cálculo é feito pelo economista João Carlos Medeiros Madail, do Centro Nacional de Pesquisas de Frutíferas de Clima Temperado, da Embrapa, sediado em Pelotas.

Da mesma cidade vem uma advertência, formulada pela Agapê — a maior indústria de conservas de frutas do País — à Comissão para Assuntos do Mercosul, constituída pela Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul: em decorrência dos elevadíssimos juros reais praticados no Brasil, uma lata de pêssego que, em julho, te-

nha o valor de um dólar, chega a dezembro com um custo de 70% a 90% maior do nosso lado da fronteira, e apenas 7% mais elevado na Argentina. Como são as indústrias, e não os supermercados, que bancam os estoques, não é preciso grande esforço de raciocínio para entender o que vai acontecer quando, em 1º de janeiro de 1995, as portas estiverem completamente abertas. Sem providências, haverá uma quebra geral, adverte o presidente da Agapê, Hugo Poetsch.

A dúvida: teremos consenso no tempo necessário?

Outra questão relevante no relacionamento entre quatro países é a inflação. Ela só não é estável no lado brasileiro. O mesmo pode-se falar da instabilidade política e dos seus efeitos sobre a economia. A seguir vem o câmbio, outro ponto que exigirá uma unificação e, por fim, todas as políticas macroeconômicas, incluindo legislações previdenciária e trabalhista. Conseguiremos fazer tudo isso a tempo, ou seja, até 31 de dezembro de 1994?

Atente-se, antes da resposta dos especialistas e das pessoas que acompanham mais de perto o Mercosul, que nem mesmo o consenso interno é obtido, em incontáveis oportunidades. São conhecidas as dissensões no Confaz, o órgão do qual participam todos os secretários estaduais de Fazenda, e que é responsável pelo gerenciamento político do ICMS. O consenso não só



“La Pampa” se caracteriza por planuras e terras ubérrimas

Foto: Secretaria de Turismo de La Nación-Argentina

é difícil, como, muitas vezes, as pessoas que sentam lado a lado voltam a seus Estados para administrarem guerras de incentivos, disputando indústrias dos vizinhos.

Ou, preocupadas unicamente em forrarem os cofres estaduais, se esquecem de proteger segmentos produtivos importantes, não abrindo mão de poucos, mas decisivos pontos percentuais que podem determinar a sorte de muitas indústrias. Foi em decorrência de um desses episódios, em que houve a sensibilidade de um Estado e a falta de outro, que Santa Catarina conseguiu retirar a supremacia gaúcha na produção de suínos e que até recentemente tornava muito mais tranquila a situação de suas empresas avícolas.

Sendo assim, será mais fácil o consenso entre quatro países? Parta-se do pressuposto que sim e que, antes disso, os Estados e a União brasileira também se entendam no sentido de reduzir os seus impostos a níveis compatíveis com os da Argentina, Uruguai e Paraguai, de harmonizar o câmbio, as políticas macroeconômicas e, particularmente, as políticas agrícolas. Ainda nessa hipótese, bastante otimista, restarão duas questões igualmente muito importantes: até lá é preciso deflagrar os processos de reconversão nos quatro países, para tecnificar ou substituir as culturas deficitárias que não tenham condições de competição. E, para tudo isso que se faz necessário, há muito pouco tempo.

Técnicos dizem que cronograma pode ser cumprido

O secretário Nacional de Política Agrícola do Ministério da Agricultura e coordenador do Subgrupo 8 (encarregado das discussões relacionadas com o setor primário) do Mercosul no lado brasileiro, Celso Matsuda, afirma que existe um cronograma "rígido" e que ele está sendo cumprido. Pessoalmente, e enfatizando a sua posição de encontrar-se no lado do governo, diz acreditar na possibilidade de cumpri-lo. Mas, ao mesmo tempo, desafia uma série de condicionantes, a começar pela aprovação da reforma fiscal no Congresso, primeiro passo para começar a mexer nos impostos brasileiros, que estão muito elevados. E, ain-



Barros Munhoz, secretário da Agricultura do Estado de São Paulo

da, a aprovação das propostas de modernização dos portos, um item importantíssimo que está sobrecarregando nossos custos.

O setor privado reconhece esses esforços mas, ao mesmo tempo, atordoia-se com tanta mudança. "Nunca estive em duas reuniões em que os representantes brasileiros fossem os mesmos, enquanto os dos outros países nunca mudam", diz Frederico Gunnar Dürr, presidente da poderosa Cooperativa Central Gaúcha de Leite (CCGL) — que beneficia 62,7% de todo o leite gaúcho que entra nas indústrias — e de seu braço argentino, recentemente adquirido — a Levino Zaccardi y Cia. S.A., de Buenos Aires, uma fábrica de queijos duros que exporta para vários países, e que "nos permitirá conhecer melhor o outro lado".

E, como já conhece melhor o outro lado, ele dá a receita que, pelos seus resultados, tem a concordância de todos os segmentos produtivos brasileiros: "só há duas maneiras de ganhar dinheiro — vendendo caro ou produzindo barato. Como vender caro está proibido, só resta produzir barato, e para isso temos que investir em tecnologia, o que vale para todas as áreas". Perfeito, mas do ponto de vista de outras lideranças, persiste o problema dos prazos.

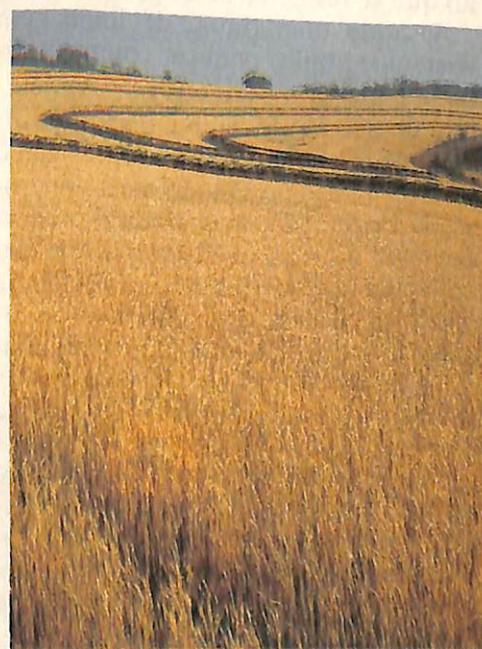
Para o secretário de Agricultura de São Paulo, Barros Munhoz, "estamos sob uma ditadura de prazos com o Mercosul". "O governo federal", diz ele, "quer puxar o carro com a inexo-

rabilidade das datas. Acha que, fixando prazos, as coisas acontecem, mas esse é um raciocínio errado. As coisas, ou seja, as medidas necessárias, precisam acontecer antes. E depois, então, podem-se estabelecer os prazos. Mas está ocorrendo que estão colocando o carro na frente dos bois".

Contradição federal penaliza produtores mais competentes

E ao mesmo tempo em que se coloca o Mercosul como um meio de aumentarmos nossa competitividade, mediante o esperado aumento das produtividades, o próprio governo federal penaliza os produtores mais competentes e que alcançaram maiores rendimentos por área, revogando a portaria que descontava parcelas consideráveis do Imposto Territorial Rural dos proprietários que obtivessem índices melhores, reclama Munhoz. Assim, acrescenta, o "mais recomendável" neste momento é adiar os prazos do cronograma da plena abertura do Mercosul.

Luiz Lourenço, presidente da Cooperativa dos Cafeicultores de Maringá, no norte do Paraná, de onde ele acha que o trigo será expulso pela concorrência do Mercosul, ainda assim admite que, se não houvesse um prazo, o processo de integração seria muito lento. Mas, apesar do destino do trigo, que em sua região é



No trigo, nosso rendimento/hectare ainda está "muito lejos" dos argentinos

COLINA:

Através de um processo industrial avançado, a BASF lança no Brasil a Colina pó (a 50%) e líquida (a 75%), a vitamina B4 essencial para o crescimento, saúde e reprodução dos animais. A Colina é um complemento importante nos

A NOVA

fosfolipídeos e imprescindível no metabolismo dos lipídeos. Favorece a distribuição dos ácidos graxos pelo organismo animal, evitando uma sobrecarga lipídica ao fígado. Com esse suplemento alimentar, aves, suínos e outros ani-

FORÇA

mais apresentarão uma melhoria em seu desenvolvimento. Converse com um dos nossos técnicos a respeito da formulação, custo, garantia de qualidade e entrega de mais este lançamento na linha de nutrição animal da BASF.

DA BASF.

Rua Basílio da Gama, 77
9º andar
Tel (011) 258.8644
Telex (11) 37750
São Paulo

Nutrição Animal

BASF

sobrecarregado por uma carga de doenças difícil de controlar em condições econômicas, o empresário já está distante de regiões que, pela proximidade dos países vizinhos, serão muito atingidas.

É o caso de Santa Catarina, onde o secretário de Agricultura, Cairu Hack, estabeleceu o prazo que Munhoz, em São Paulo, fez questão de não recomendar. No seu entender, a data ideal para o funcionamento pleno do Mercosul seria 1999, "pela proximidade com o ano 2000, que é mágico". Até lá "daria para nos prepararmos com mais racionalidade e eficiência". E



Carlos Cardinal, secretário da Agricultura e Abastecimento do RS

no Rio Grande do Sul, destacando que "a título de sermos modernos não podemos destruir nossa economia", o coordenador estadual do Subgrupo 8 e assessor de política agrícola do secretário de Agricultura, Carlos Cardinal, ainda alerta: "não podemos ter integração sem que tenham sido vencidos todos os passos. O governo federal está atropelando. Decretou o Mercosul



Perfil dos países do Mercosul

	Brasil	Argentina	Uruguai	Paraguai
Superfície (km ²)	8.511.965	2.766.889	176.215	406.750
Pop. (milhões hab.)	144,4	32,0	3,1	4,0
PIB (US\$ milhões)	329,2	85,9	9,0	5,9
Renda p.capita (US\$)	2280	2685	2.908	1.493
Exp. de vida (anos)	64,9	70,6	72,0	68,9
Dív. ext. (US\$ bilhões)	121,0	67,5	6,9	2,1

Fontes: CEPAL, Ministério das Relações Exteriores, Revista Aves & Ovos e Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Social do Rio Grande do Sul.

sem falar com os governos estaduais e sem ouvir os setores produtivos".

Relações de mercado não se estabelecem por protocolos

No seu entender, poderiam se abrir as portas, em 1995, para os produtores que já contam com acordos setoriais. Para os demais, deveriam ser fixados novos prazos. E estes prazos, afirma, precisariam ser determinados pelos representantes desses setores e dos governos. Isso é o que o presidente da respeitada Cooperativa Triticola Serrana de Ijuí (a Cotrijuí), Ruben Ilgenfritz, define como deixar que a velocidade da integração seja determinada pela possibilidade de "concretização dos objetivos".

Não obstante ele admita que o Mercosul terá o aspecto positivo de profissionalizar a atividade agrícola, ou seja, de fazer com que cada produtor se transforme em um empresário voltado claramente para a necessidade de ter lucro em sua atividade, ao mesmo tempo também reconhece: "relações de mercado não se fazem com protocolos". Assim, diz Ilgenfritz, manter o cronograma de abertura total em 1º de janeiro de 1995, significará penalizar o setor primário com o sucateamento. Ele quer que o produtor seja "sujeito do processo" e que, de outro lado, "as decisões técnicas se adaptem à realidade".

Conhecedor dessas apreensões, o ministro da Agricultura, Antônio Cabrera, um produtor bastante respeita-

do em todas as regiões produtoras do País, não vê pela mesma ótica a questão. Mas tranquiliza os segmentos em questão: "ainda faltam dois anos para a data limite". Diz não acreditar em uma derrocata de determinadas áreas, anuncia que já foi proposta ao Ministério da Economia a alocação de linhas de crédito para reconversão (350 milhões de dólares para os Estados do Sul, dos quais 130 milhões apenas para o Rio Grande do Sul), mas reconhece: "temos que acelerar ao máximo a uniformização das políticas agrícola, tributária e, mais próximo à data, veremos se é necessário prorrogar algum prazo".

Processo rápido que já duplica os negócios

A criação do Mercosul remonta a julho de 1986, quando os presidentes do Brasil e da Argentina assinaram em Buenos Aires o Protocolo de Integração e Cooperação Econômica, que tinha entre os objetivos principais uma abertura seletiva dos seus mercados e a complementação econômica. Em 1988, com o Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento, acordou-se a liberação total do intercâmbio comercial no prazo máximo de dez anos, quando não existiriam mais barreiras alfandegárias.

Nessa ocasião, foram assinados 24 protocolos estabelecendo procedimentos a serem adotados nas mais diversas áreas, até a concretização da liberação total do intercâmbio comer-

cial. Em 20 de dezembro de 1990, esses protocolos foram reunidos no Acordo de Complementação Econômica Nº 14, base da atual configuração do Mercosul. Em 6 de julho de 1990, em Buenos Aires, os presidentes brasileiro e argentino fixaram 31 de dezembro de 1994 como a data máxima para o ajuste das economias dos dois países de forma que, em 1º de janeiro de 1995, pudessem ser eliminadas todas as barreiras, e houvesse a livre circulação de mercadorias.

Entrada do Uruguai e Paraguai resultou na criação do Mercosul

No seguinte mês de agosto, Uruguai e Paraguai foram convidados a se integrar ao processo e, em 26 de março de 1991, assinou-se na capital paraguaia o Tratado de Assunção, constituindo formalmente o Mercosul, com a reunião dos quatro países. Tendo uma população total de quase 200 milhões de habitantes, uma área de

12,3 milhões de quilômetros quadrados, eles possuem juntos uma Produto Interno Bruto de 623 bilhões de dólares, uma dívida externa de 197,5 bilhões de dólares, exportam mais de 70 bilhões de dólares e importam em torno de 25 bilhões de dólares, claro que com a liderança do Brasil em todos esse itens. Os quatro países detêm 41% do rebanho bovino do Ocidente e são responsáveis por 13% da oferta mundial de carne, 33% da soja em grão, 48% do óleo de soja e 54% do farelo.

Embora seja o principal mercado e motor da economia da região, o Brasil, por outro lado, tem os maiores problemas sociais. A renda per capita, que chega a 2.908 dólares no Uruguai e 2.685 dólares na Argentina, cai, em nosso país, para 2.280 dólares. Enquanto esses dois parceiros concentram, cada um, 13% de sua população na situação de pobreza, o Brasil alcança 40%, segundo estatísticas que, à esta altura, são conservadoras. Também lideramos o ranking do analfabetismo: 18,9% da população, contra 4,7% no Uruguai e Argentina e 9,7%

no Paraguai.

Revertida tendência da balança: Brasil passa a ter superávits

O Grande parceiro do Brasil será, obviamente, a Argentina, por ter uma população maior — acima de 32 milhões de habitantes. O grosso do nosso intercâmbio como esse país sempre envolveu a predominância de produtos industrializados na exportação, e a importação de produtos primários. Os déficits ou superávits na balança comercial têm oscilado ao sabor dos ventos do câmbio — com o peso valorizado em relação ao dólar (como ocorre neste momento) aumentam nossas vendas e, quando se dá o contrário (caso de 1989 e 1990), inverte-se o fluxo. Nesses dois anos, a Argentina teve um superávit comercial de 1 bilhão e 272 milhões de dólares. No ano passado, a performance também lhe foi favorável, embora mais modestamente: 29 milhões de dólares.

RACIONALIZAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DE UNIDADES ARMAZENADORAS EXISTENTES E EM IMPLANTAÇÃO.

CONTROLADOR PROGRAMÁVEL

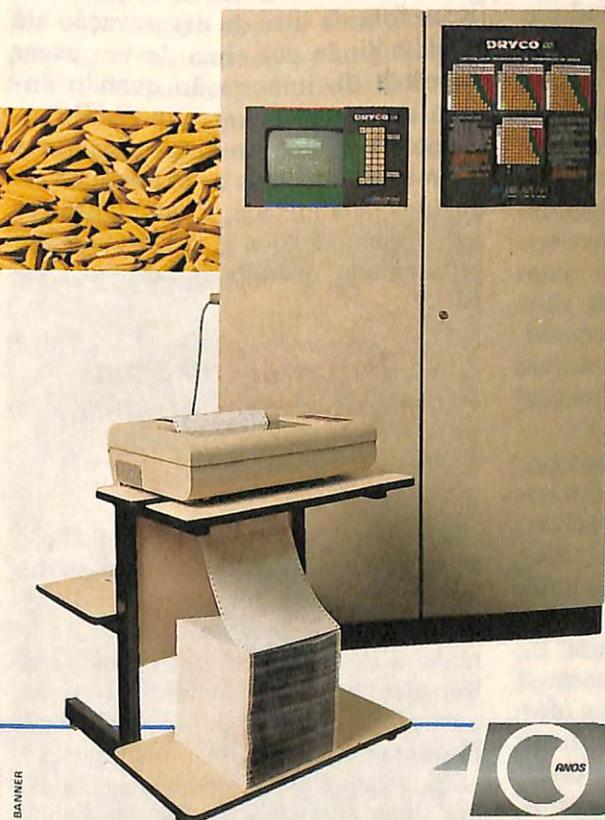
DRYCO

Monitor para correta aplicação em cada ciclo de secagem, resfriamento e conservação de grãos através de Aeração e Termometria durante as 24 horas/dia e 365 dias/ano.

LINHA DE PRODUTOS

- AERAÇÃO
- TERMOMETRIA
- DRYCO/Quadro de Interligação
- FRIOEQUÁVEL
- Quadros de Comando
- Automatização de registros: Moegas, Graneleiros e Silos
- Secador Exaustor
- DRYMASTER - Secador Acoplado na Colheitadeira
- Acessórios e componentes: Distribuidor de grãos, Lanternins em fibra de vidro e Ventiladores
- Treinamento Técnico Operacional

PRÊMIO GERDAU
MELHORES DA TERRA



BANNER



TECNOLOGIA COM GARANTIA
dryERATION

DIVISÃO
COMERCIAL



RUA AMÉRICO VESPÚCIO, 100 - FONES: (051) 342-8577 e 342-8683 - TELEX: 51-3118 DRYE BR - FAX: (051) 342-5257 - CEP 90550-030 - P. ALEGRE - RS

Como consequência da excessiva valorização do peso, que incentiva as importações e prejudica as exportações argentinas, a balança comercial voltou a ser favorável ao Brasil neste ano, dando um superávit de 960 milhões de dólares até o último mês de julho — e de um total de 998 milhões de dólares, considerando também o Uruguai e Paraguai — acreditando-se que possa chegar, ao final do ano, a 1 bilhão e 100 milhões de dólares.

Justamente por isso aumentaram as pressões da União Industrial Argentina, para que o governo de seu país imponha restrições às importações brasileiras. Foram anunciadas investigações para detectar a prática de *dumping* em alguns produtos, entre os quais há um item do setor primário, os frangos frescos. Provavelmente, os processos não seguirão adiante, e o Brasil, para aplacar os ânimos dos empresários do país vizinho, deverá aumentar as compras nos seus mercados. E aqui entrou um item agroindustrial, a farinha de trigo, cujo prazo para a venda das 200 mil toneladas acordadas estava sendo perdido pelos industriais argentinos. O governo brasileiro prorrogou a data.

Brasil administra mal e vem perdendo com a integração

Enquanto a nossa lista de exceções contemplou produtos que representavam uma exportação anual para a Argentina da ordem de 15 milhões de dólares, a lista dos argentinos envolvia um montante de 33 milhões de dólares. Isto significa que, para cada milhão de dólares contemplado pelo protecionismo no lado brasileiro, existem dois milhões na Argentina. Numa lista comum negociada complementarmente entre o Brasil e Argentina, nomeando produtos que teriam alíquota zero, mas que até 1994 contariam com um regime de cotas, a partir das quais existiria uma taxa, continuaram as deficiências de gerenciamento brasileiro: nossos vizinhos aceitaram a inclusão do cacau mas, em contrapartida, incluíram em seu benefício os produtos lácteos, frutas de clima temperado já processadas e subprodutos da pecuária, áreas em que nosso setor primário é bastante vulnerável.

Mas, não bastasse tudo isso, não sabemos utilizar, nos momentos adequados, as cláusulas de salvaguardas, às quais se pode recorrer sempre que um determinado produto passa a ter importações significativas em um curto período. Entre outros produtos, em 1989 as importações de mel (não obstante o "sabor de capim" decorrente de sua origem nas floradas de trevo-branco e alfafa) cresceram 420%, e as de laticíneos, 993%. Observe-se que, enquanto a Argentina inundava nosso mercado com lácteos, fazia importações subsidiadas de leite em pó da Comunidade Econômica Européia.

O agro brasileiro está em desvantagem

E, não obstante termos ignorado a possibilidade de recorrer às salvaguardas no momento oportuno (o que prejudica bastante o Brasil pelo fato de que nunca podem ser impostas cotas inferiores à média dos volumes físicos importados nos últimos três anos, e o aumento das exportações argentinas resultou, portanto, em uma elevação substancial das médias), ainda sustentamos a preços de mercado uma intermediação feita a valores subsidiados, em prejuízo de nossos produtores.

De um outro lado, os argentinos foram os primeiros a reclamar, tanto no ano passado como nas últimas semanas, quando o governo americano ofereceu aos nossos moínhos vendas subsidiadas de trigo, prontamente rejeitadas pelo Ministério da Agricultura. E, nas rodadas de negociações, contra a transparência de dados de custos oferecidos pelo lado brasileiro, evitam abrir as suas planilhas em áreas críticas, como a das conservas, ou simplesmente não comparecem com seus representantes do setor privado, como

Comércio bilateral Brasil - Argentina - 1986-1992

(em US\$ milhões)

ARGENTINA		BRASIL	
ANOS	SALDOS	ANOS	SALDOS
1986	54,6	1987	251,7
1989	527,2	1988	272,2
1990	771,6	1992*	543,0
1991	29,0	Total	1.066,9
Total	1.383,4	*JANEIRO A JULHO	

Fonte: BB



aconteceu no mês de agosto em São Paulo. Na reunião quadripartita do Subgrupo 8 do Mercosul, realizada na primeira quinzena, não compareceram, por exemplo, os representantes privados argentinos dos segmentos de aves e ovos e pescados.

“O agro brasileiro passa, agora, para uma posição de desvantagem nas exportações”, deixa claro o estudo elaborado para a Ocesp. Ocorre que “os produtos brasileiros importantes ficam fora da lista de desgravação até 1994, e ainda por cima devem pagar impostos de importação quando entram no mercado argentino”. E, enquanto isso, “os produtos argentinos tiveram os impostos de exportação reduzidos pela metade, e, em alguns casos, foram zerados e têm tratamento privilegiado quando entram no Brasil”.

Parceiros começam a utilizar a contramão para se proteger

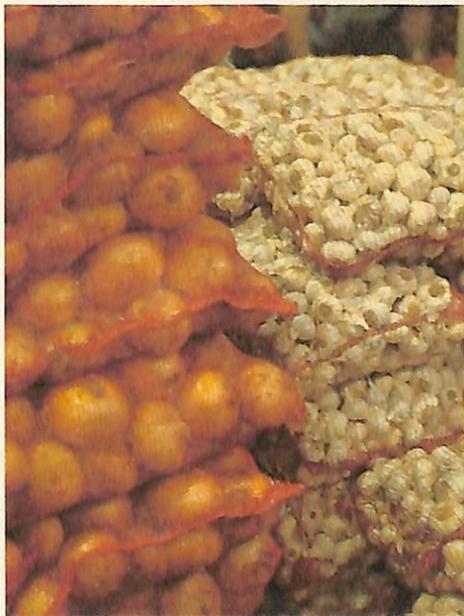
De outra parte, cresce a imposição de barreiras não tarifárias, disfarçadas em alguns casos por alegações de ordem sanitária. É o caso de procedimentos do Paraguai e Uruguai, que impedem a entrada de nossos frangos, e da própria Argentina, ao estabelecer inúmeras dificuldades burocráticas, como a de exigir o registro das vendas em dois órgãos públicos. Em outra iniciativa que está na contramão do



Eugenio Lagemann, da Secretaria da Fazenda do RS

Mercosul, citada pelo diretor do Instituto de Economia Agrícola — IEA, de São Paulo, Pêrsio Junqueira, o Paraguai subsidiou seus produtores de algodão — que nos exportam volumes substanciais — em mais de 70 milhões de dólares, no ano passado. A mesma contramão foi tomada em junho deste ano pela Argentina, ao taxar nossas vendas de açúcar em cerca de 30%.

Há que se estender, no entanto, que mecanismos de defesa como esses, ainda que na contramão e prejudiciais ao Brasil, são compreensíveis do ponto de vista dos produtores dos países que são nossos parceiros. Da mesma



Cebola e alho da Argentina estremece o produtor brasileiro

Assessoria de comunicação da SF/RS

forma que poderíamos estar fazendo em relação às conservas, produtos lácteos, alho e cebola. E não fazemos. E, quando fazemos alguma coisa, ainda prejudicamos gravemente nossos produtores e ajudamos os concorrentes, como ocorreu “estranhamente” no início deste ano, cita Pêrsio Junqueira, do IEA.

Enquanto a Argentina promete que o açúcar (um dos produtos mais sensíveis para sua economia) será o último item a ser retirado da lista de exceções, o nosso comportamento em relação a produtos sensíveis vem sendo oposto. Ou seja, eles são os primeiros a ser retirados, conforme o exemplo citado por Junqueira. Sem que se conheçam as razões, o Itamaraty, em janeiro último, independente de qualquer consulta ao segmentos interessados, retirou alho e cebola da lista brasileira de exceções.

Governo precisa consultar todas as partes envolvidas

Já importamos neste ano cerca de 80 mil toneladas de cebola, correspondentes a toda a produção gaúcha. Foi o segundo ano em que se importou cebola na safra, mas, agora, as conseqüências foram bem mais danosas e tiveram uma dramática repercussão social. Os abandonados ceboleiros gaúchos, que ocupam uma península sem qualquer infra-estrutura, entre a Lagoa dos Patos e o mar, no vazio econômico que há entre Porto Alegre e Rio Grande, no extremo leste do Estado, jogaram fora 30 a 40 mil toneladas, quase metade da produção, cujo cultivo levou-os a se endividar nos bancos.

Neste momento, quando preparam uma nova safra cujo destino é ainda mais incerto do que aquela de um ano atrás, completamente frustrada ao chegar ao mercado, eles “passam fome e podem até vir a invadir cidades”, adverte o coordenador estadual do Subgrupo 8, Floriano Isolan, da Secretaria de Agricultura. Próximo dali, no berço econômico do Estado, Pelotas, os produtores de pêssego assistem indignados à falta de providências para a importação claramente subsidiada de conservas, que está se pultando um dos mais importantes

QUEM É CAMPEÃO DE QUALIDADE NÃO PRECISA PROVAR NADA. É DE CONFIANÇA.



NELORE CAMPEÃ.



ARAME CAMPEÃO.

A Casinha, esta beleza de vaca nelore, é uma reservada grande campeã. O Belgo Z-700, o arame ovalado da Belgo-Mineira, também não deixa por menos: é campeão de qualidade. Todos os dois são fora-de-série. O Belgo Z-700, por exemplo, é super resistente, tem uma grande maleabilidade e é de fácil aplicação. Para um animal como a Casinha, a gente tira o chapéu. Se juntar com um arame como o Belgo Z-700, então é covardia. Belgo Z-700. A proteção completa.



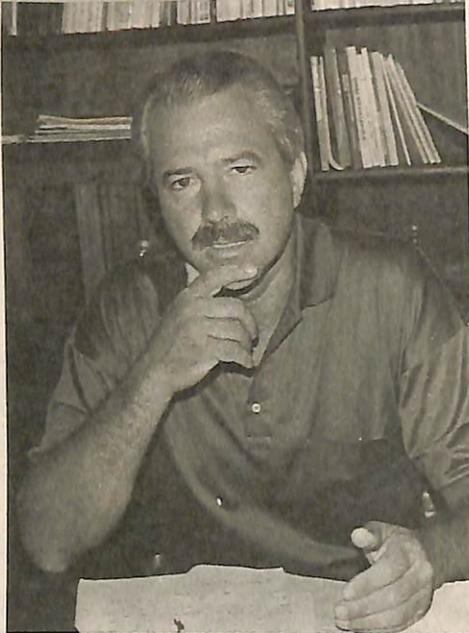


Foto: A. Grunja

Floriano Isolan, coordenador do Subgrupo 8 no RS

segmentos industriais da Zona Sul do Rio Grande.

Como o Mercosul representa uma decisão amadurecida de quatro países soberanos que optaram pela integração, não para destruírem suas economias, mas para buscarem a sua complementação, com o objetivo de competir em melhores condições em terceiros mercados, práticas como essas não podem continuar. Esta é a advertência que todos os segmentos produtivos do Centro-Sul estão insistindo em fazer, e que, por certo, deve ser levada em conta pelas autoridades encarregadas da administração do cronograma de providências visando a integração, e do andamento das negociações com os parceiros.

Por isso é que Pérsio Junqueira, um dos negociadores brasileiros, adverte que não pode mais se repetir a iniciativa do Itamaraty que condenou parte expressiva de nossa safra de cebola. Não basta unicamente estabelecer acordos com os parceiros — é preciso ouvir as partes que serão envolvidas por esses acordos.

Argentina exporta maçã, mas não quer receber a nossa

O intercâmbio comercial com a Argentina na área da maçã revela duas importantes facetas do Mercosul em seu atual estágio, que não podem nem persistir por muito tempo, nem se preservar quando do funcionamento pleno, a partir de 1995, se até lá não houver alguma alteração dos prazos fixa-

dos pelo atual cronograma. De um lado, para reforçar as advertências de erros que o governo brasileiro vem cometendo no gerenciamento dos passos que estão sendo dados com vistas à integração, assiste-se à importação da fruta, mesmo sabendo que nela foram utilizados inseticidas que são proibidos no Brasil. De outro lado, se percebe que a disposição para a prática do livre comércio na Argentina não é assim tão generalizada: embora agrade aos nossos vizinhos manter a condição de mais importante fornecedor de maçã, não apraz nem um pouco que nossa maçã, mais saborosa, entre em seu mercado.

Por incrível que possa parecer, a maçã brasileira ainda não pode ser exportada para a Argentina.

Não há uma proibição expressa, mas os negócios continuam vetados enquanto não houver uma normatização específica, que, estranhamente, vem sendo retardada.

O diretor do Frigorífico Gala, de Vacaria, no Rio Grande do Sul, e presidente da Associação Gaúcha dos Produtores de Maçã e Pêra — Agapomi, José Sozo, acredita que a normatização poderá ser definida até o final do ano. Mas ele não percebe muita pressa de parte dos argentinos, que, em uma das últimas reuniões onde deveria ser discutida a questão, realizada em seu próprio país, em Puerto Iguazu, não enviaram representantes do setor.

Argentina deixou de ser modelo para nossos produtores

Ocorre que, apesar da enorme desvantagem da maçã brasileira — cuja tributação equivale aqui a 35% da renda bruta obtida na comercializa-

ção, contra apenas 19% na Argentina — e dos custos de produção mais elevados (US\$ 4.000 contra US\$ 3.350), a nossa produção é muito competitiva. Observa-se bem isso no próprio mercado interno, onde a caixa de maçã argentina (que ainda paga uma taxa de 6,2% ao entrar no País, mas que não terá mais qualquer tributação a partir de 1995) é vendida por cerca de 13 dólares, contra 12 da brasileira. No final do ano, normalmente os custos se equivalem.

Diante dessa disputa em igualdade de condições, Sozo diz que a Argentina não é mais um modelo para a maçã brasileira, em razão da alta tecnologia que já empregamos em nossos pomares (os novos têm produtividades de



Foto: João Staub

As maçãs argentinas não mais fazem sombra à nossa produção; quanto às peras, a coisa fica bem diferente

até 70 toneladas por hectare, patamar semelhante ao dos melhores cultivos do país vizinho). E só não está mais avançada por falta de apoio do segmento de pesquisa.

De outra parte, vem da área técnica uma constatação de deficiências na fiscalização da maçã importada ou simplesmente de negligência de nossas autoridades, ao permitirem a entrada no País de maçã que recebeu aplicações com Dicofal e Imazaryl, defensivos que, embora liberados em outros lugares do mundo, são proibidos no Brasil. Além da questão básica de obrigar ao respeito das regras estabelecidas, essa liberação prejudica diretamente as empresas que estocam a maçã nacional. Ocorre que os defensivos aplicados na maçã importada reduzem em até 20% as perdas durante o período de armazenagem.

De qualquer forma, os produtores nacionais não estão assustados com a maçã argentina, até mesmo porque, segundo Sozo, há espaço para todos no mercado. Com um consumo previsto, para este ano, de 450 mil toneladas, o Brasil produziu apenas 380 mil toneladas e ainda está exportando entre 20 e 25 mil. Foram importadas 100 mil toneladas de vários países — 85% das quais da Argentina, e o restante do Chile, Estados Unidos, Canadá, Espanha e até da Hungria. Isto porque boa parte de nossa área com macieiras — 22 mil hectares — não está em produção. Calcula-se que ainda estejam na fase de desenvolvimento 40% dos 8.500 hectares ocupados no Rio Grande do Sul, e 20% a 25% dos 12 mil de Santa Catarina. A Argentina produz 1 milhão de toneladas, transformando um terço delas em sucos.

Tributos muito elevados ameaçam competitividade

De tantas questões que ainda estão pendentes e que podem travar a integração dos quatro países que constituíram o Mercosul, a mais importante e que precisa de uma solução rápida é a disparidade de impostos. Principalmente a que existe no Brasil e Argentina, que são os maiores exportadores e importadores da região. Portanto, os principais personagens no tabuleiro

País	Evolução das receitas tributárias dos governos centrais 1980 - 1990		
	1980	1985	1990
Brasil	100	110,6	121,7
Argentina	100	88,6	72,2
Uruguai	100	78,8	100,8
Paraguai	100	89,6	100,2

Fontes: CEPAL/Secretaria da fazenda do RS

dos negócios.

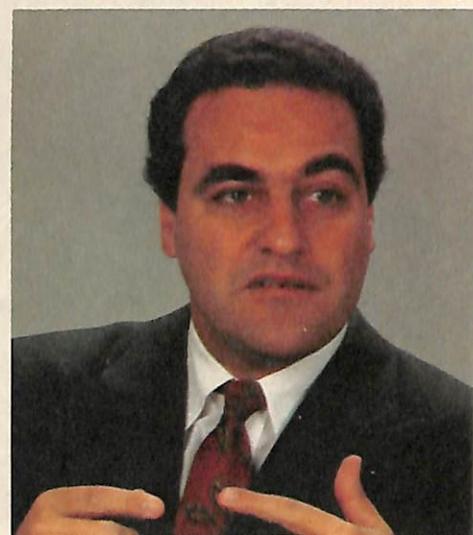
A situação é grave e cria distorções tão grandes, que, segundo o secretário Nacional de Política Agrícola e coordenador do Subgrupo 8 do Mercosul, Celso Matsuda, não se poderá pensar em integração sem que esteja resolvido o problema tributário. “O Brasil tem impostos muito altos”, diz ele. Portanto, não se trata de esperar que os outros países baixem os seus, mas, sim, de, aqui, reduzirmos os nossos.

O que torna esta questão ainda mais delicada é que, entre os impostos, o ICMS, base da receita dos Estados, é um dos mais importantes. E alterá-lo substancialmente implicaria em estrangular os Estados, que, mesmo na situação atual, já se ressentem da falta de recursos. E têm passado os últimos anos mendigando verbas na área federal ou procurando obter a renegociação de dívidas, numa ciranda muito semelhante à que a própria União exercita na órbita internacional

— jogando-as para o futuro, para que outras administrações as paguem.

“Não passará nenhuma reforma que tire dinheiro dos Estados”

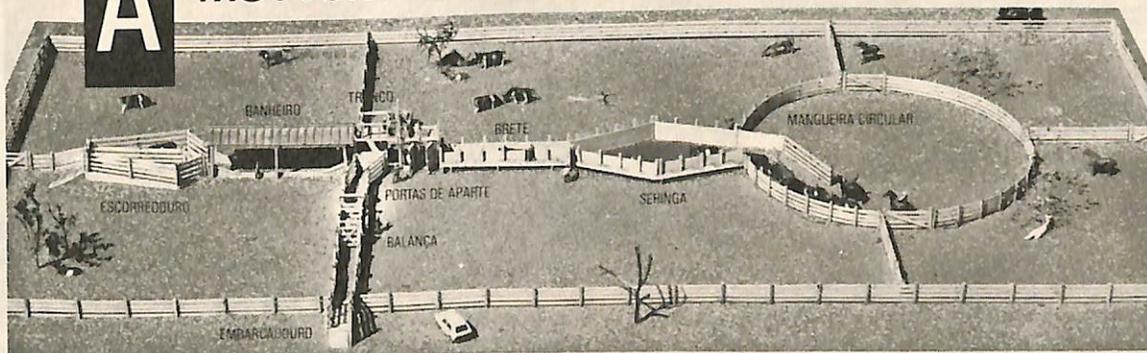
Num cenário como esse, pode-se cortar drasticamente as receitas dos Estados? “Não é essa a solução”, diz o secretário de Desenvolvimento Econômico do Rio Grande do Sul, Cláudio Ryff Moreira. Po- ▶



Cláudio Ryff Moreira, secretário do Desenvolvimento Econômico do RS

Foto: Antonio Vargas-SD/RS

A MUTTONI REALIZA SEU SONHO DE ONTEM



AMANHÃ DE MANHÃ.

TRADIÇÃO MUTTONI DESDE 1879

GUSTAVO MUTTONI & CIA LTDA.

Fábrica: Rua Porto Alegre, 120 - BR 116 - Km 285 - Cx. Postal 04 Fones: (051) 481.3533 - 481.3764 - Fax (051) 481.3385 CEP 92990-000 - Eldorado do Sul - RS

AS INSTALAÇÕES COMPLETAS MUTTONI OFERECEM QUALIDADE, RAPIDEZ E SEGURANÇA NO MANEJO COM BOVINOS, EQUINOS E OVINOS. TODOS OS ARTIGOS SÃO CONSTRUÍDOS EM MADEIRA DE LEI TRATADA. ASSESSORAMENTO E ASSISTÊNCIA TÉCNICA. PROJETOS ESPECIAIS - MONTAGEM E INSTALAÇÃO EM TODO O BRASIL.



O novo Ford F-4000 é o mais moderno sistema de transporte da cidade. Ele é uma mão na roda para quem trabalha com entregas rápidas. A começar pela nova cabina, que ficou muito mais confortável, facilitando a entrada e a saída. O novo sistema de freio, a nova transmissão e a suspensão recalibrada deixaram o F-4000 mais seguro, mais estável e muito mais gostoso de dirigir. Fora essas novidades, o F-4000 continua com o seu baixo custo operacional de sempre. Como o F-4000 é o caminhão mais vendido no Brasil, logo essas melhorias vão se espalhar por toda a cidade. E isso vai ser bom para quem compra e para quem dirige. Ou seja: o novo F-4000 é um bom negócio para todo mundo. Venha conhecê-lo no seu Distribuidor Ford.

Os caminhões da Linha F contam com uma ampla rede autorizada de 267 pontos de assistência técnica espalhados por todo o país. E mais o Plantão Ford Caminhões 24 Horas.



Banco moderno e confortável, inteiriço, em vinil ou revestido de tecido.



Conjunto de instrumentos integrado. Novo sistema de iluminação para melhor visibilidade. Alarmes luminosos e sonoros para baixa pressão de óleo e alta temperatura do líquido de arrefecimento.

FORD F-4000



Pense mais Forte. Pense Ford.

Este veículo está em conformidade com o PROCONVE.



Alguns itens apresentados são opcionais. Consulte o seu Distribuidor Ford.



**SE O SEU NEGÓCIO
É GANHAR DINHEIRO
COM ENTREGAS DIÁRIAS,
O CAMINHÃO É ESTE:
NOVO FORD F-4000.**





CAMINHÃO 4X4 TRAMONTINI

- * Tração 4x4, motor Agrale diesel, 18km/L.
- * Câmbio Clark, 5 marchas, chassi próprio.
- * Modelo basculante e carroceria/madeira.
- * Veículo especial para uso em fazendas.
- * Coleta de lixo nas prefeituras e uso interno em geral, para 1.600Kg de carga.
- * Procura-se distribuidor para o estado.

Tramontini
IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS LTDA.

RS 130Km 09 nº 8827
95.960.000 Encantado - RS
FONE E FAX : (051) 751.2400
TELEX : 510117

dem-se até diminuir algumas alíquotas, mas, no bolo total, o peso dos impostos em relação ao PIB, segundo a atual configuração, não deverá ser alterado. Ele considera que o mais lógico será haver uma elevação de impostos "do lado de lá", ou seja, na casa dos vizinhos. Aqui, afirma, "não passa hoje nenhuma reforma que tire dinheiro de Estados e municípios".

Com essa objetividade de Ryff para interpretar o que seguramente será uma decisão política, no momento em que, assim, ela estiver colocada no Congresso, fica muito claro como, até mesmo internamente, poderá surgir, daqui a não muito tempo, o grande impasse do Mercosul. E a Matsuda, a quem cabe coordenar os esforços que permitam encontrar o ponto de equilíbrio interno a partir do qual se busque a equalização externa, restará por certo muito trabalho. No escritório de São Paulo do Subgrupo 8, a disparidade tributária é um dos pontos que mais o preocupam. Afinal, enquanto nos outros três países do Mercosul os impostos agregados sobre a produção agrícola variam entre 15% e 17%, no Brasil eles alcançam de 25% a 42%.

Secretário diz que Brasil é que não é competitivo

O Brasil taxa os insumos, a comercialização e a exportação, com uma voracidade e um tal número de impostos que está sufocando a atividade produtiva. Somando-se a isso o crédito caro, a falta de recursos para pesquisa e o fato de não se colocar à disposição dos agricultores os instrumentos necessários para que se tornem competitivos, a conclusão a que chega o secretário de Agricultura de São Paulo, Luiz Antônio Barroz Munhoz, encontra pouca contestação: "não são os agricultores que não são competitivos. É o País que não é".

Embora não tenha feito explicitamente essa observação, um estudo do Sindicato das Indústrias de Óleos Vegetais do Rio Grande do Sul — Sindióleo, estabelece parâmetros que dão razão a Barros Munhoz. Uma tonelada de soja, que no Brasil tem um custo médio de produção da ordem de US\$ 175,96, na Argentina chega a apenas US\$ 136,52, não obstante os rendimentos médios serem semelhantes: 1.950 quilos por hectare na última safra e 2.019 quilos nas terras dos vizinhos.

A proximidade dos indicadores, entretanto, não passa daí. Os custos variáveis de nossos financiamentos representam 24 dólares por tonelada (3 na Argentina), e os impostos na comercialização chegam a 32 dólares (contra 11 na Argentina) pela mesma tonelada que, por hipótese, tenha um valor de 220 dólares. Como no Brasil se percorrem, em média, 895 quilômetros até os portos e, na Argentina, apenas 250, nossos fretes aos terminais marítimos custam, em média 28 dólares por tonelada (14 na Argentina e 10 no Rio Grande do Sul) e nossas despesas portuárias, que estão entre as mais altas do mundo, são escandalosas: 7 dólares por tonelada, contra 4 na Argentina.

Como imposto de exportação, ainda pagamos 13,65% pela soja em grão no Brasil (7,5% na Argentina), 11,75% pelo farelo de soja e 8,65% pelo óleo, enquanto no país vizinho estes dois produtos são taxados em apenas 1,5%, percentual que, atingin-



**ATENDIMENTO
MÉDICO-ODONTOLÓGICO
AMBULATORIAL E HOSPITALAR
ÀS EMPRESAS E PARTICULARES.**

FONE: 342-4242

Comparativo de produtividade - soja (US\$ p/ tonelada)

Itens				
	Brasil	EUA	Argentina	Paraguai
Cotação FOB (fictícia)	220	220	220	220
Frete ao porto	28	15	14	25
Despesa portuária	7	3	5	7
Impostos	30	0	16	0
Receita líquida	155	202	185	188
Custos de produção	175	185	137	-
Lucro ao produtor	-20	17	48	-
Receita/Preço FOB	0,71	0,91	0,84	0,85

Fonte: Sindicato das Indústrias de Óleos Vegetais do Rio Grande do Sul

do também outros itens exportados, é destinado automaticamente à pesquisa agrícola. Aqui, esta depende de recursos orçamentários, cada vez mais minguados.

“Qual é a lógica de você tributar o produto nacional e isentar o produto importado, que provém de um país com menores tributos?”, questiona o trabalho, referindo-se especificamente à Argentina.

Estados começam a preparar reconversão dos setores sensíveis

De qualquer forma, há que se avaliar exatamente o que vai acontecer. E, por isso, em todo o Centro-Sul, as Secretarias de Agricultura e outras instituições realizam estudos para determinar qual o impacto que o Mercosul terá em nosso setor primário. Ao mesmo tempo procuram compensar a lentidão do governo federal no sentido de deflagrar o processo de reconversão dos setores críticos, redirecionando os instrumentos de apoio que já possuem, para orientar os produtores.

É o que, por exemplo, a Secretaria de Agricultura de São Paulo fará com o seu Fundo de Expansão da Agropecuária e da Pesca, que vai mobilizar até mesmo recursos a fundo perdido, para tornar rentáveis pequenas propriedades que carecem de uma atividade econômica capaz de sustentar seus ocupantes. No Paraná, pretende-se importar vacas leiteiras para povoar pastagens das propriedades onde o trigo não apresentar mais, no inverno, o necessário rendimento.

Em Santa Catarina — onde o Instituto Cepa, da Secretaria de Agricultura, vem diagnosticando, desde agosto,

os produtos sensíveis com os quais o Estado (que é o primeiro produtor nacional de cebola, alho, maçã e mel, quatro dos itens que sofrerão a maior concorrência por parte da Argentina) poderá vir a sofrer — o secretário Cairu Hack vai mobilizar todos os fundos da pasta para apoiar os agricultores, e permitir o seu deslocamento para outras atividades.

Ele cita o Fundo Agropecuário e o Fundo de Desenvolvimento e Promoção Rural, que têm alocados para 1993, respectivamente, Cr\$ 10 e Cr\$ 5,6 bilhões. O Fundo Estadual de Pesquisa mobilizará mais Cr\$ 38,7 bilhões, tudo isso a valores de junho último. E já está em desenvolvimento o Programa de Profissionalização de Agricultores, que através de oito centros de treinamento, vem orientando os produtores catarinenses nas técnicas que lhes permitirão ter mais competitividade.

Rio Grande dá a largada substituindo lavouras improdutivas de uva

No Rio Grande do Sul, segundo o coordenador estadual do Subgrupo 8, Floriano Isolan, está sendo feito um diagnóstico de 21 produtos para,

“sem emocionalismo”, observar-se qual o impacto que o Mercosul terá na economia do Estado. “Depois disso é que dará para saber se será bom ou ruim”. Isolan acredita que, a partir desse trabalho, também deverão surgir, lá por junho do próximo ano, os primeiros projetos de reconversão de setores da economia primária do Estado.

Mas, por iniciativa da Cooperativa Vinícola Aurora, de Bento Gonçalves, isso já começou a ser feito. Estão sendo aplicados 30 milhões de dólares na substituição de vinhedos improdutivos e na diversificação das propriedades, voltando-as também para a produção de frutas, que serão a nova riqueza da serra gaúcha. Segundo o presidente da Aurora — a maior vinícola do País — José Alberici Filho, a cooperativa está quintuplicando a capacidade de sua indústria de sucos, que já produzirá cinco mil toneladas anuais a partir de 1994. Além da uva, industrializará também outras frutas, para fazer sucos, corantes, óleos de essências, pastas, geléias e ainda apoiará os produtores na comercialização *in natura* das colheitas.

O setor como um todo também está tomando as suas providências. A União Brasileira de Vitivinicultura — Uvibra, elaborou o Provitis, uma proposta para um Fundo de Renovação da vitivinicultura gaúcha, que tem entre seus objetivos financiar a erradicação de vinhedos obsoletos (que no momento ocupam 6.905 hectares), e implantar novos, em padrões competitivos, melhorar a infra-estrutura da região produtora e custear atividades alternativas. Os recursos sairiam de parte da arrecadação de ICMS do segmento vinícola, que é de 25 milhões de dólares, das indústrias, prefeituras, produtores e governo federal. O projeto todo está avaliado em 132 milhões de dólares.



Fonte: Uvibra

Competitividade dos vinhos da América Latina no mercado brasileiro (em US\$ por caixa - preços médios)

	Brasil	Argentina	Chile
Custo na origem - FOB	18,61	14,5	12,0
Frete até São Paulo	1,14	2,0	2,7
Impostos e outras despesas	11,92	16,0	14,0
Margem dos supermercados	7,77	7,5	9,3
Custo ao consumidor	42,00	40,00	40,00

Argentina não tem áreas para acabar com trigo e leite brasileiros

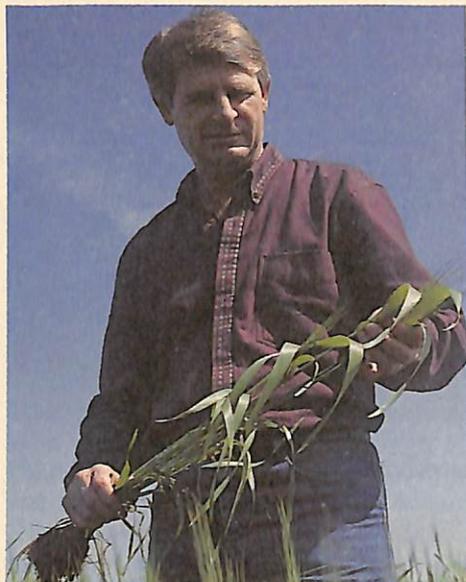
Preocupações semelhantes, de outra parte, existem tanto no lado argentino como no Uruguai e Paraguai, onde as economias, mais modestas, não têm condição de enfrentar a avalanche de mercadorias brasileiras e argentinas que se abaterá sobre os seus mercados. Mas, no que se refere especificamente a Brasil e Argentina, também não pode haver, no lado de cá da fronteira, uma temeridade excessiva.

Se perdemos em algumas áreas, ganhamos em muitas outras. E, naquelas onde ainda existem problemas de competitividade, não tem cabimento esperar uma derrocada. Ocorre que a Argentina não tem volume de produção suficiente, seja de trigo e produtos lácteos, seja de qualquer dos outros itens sensíveis, para substituir completamente a produção brasileira.

Isto é o que adverte o economista Roque Tomasini, do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, da Embrapa, em Passo Fundo, que recentemente percorreu as principais regiões agrícolas do país vizinho para estudar sobretudo o seu potencial na área de trigo. Ele observou que a região pampeana, onde se concentram 90% da produção de cereais e oleaginosas, 70% da carne bovina e 88% do leite, representando apenas 18,79% do território nacional, já está esgotada. Envolvendo a totalidade da Província de Buenos Aires e partes de Córdoba, Entre Rios, La Pampa e Santa Fé, essa área, considerada o "filé" da Argentina, está virtualmente tomada.

Falta de água, a restrição que limita produção argentina

Estudos realizados no próprio país demonstram que, no máximo, o trigo poderia contar com até 1 milhão e meio de hectares novos, tomando terras de outras culturas. E, nessa hipótese, a produção argentina não cresceria mais do que 4,1 milhões de toneladas, um volume próximo ao que importamos todos os anos (o Brasil consome 6,8 milhões de toneladas e neste ano



Vanderlei Basegio, nosso "James Bond" contra o trigo argentino

produziu 3,3 milhões, das quais retirou 500 mil toneladas para semente).

Para expandir a agricultura fora do chamado "pampa" os riscos seriam enormes, por falta de água, a maior limitação à agricultura nas terras argentinas: para que se tenha uma idéia do problema, a precipitação média anual, próximo à fronteira brasileira, é de 1.200 milímetros, mas essa precipitação cai para 700 milímetros no final da melhor faixa de terras. E, para ter agricultura numa situação dessas, é mais importante contar com a sorte do que com a tecnologia.

A arma contra os argentinos: um Basegio em cada cidade

As regiões tritícolas brasileiras temem que, mesmo não eliminando totalmente a triticultura nacional, a Argentina cause danos irreparáveis, depressindo nossos preços internos e, por esse caminho, inviabilizando a atividade, que aqui tem custos bem maiores. Para o nosso custo médio de 150 dólares a tonelada, na Argentina são mais ou menos 70 dólares. Calcula-se que 40% dos produtores brasileiros estão abaixo da produtividade média nacional e, portanto, não teriam a mínima possibilidade de competição. Ou investem em tecnologia ou o melhor que têm a fazer é mudar de atividade, como começou a ser feito no norte do Paraná: em Maringá, a Cooperativa dos Cafeicultores vem acon-

selhando a canola em lugar do trigo.

Num momento de tanto desânimo com o futuro do cereal, que cai de área e produção a cada ano, também se ouvem manifestações praticamente consensuais de que a atividade, por sua importância estratégica e social, não pode — e não deve — ser abandonada. Mas, diante disso e da eliminação, não só dos subsídios, mas também de toda e qualquer interferência estatal em sua comercialização, o que fazer?

Produtor nunca precisou recorrer ao Proagro e tem bons lucros

O economista Roque Tomasini, do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, da Embrapa, em Passo Fundo, indica a arma com a qual poderíamos enfrentar e até superar os argentinos: ter um Basegio em cada cidade produtora do cereal. Mas, afinal, o que é um Basegio? Ele tem 42 anos, é agrônomo e produtor de sementes e, com mais três irmãos, planta sete áreas com trigo, ocupando 130 de um total de 1.400 hectares na mesma região do centro de pesquisas da Embrapa.

A diferença de Vanderlei Basegio e seus irmãos em relação à massa de triticultores é que, utilizando toda a tecnologia disponível, as melhores variedades e seguindo cuidadosamente as recomendações técnicas, eles conseguem ter altas produtividades. A média em 1989, um ano excepcional, foi de 5.000 mil quilos por hectare (contra uma média nacional inferior a 1.500 quilos por hectare e, na Argentina, em torno de 2.000 quilos).

Nos últimos dez anos, a média dos Basegio tem sido de 3.000 quilos. Enquanto, até recentemente, um grande número de agricultores "plantava trigo para colher Proagro", como costumava se dizer no campo, esta família nunca precisou recorrer ao seguro. E tem ganho dinheiro: com um custo de produção de 30 sacas por hectare, está colhendo em média 50. Portanto, não há por que se preocupar com o Mercosul, revela Vanderlei.

O nosso lado competente na produção de leite

Em uma outra área, essa também é a opinião de Hendrik de Rooy, vice-presidente da Cooperativa Agropecuária Batavo, de Castro, no sul do Paraná. Para uma produtividade média brasileira de dois litros de leite por vaca/dia, contra 13 a 15 litros no Uruguai e Argentina, os quase 300 produtores de leite associados da Batavo conseguem uma média de 25 litros. "Por isso não vejo nenhum problema com o Mercosul", diz, tranqüilo, de Rooy.

Mais perto que a Batavo dos argentinos, o advogado Altemo Gomes de Oliveira, que tem 155 hectares em Santo Antônio da Patrulha, próximo a Porto Alegre, também não está preocupado. No momento, ele vem ordenando 65 vacas diariamente, tendo obtido com elas, em 1991, uma produtividade que variou entre 18 e 23 litros. Embora ainda esteja investindo muito na propriedade, os custos não estão passando de 75% a 80% da receita, mas em breve os rendimentos melhorarão bem, na medida em que suas novilhas entrarem em produção. Em pouco tempo a produtividade média saltará para 25 litros por vaca ao dia. A receita?

É simples, afirma Altemo. "O leite entra pela boca da vaca", explica. Por isso, o animal tem que ser bem alimentado — com matéria seca e concentrados. E ter boa genética (que pode ser melhorada gradativamente com inseminação artificial, para aumentar a produtividade das descendentes). Quando melhor for a vaca, melhor será o seu índice de conversão. Ou seja, produzirá muito mais leite em relação aos alimentos que ingerir. Somente com alimentação, é possível fazer um animal que dá quatro litros diários passar para dez litros. O produtor lembra que, tempos atrás, comprou uma vaca do vizinho, a qual produzia nove litros. Em uma semana, elevou sua produtividade para 22 litros e, depois da primeira cria, para 46 litros.

Algo semelhante vai ocorrer com a produção brasileira de feijão, cebola, alho e, possivelmente, batata, ainda que este produto argentino, do tipo branco, não agrade os consumidores brasileiros, que preferem uma batata mais amarelada. Mas o mesmo não se pode dizer da cebola nem do alho, mais bonitos e muito melhores que os

produtos nacionais.

Com o feijão, que na Argentina tem uma produtividade de 2.000 quilos por hectare e no Rio Grande do Sul, por exemplo, apenas 400 quilos, ainda há um outro fator que vem pesando contra a produção nacional: o produto que vem do Prata pode ser estocado todo o ano, sem perda de qualidade. O brasileiro, além de carunchar, fica muito duro. Como nossos consumidores estão dando preferência ao feijão importado, há um milhão e meio de sacas em Irecê (na Bahia) e outro milhão no Rio Grande do Sul, sem compradores. Sendo assim, feijão, cebola, alho e batata são outras áreas de nosso setor primário onde será inevitável a reconversão.

Também poderá sofrer, mas não tanto quanto se imagina, o segmento vinícola. Todavia, apenas a faixa dos vinhos comuns, a parcela expressiva de nossa produção, participando com cerca de 73% neste ano. Para 150 milhões de litros de vinhos comuns que produzimos (95% dos quais no Rio Grande do Sul), alcançamos apenas 54 milhões de vinhos finos. Ainda que nossos custos sejam maiores que os argentinos, ganhamos em qualidade e, com a vantagem do frete até nossos mercados, ficamos relativamente protegidos. Tanto é verdade que a Argentina não tem conseguido

vender no Brasil suas cotas, mesmo com alíquota zero — das 120 mil caixas do ano passado, não passou de 77 mil. O mesmo ocorre com o Chile, embora este pague uma alíquota de 38,5%.

Nós temos medo dos comuns, e os argentinos dos brancos

Adolfo Lona, um argentino de Mendoza, a terra do vinho, e diretor da De Lantier, uma das principais cantinas gaúchas, sediada em Garibaldi, diz que, para produzirmos um litro de vinho comum, estamos gastando mais ou menos 18 a 20 cents de dólares, contra 25 a 30 cents neste momento na Argentina, em decorrência de sua moeda artificialmente valorizada. Há três anos, porém, o custo dos argentinos era de 4 cents e, nesse patamar, eles são muito perigosos. A importação de vinhos comuns ainda está protegida, mas abertas as portas do Mercosul, provavelmente os vizinhos pretenderão nos criar problemas.

Nesse ponto, porém, tudo dependerá dos consumidores. Aqui, eles estão acostumados com vinhos da uva isabel, que não é cultivada na Argentina. E o teor alcóolico de nossa bebida também é menor — 11 graus contra até 14. "Será que os brasileiros vão gostar, acostumados a uma bebida mais leve, fresca, frutada e saborosa?", pergunta José Alberici Filho, presidente da Vinícola Aurora, de Bento Gonçalves.

Como está convicto de que a bebida nacional continuará com a preferência e espera que o produtor gaúcho possa vir a competir em condições de igualdade com o argentino (que tem um subsídio de até 30%, situação que não poderá perdurar quando se eliminarem todas barreiras), tanto Alberici quanto Lona estão tranqüilos. Não ocorrerão estragos, o que não elimina a necessidade de continuarmos modernizando nossas plantações.

Nem a soja ficou distante dos riscos

Até mesmo a soja, quem diria, poderá vir a ter problemas de competi-



Em contrapartida ao vinho tinto argentino, temos o nosso branco, de qualidade internacional

Sec. de Turismo de la Nación - Argentina

vidade com a Argentina. Mesmo que as políticas agrícola, tributária, creditação, cambial, previdenciária e trabalhista sejam equalizadas e que nossa inflação caia para os patamares dos parceiros, ainda assim uma parte dos produtores nacionais não teria condições de enfrentar a concorrência.

Tomando como exemplo apenas a situação deste Estado, ele revela que um terço dos produtores, em decorrência do esgotamento do solo ou de desenvolverem a atividade em pequenas propriedades, sem a escala necessária, não tem, neste momento, condições econômicas de competir em uma situação de economia de mercado. Metade dos produtores, segundo Faria, obtém boas produtividades, emprega tecnologia adequada, faz rotação de culturas (cuja falta está destruindo a capacidade produtiva dos solos, especialmente no noroeste do Estado) e, portanto, não teria problemas.

Outros 15% a 20% encontram-se em uma fase intermediária, mas também avançada. As dificuldades, porém, atingirão os restantes, correspondendo mais ou menos a um ter-

ço, que ocupam em torno de um milhão de hectares. Neste ano, o Rio Grande do Sul produziu entre 3 e 3,1 milhões de toneladas; o Brasil, 19,5 milhões de toneladas e, a Argentina, 10,3 milhões de toneladas. Há o temor de que, expandindo ainda mais a produção de soja, a Argentina, que não usa o seu óleo no mercado interno, empregando apenas o óleo de girassol, volte-se para o Brasil a partir de 1995.

Nesse caso, haveria um desastre com a nossa produção de soja. Mas, independentemente da equalização das políticas tributárias, também se torna importante que o governo federal crie mecanismos de financiamento de longo prazo, para viabilizar a recuperação das propriedades dos agricultores que não terão condições de competir e, ao mesmo tempo, modernize rapidamente nossos portos. Feito isso, Faria entende que, ao invés de competirem internamente, Brasil e Argentina deveriam unir seus esforços para enfrentar o protecionismo no mercado internacional, que a cada ano deprime mais os preços.



A base do rebanho argentino está na raça hereford, que é muito nossa conhecida

há seis meses não se manifesta no Rio Grande do Sul), será possível passar a exportar carne *in natura* em maior volume. Especialmente para o Mercado Comum Europeu, que exige um período de dois anos sem qualquer foco. Como a carne de região livre de aftosa vale entre 65% e 75% mais, Ary Lange, presidente do Sindicato das Indústrias de Carnes do Rio Grande do Sul e do Frigorífico Rio-Pel, de Pelotas, diz que há um plano para criar, entre o Estado, o Uruguai e a Argentina, uma zona livre da doença, para atuação conjunta nos mercados mundiais.

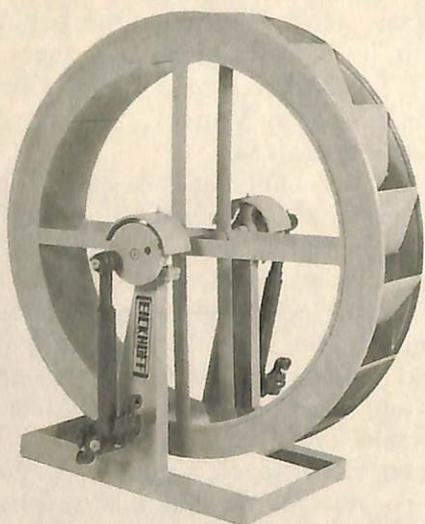
Entusiasmado pela experiência argentina na Alemanha — cuja carne, muito procurada, chega a ter a origem identificada nos pontos de venda e até nos restaurantes — o Rio-Pel está iniciando nesse país europeu uma campanha em que oferece carne de novilhos precoces de dois a três anos, da raça aberdeen angus, enfatizando a origem “dos pampas do Sul do Brasil, próximo à Argentina”. Lange espera vender neste ano 200 a 500 toneladas, mas o potencial é muito maior — “o mercado não tem limite”.

Diante disso, ele não está preocupado com o Mercosul. Há espaço para todos no comércio mundial e, internamente, adverte que os produtores devem começar a melhorar a qualidade da carne oferecida aos consumidores, procurando abater o gado mais cedo. Esta é a receita da qualidade da carne argentina, a qual, no seu entender, vai ter que ser estendida ao rebanho brasileiro. Feito isso, não há o que temer no que se refere à concorrência. Até porque o país vizinho, bem como o Uruguai, não tem excedentes tão expressivos, capazes de comprometer a produção nacional.

Os abates brasileiros vêm resultan-

RODA D'ÁGUA

A MANEIRA PRÁTICA E ECONÔMICA DE BOMBPEAR ÁGUA.



FABRICAMOS TAMBÉM:
SEMEADEIRAS - CAPINADEIRAS

EICKHOFF
TRÊS DE MAIO - RS

Av. Santa Rosa, 94 - Fone: (055) 535-1550
Caixa Postal 68 - CEP 98910-000
TRÊS DE MAIO - RS

“Vaca feliz”, um plano de marketing contra a “vaca louca”

A síndrome da “vaca louca”, causada por um vírus que vem atacando o gado confinado europeu e que pode se instalar na medula do ser humano, está se associando às reações da população, motivada por apelos ecológicos, contra o sistema de criação estabulada do gado em seus países. Isto está abrindo espaço para a venda de carne da América Latina, livre não só do vírus, mas também do estigma dos métodos de criação que vêm sendo condenados na Europa. “Nós podemos oferecer lá a carne da “vaca feliz”, criada livre no campo”, diz o secretário de Desenvolvimento Econômico e Social do Rio Grande do Sul, Cláudio Ryff Moreira, preocupado em desenvolver canais de eficiência e marketing que abram mais espaços para o País e o Mercosul, nos grandes mercados mundiais.

Brasil e Argentina participam com 70% de todas as exportações mundiais de carne cozida e congelada. Vencido o problema da aftosa (que já

do em uma oferta de 4,5 a 5 milhões de toneladas anuais, das quais 400 a 500 mil são exportadas. Esse é mais ou menos o excedente argentino, do qual deveremos receber neste ano entre 5% e 10%. Do excedente uruguaio, de 150 a 180 mil toneladas, estamos importando entre 30% e 40%. São volumes, portanto, que não amedrontam. Assim, no que se refere ao Mercosul, Ary Lange prevê que, além de uma união para atuação coordenada em terceiros mercados, a oferta interna tende a se tornar mais estável, ficando amenizados os picos de preço no período de nossa entressafra.

Argentina insiste em proteger os seus curtumes

Em um segmento diretamente associado, o da oferta de couros, também não surgirão problemas. Aliás, entre Brasil, Uruguai e Paraguai, já funciona plenamente o livre comércio. Ainda existem resistências de parte da Câmara de Indústrias de Curtumes, da Argentina, que não libera a exportação de couros crus ou semi-processados, mas, mais cedo ou mais tarde, isso terá que ocorrer. Flávio Lucchese, diretor da Associação das Indústrias de Curtumes do Rio Grande do Sul e delegado do Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil nas reuniões do Mercosul relacionadas com o segmento coureiro, diz que os argentinos temem pela sorte de seus curtumes, muito atrasados tecnologicamente em relação aos brasileiros.

Diante dessa postura, os prejuízos imediatos são para os próprios argentinos, pois, com o monopólio da comercialização dos couros crus, os curtumes locais pagam aos frigoríficos 10% menos que os preços internacionais. O couro argentino permite um rendimento 30% maior que o brasileiro, porque o gado, abatido mais cedo, fica menos exposto aos arames das cercas, bernes, e outros problemas. Quanto a isso, o secretário Cláudio Ryff Moreira revela que o arame farpado, uma das principais causas dos defeitos de nossos couros, são preferidos pelos fazendeiros porque, estranhamente, está isento de IPI e, portanto, é mais barato. O arame liso, que não causaria danos ao couro do gado,

SEMENTES DE FORRAGEIRAS

- FORRAG. VERÃO E INVERNO
- ADUBOS VERDE
- SORGO FORRAG.
- MILHO CARGILL
- SORGO GRANIF.

BR 116 - km 284 - Eldorado do Sul - RS
Rua Vitor Valpirio, 705 - B. Anchieta - POA
Fone/Fax (051) 343-7575

FAZENDEIRO CAÇA — VENDEMOS
PERDIZES CHUCAR, FAIÇÕES, MARRECS
MALLARD, GALINHAS DA ANGOLA, PRÓPRIAS
PARA CAÇAS, ORNAMENTAÇÃO E
ALIMENTAÇÃO, INFORMAÇÕES NO
CRIATÓRIO:
FAZENDA VILA MARIA
TELEFONES: (016) 640.1100 — 640.1134 — 640.1137
CAIXA POSTAL 277 — CEP — 14160-000
SERTÃOZINHO — SP

BALANÇAS

QUALIDADE QUE PESA EXATO DESDE 1951
 BALANÇAS: Bovinas, Suínas, Equinas, Rodoviárias e Industriais
 Troncos (Bretes)

COIMMA

Rodovia Comandante João
 Ribeiro de Barros - km 646
 (0188) 21-2555
 Telex: 182637 - DRACENA/SP

MELLO - Artefatos Avícolas

- Depenadores de frangos manuais e automáticos.
- Dedos de borracha p/qualquer tipo de máquina.
- Mesa, caldeiras, sangradores, gaiolas, etc.

Tudo p/Abatedouros.

Fone: (011) 872-1757
 Rua Turiassu, 1.086 - Perdizes
 CEP 05005 000 São Paulo SP

OPORTUNIDADE
MARCHIGIANA
A raça gigante ideal
para cruzamentos

Tourinhos de 6 a 14 meses de idade, de mães e pais altamente selecionados, estão à venda.

RANCHO CENTÁURUS

Informações:
 Fone: (051) 233-2544
 Porto Alegre/RS

MÁQUINA DE TELA

Para fabricar telas de arame dos tipos convencionais e ôtiz.

15 ANOS DE QUALIDADE
TRADIÇÃO EM TODO O BRASIL

JANALE

JANALE MAQUINAS LTDA.
 Fáb. Estrada Dourado, 598 - saída pl. Aratiba - Tel. (054) 321-2254
 Esc. Rua Alemanha, 100 - Tel. (054) 321-2408
 Fax: (054) 321-5428 CEP 99700 - Erechim - RS

SEMENTES FISCALIZADAS CRA

FORRAGEIRAS • ADUBAÇÃO
VERDE • CEREAIS •
HORTALIÇAS • ANÁLISE
OFICIAL DE SEMENTES

Consulte nossos preços especiais:
(051) 481 3377

CENTRAL RIOGRANDENSE DE AGROINSUMOS
 Estrada da Arroeira, 90 - Cx. Postal 30
 CEP 92990-000 - Eldorado do Sul - RS

CHOCADÉIRAS-CRIADÉIRAS
 Automática, semi-automática, elétricas ou gás

Comedouros, bebedouros
 classificadores e todo o material para avicultura

Linha completa de material para criação de codornas

Dove

60 anos de experiência

Pça. Tomas Morus, 83
 (ao lado do shop. West Plaza)
 Cep. 05003-090 - S. Paulo - SP
 FONE: (011) 864-7766

PARA ANUNCIAR AQUI
DISQUE PARA:

RIO GRANDE DO SUL E
 SANTA CATARINA (051)233 1822
 PARANÁ (041)222 1766
 SÃO PAULO (011)220 0488
 RIO DE JANEIRO (021)256 8724
 BRASÍLIA (061)225 6448 e 225 5934

CATAVENTOS
KENYA
PARA ÁGUA E LUZ

Agora, fabricando também a Bomba Kenya para pequenas, médias e grandes profundidades

KENYA LTDA

ENCANTADO - RS - Rodovia RS 130 Km 14
 Caixa Postal 111 End. Telegráfico Kenya
 Fone: (051) 751-1750
 CEP 95950 Telex: 510115
 Kenya - Fac-Simile (55) 051 751-1471

é taxado.

Lucchese, de outra parte, revela que a baixa qualidade do couro nacional resulta em um prejuízo anual de um bilhão de dólares para todos os segmentos envolvidos em sua industrialização — dos frigoríficos às indústrias de calçados. Considerando esses segmentos e as indústrias de insumos envolvidas na cadeia produtiva, bem como a criação e o abate do gado, o agribusiness do boi, acrescenta o empresário Ary Lange, é o mais importante do Mercosul: alcança 12 bilhões de dólares “e tem uma potencialidade de crescimento muito grande”. O Brasil, nesse volume financeiro, participa com 65% a 75%.

O Brasil também ganha. E surgem os primeiros acordos

Como não é só o Brasil que tem produtos sensíveis, os agricultores argentinos encontram tantas razões quanto os nossos para estarem preocupados com a celeridade do Mercosul. Afinal, se perdemos com o trigo, eles — na hipótese de não se tomarem medidas acauteladoras — serão massacrados pelo açúcar e por nossas carnes de suínos e aves. Máquinas agrícolas, suco de laranja, cacau e café são outros produtos nos quais levamos vantagem. O arroz que os brasileiros estão indo plantar em seu país e no Uruguai vai ajudar a regularizar o nosso mercado, e o algodão que os paraguaios nos exportarão vai retornar para todo o Mercosul na forma de têxteis e confecções, em cujos segmentos também somos líderes imbatíveis.

Isto evidencia que, se todos têm alguma coisa a perder e a ganhar, o melhor é que segmentos produtivos de um país não prejudiquem a economia do outro. Graças à compreensão deste aspecto estratégico de somar forças e não destruir parceiros, o complexo sucro-alcooleiro celebrou recentemente, em São Paulo, um acordo importante dentro do espírito do Mercosul. Enquanto aqui produzimos 80 toneladas de cana-de-açúcar por hectare, na Argentina se obtêm apenas 30, e com menos cortes por ano. Nosso parque industrial também é mais moderno e produtivo e, quando se partir para a

fase de total liberdade de comércio, certamente obrigará os parceiros a mudarem de atividade. Esse é, do lado argentino, o primeiro segmento a ser forçado a uma reconversão.

Mas, até que se encontre uma solução para o problema, estabeleceu-se que o Brasil não exportará açúcar para o mercado argentino e, em contrapartida, esse país deixará de aditivar a gasolina com o chumbo tetra-etila, que é poluente, passando a usar, para isso, o nosso álcool. O Prata ficará menos poluído e nós, se deixamos de enviar o açúcar, estaremos remetendo o álcool, com benefícios idênticos na contabilidade do complexo sucro-alcooleiro.

Apoio às frutas compensa a pressão nos sucos

Um acordo de interesses também foi negociado na área dos cítricos. Produzindo 24 milhões de caixas de laranja por ano — menos de 10% das nossas 320 milhões — a Argentina exporta apenas o produto *in natura*, em um volume anual de 7 milhões de caixas, contra mais de 30 milhões daqui. Os números do Uruguai são ainda mais inexpressivos. Como nesses países não há uma tradição de consumo do suco de laranja, eles não seriam, para o Brasil, mercados importantes.

E, de outro lado, não há a mínima necessidade de prejudicar os seus mercados da fruta. Assim, selou-se o seguinte acordo, com a interveniência da Associação dos Citricultores Paulistas: o Brasil passa a apoiar a Argentina em suas exportações de laranja *in natura* para o Mercado Comum Europeu, e esta se une aos esforços para eliminar o protecionismo dos Estados Unidos contra os nossos sucos, que são taxados em 540 dólares por tonelada, sob a alegação de prática de *dumping*.

No setor de carnes não-bovinas, onde também levamos grande vantagem, é que não estamos conseguindo acordos. Existem inúmeras barreiras nos três parceiros do Mercosul, e na Argentina há até a ameaça de instauração de processo *anti-dumping* contra as vendas de frango fresco que, até julho, se aproximavam de oito mil toneladas, com uma receita cambial de oito milhões de dólares.



Roberto Rossato, presidente da Semeato, afirma que o Mercosul “é o oxigênio que faltava”

Nossas galinhas são muito mais produtivas

Os custos de produção se equivalem nos dois países, e essa é uma das poucas áreas onde os impostos não têm grandes diferenças. Mas a tecnologia está a nosso favor. Enquanto uma galinha argentina produz uma média de 110 pintinhos por ano, a nossa chega a 135, na média nacional. Lá morrem 10% dos pintinhos e, aqui, apenas 5%. Para alcançar um quilo de carne, um frango argentino precisa de 2,4 quilos de ração e, no Brasil apenas 2,2. Tudo isso assegura uma competitividade muito grande, revela Heitor Müller, diretor da Frangosul, presidente da Associação Gaúcha de Avicultura e coordenador-geral da Comissão Técnica de Padronização e Negociação de Produtos Avícolas para o Mercosul, representando a União Brasileira de Avicultura, da qual é vice-presidente.

Embora os produtos avícolas brasileiros paguem impostos de 5% a 13% ao entrarem na Argentina, a supervalorização do peso em relação ao dólar está acentuando as diferenças. Por isso, nos supermercados argentinos, o que mais tem sido visto ultimamente é a oferta imbatível de frangos brasileiros. Com uma produção de 2,850 milhões de toneladas neste ano, o Brasil é o segundo produtor mundial de carne de frango — na Argentina poderão ser alcançadas 450 mil toneladas, outras 20 mil no Uruguai e mais 15 mil

no Paraguai.

Vantagem semelhante estamos tendo na área da carne suína. Cinco ou seis frigoríficos dos três Estados do Sul — que detêm 87% da produção nacional — deverão vender neste ano, para a Argentina, entre 25 e 30 mil toneladas. A informação é de Rogério Kerber, diretor do Frigorífico Prenda, de Santa Rosa, empresa que deu a largada nas exportações, em setembro do ano passado. Mas esse ainda será um volume pequeno perto do potencial do mercado. O Brasil produzirá em 1992 1,150 milhão de toneladas de carne suína. Apesar de nossa carne estar sendo taxada em cerca de 20%, ela ainda chega pouco mais barata no balcão dos supermercados, e é de melhor qualidade.

Café é um novo filão, seu mercado vai dobrar

No comércio de grãos, estamos sendo favorecidos na venda de café, antes feita pela Colômbia. Márcio Tavares de Menezes, sediado em Londrina e o mais atuante corretor do norte do Paraná, informa que, neste ano, o Brasil exportará cerca de 500 mil sacas para o Mercosul (de suas vendas totais de 9 milhões de sacas). Em 1993, passará a pelo menos 800 mil sacas e, em seguida, completará o seu primeiro milhão. Nossos parceiros estão procurando muito os cafés de mais baixa qualidade, vendidos prin-

cipalmente por empresas do Espírito Santo. Mas muitos embarques têm saído do norte do Paraná — os caminhões que trazem frutas para o Brasil, retornam carregados com café para seus países. “Está sendo descoberto um verdadeiro filão”, diz Márcio.

Ainda na área de grãos, o intercâmbio se dá em outro sentido, mas também envolvendo brasileiros. Como nossas terras para arroz irrigado estão praticamente esgotadas no Rio Grande do Sul, os granjeiros gaúchos estão ocupando as áreas disponíveis no Uruguai, onde já participam com 40% de todos os plantios, e na Argentina. Eles estão sendo favorecidos por subsídios no Uruguai e, nos dois países, por custos de produção bem menores. Toda a produção é absorvida pelo mercado brasileiro, onde vem diminuindo a oferta do arroz de sequeiro do Brasil Central. Do ano passado para este, graças à presença dos gaúchos, a Argentina ampliou a sua safra de arroz de 330 para 700 mil toneladas e, o Uruguai, de 540 para 600 mil toneladas.

Indústrias de máquinas e implementos estão saindo da crise

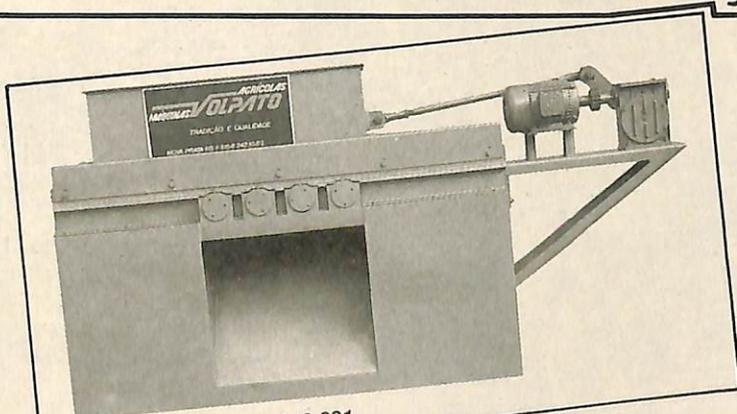
O algodão está sendo outro produto agrícola importante para o Brasil no Mercosul. Para um consumo nacional de 700 mil toneladas, produzimos

apenas 650 mil toneladas, mas de 100 a 150 mil toneladas são de muito baixa qualidade e, portanto, sem demanda em nossas fiações. O déficit, de 150 a 180 mil toneladas, vem sendo atendido pelo Paraguai, com um produto de boa qualidade — a colheita é mais bem-feita, e as modernas indústrias de beneficiamento oferecem um produto melhor, revela Luiz Lourenço, presidente da Cooperativa dos Cafeicultores de Maringá, no norte do Paraná, que, neste ano, está comercializando 20 mil toneladas de algodão em pluma, metade das quais industrializa.

No setor de máquinas e implementos, em razão da alíquota que anteriormente era cobrada na Argentina ter sido zerada, os equipamentos brasileiros estão sendo vendidos, no atacado desse país, 20% abaixo do preço dos concorrentes.

A Semeato, de Passo Fundo, líder nacional na produção de semeadeiras, vai faturar, em 92, com as exportações para o Mercosul, cerca de 2 milhões de dólares, quase um terço das exportações totais do grupo, que opera com seis unidades industriais. As vendas para os países vizinhos ajudaram bastante a empresa, reconhece o presidente, Roberto Rossato, que calcula em 10% o incremento anual dos negócios na região. “Esse mercado”, acrescenta, “está dando fôlego para a sobrevivência do setor de máquinas e implementos. É o oxigênio que faltava”.

PLAINA PARA FABRICAÇÃO DE MARAVALHAS



Patente registrada nº 820.621

CONVERTA MADEIRA ÚTIL EM GRANDES LUCROS!

O equipamento dispõe de raspadores de madeira para todas as finalidades: maravalhas de diferentes espessuras para aviários, feiras, acondicionamento de hortigranjeiros, cobertura de solo, exposições, isolamentos e outros. RASPA madeiras moles e duras de todos os tipos. Armação toda em aço, engenharia precisa.

AGRICOLAS MÁQUINAS VOLPATO

TRADIÇÃO E QUALIDADE

DILETO VOLPATO - Ind. Com. de Máquinas Agrícolas
Rua Luiz Marafon, 348 - Fones: (054) 242-1082 - 242-1101
Fax: (054) 242-1082 - Cx. Postal 156 - Telex: 542110
95320 - Nova Prata - RS

Andaluz, o Rolls Royce dos cavalos

*Para o seletto time de criadores de andaluz,
não há dúvida: o cavalo, originário da Península Ibérica,
será a raça consagrada neste final de milênio,
projetando-se com força como o cavalo internacional do ano 2000*



Dos 17.000 membros das delegações dos 172 países que participaram dos XXV Jogos Olímpicos, realizados entre julho e agosto deste ano em Barcelona, região da Catalunha, talvez poucos soubessem que estavam pisando em solo sagrado para os criadores do tradicio-

nal cavalo andaluz, o mais antigo animal de sela da civilização Ocidental e, não por acaso, conhecido como “o rei dos cavalos” neste lado do mundo. Originário do sul da Península Ibérica, ele começou a ser montado por guerreiros em seus exercícios eqüestres quase cinquenta séculos antes de

nossa era, tendo sido importante meio de transporte e um dos pilares da expansão da cultura peninsular para o restante da Europa durante a Idade do Bronze (3000 a.C.).

Com a invasão muçulmana no ano 710, os árabes viram e aprovaram os rebanhos eqüestres da região conquistada, que batizaram de “Al Andalus”. Embora eles fossem bastante semelhantes aos cavalos encontrados no norte da África (devido à ligação do estreito de Gibraltar), velhos conhecidos dos mouros, os animais da Andaluzia — graças às condições mais férteis — tinham encontrado campo mais propício ao melhoramento racial. Com a grande demanda de eqüinos gerada pela Guerra Santa, logo os

árabes estavam estudando cruzamentos com reprodutores árabes turcomanos de nobres linhagens, trazidos da Pérsia, e bérberes do norte da África. O resultado acabou sendo um elegante cavalo, de formas eminentemente arredondadas.

Cartujana é uma linhagem espanhola iniciada pelos irmãos Zamora

Linhagens espanhola e portuguesa — Como a região da Andaluzia acabou sendo dividida geograficamente pela Espanha e Portugal, com o tempo as fronteiras e os diferentes usos deram origem a sensíveis diferenças entre as linhagens criadas nos dois países. A linhagem espanhola, por exemplo, chamada de cartujana, foi iniciada pelos irmãos Zamora, com o garanhão Esclavo, um tordilho escuro. De andamento elevado e maior uniformidade do padrão racial, a linhagem espanhola distingue-se pela sua aptidão para o esporte e serviços agropecuários.

Nas três linhagens portuguesas, nota-se a busca do cavalo mais funcional, selecionado especialmente para o toureio a cavalo. Da Coudelaria Veiga provêm os melhores cavalos de toureio, animais menores, mais ágeis e valentes. Da linhagem Alter Real, selecionada pela coudelaria homônima exclusivamente com animais de pelagem castanha, resultaram animais de temperamento mais forte. Finalmente, da linhagem Fonte Boa, selecionada pela Coudelaria Nacional de Portugal, em Fonte Boa-Santarém, com reprodutores de origem Terry, projetam-se cavalos maiores, bonitos e mais adequados para a prática esportiva.

A partir da primeira metade deste século, quando as ditaduras vividas nestes países peninsulares impediram a exportação de animais, os cavalos começaram a receber registros distin-

Fauno, o garanhão tordilho de 10 anos, em pleno ar, esbanja categoria e classe



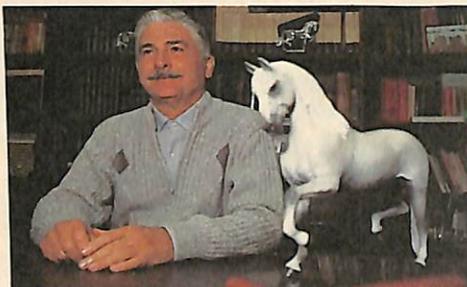
Foto: Marcos Mini

O andaluz brasileiro já possui certificado de acesso ao mercado internacional

tos: os portugueses, como "lusitanos"; os nascidos em território espanhol, como "pura raça espanhola". A criação da Associação Brasileira de Criadores de Andaluz tem congregado o registro dos três tipos: o espanhol, o lusitano e o brasileiro, produto nascido no Brasil. Esta prática, no entanto, está prestes a ser revista. "Como a partir de agora um convênio firmado com Portugal assegura que os puros-sangues lusitanos nascidos e registrados no Brasil terão validade também em solo português, daqui para frente o andaluz será única e exclusivamente o cavalo cruzado, produto de garanhão lusitano ou espanhol com éguas nacionais", estima Ênio Monte, presidente da Associação.

Raça em formação — Raça em formação no País, que pode ser obtida através de cruzamentos absorventes, um acordo já está sendo previsto para que o puro-sangue espanhol também tenha validade decretada na Espanha. O andaluz passa a ser, portanto, a primeira raça criada em território nacional com certificado de acesso ao mercado internacional. "A categoria dos nossos cavalos é a de triple A (AAA); em cinco anos estes animais estarão aptos a serem exportados. O andaluz é o primeiro produto brasileiro de fato que entrará no mercado europeu", projeta o publicitário Eduardo Fischer, ginete desde os cinco anos de idade, que apaixonou-se pela raça na Andaluzia espanhola. Há um ano, comprou 20 alqueires em Boituva/SP e conta hoje com um plantel de 30 animais, com três reprodutores e 14 fêmeas em idade reprodutiva. Com objetivo de ter poucos, mas simplesmente os melhores animais, Fischer conta que o recorde por uma cobertura — a significativa quantia de US\$ 16.000,00 — foi obtida pelo seu principal reprodutor, Fauno, no último leilão da Associação, promovido em julho deste ano. Se bem que os lances eram enfatizados, visto que a quantia obtida seria doada ao Hospital do Câncer, é certo que uma cobertura de Fauno está normalmente orçada em US\$ 10.000,00, segundo o proprietário.

Seus outros dois ganhões tam-



Ênio Monte, presidente da Associação Brasileira de Criadores de Andaluz

bém são muito especiais: Bolero, de pelagem negra, e Dardo, o único garanhão da Coudelaria Veiga no Brasil, garantem sotaque eminentemente português em seu plantel, cujas fêmeas são constituídas por 70% de éguas importadas. "Hoje estamos entre os cinco melhores criadores", vangloria-se, Fischer, como um pai fala com imenso carinho dos filhos. "Não existe cavalo mais gostoso para montar", especifica, justificando que criou o slogan para a raça de "o cavalo", simplesmente, porque, na sua definição, o andaluz é nada menos do que o "Rolls Royce" da espécie.

"O resto é simplesmente cavalo", dispara. Em sua defesa apaixonada e sincera, ele enumera as "vantagens" do andaluz: em primeiro lugar, sua funcionalidade. Na Europa, segundo o criador, a raça é considerada o símbolo de um cavalo completo, ideal para enduros, no que estaria destacando-se. "Afim, um cavalo que antigamente atravessava países e, ao chegar, entrava em batalhas, tira um percurso de 70km de letra", evoca. Outra particularidade seria o passo viajeiro, um meio-termo entre o passo normal e o trote, que poderia-
mos definir como trote marchado, verdadeira delícia para alguém com pendores para cavaleiro ou para quem busca conforto sobre quatro patas.

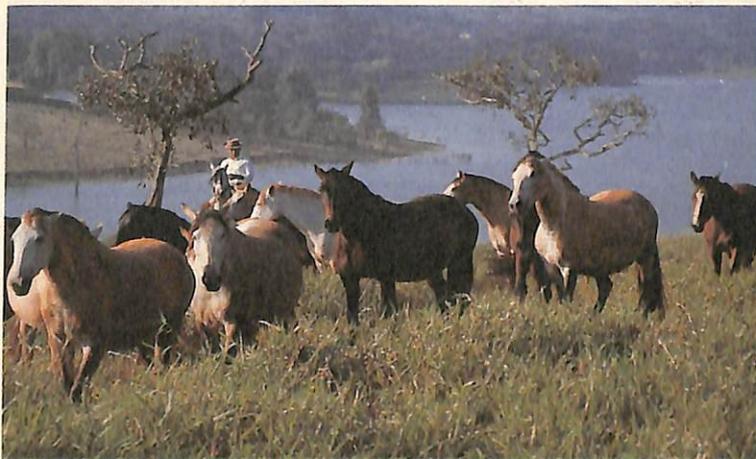
Segundo Fischer, uma das diferenças entre o puro-sangue lusitano e a pura raça espanhola é que

esta última possui a frente mais desenvolvida e não é tão rápida, enquanto o lusitano tende a ser um cavalo mais uniforme. "Nosso trabalho, agora, é preservar a raça e não deixar, como aconteceu no quarto de milha e mangalarga, que ela degenera em função de interesses meramente comerciais", alfineta.

De caráter dócil, o andaluz é ótimo no serviço

Amor espanhol — Se Fischer não abre mão da linhagem Veiga, Belarmino Iglesias Filho, dono de uma cadeia de restaurantes paulista, deixou o sangue *caliente* falar alto e optou assumidamente pela linhagem espanhola (diminuta no Brasil, não atingindo o terceiro dígito, enquanto a criação nacional de puros totais, de acordo com a Associação, beira os 1.600 animais). Na Fazenda Rubayat, em Dourados/MS, Belarmino tem um plantel de 30 animais, dos quais dois são reprodutores. Esperando a liberação das importações, prevista para este ano, para adquirir mais cinco éguas da raça espanhola e dois novos garanhões, o criador, perfeccionista por excelência, aposta na raça como a grande vedete deste final de milênio. "Os anos 70 foram do mangalarga, os 80, do árabe. Não tenho dúvidas de que o andaluz será o cavalo da década de 90", entusiasma-se.

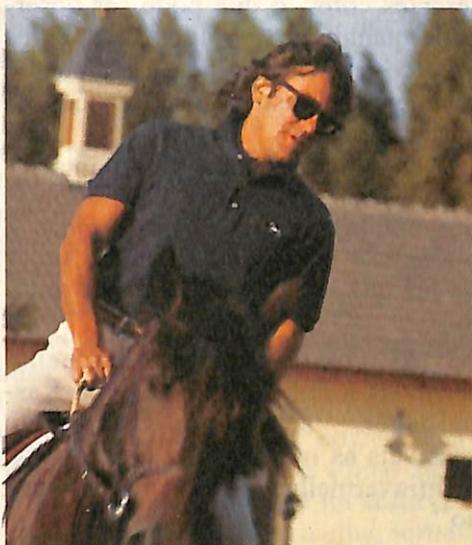
Num contexto em que o mundo caminha a passos largos para a globalização e em que os produtos eqüinos feitos no Brasil saem duas vezes mais baratos do que os espanhóis, Belarmino estima que a raça esteja às portas de um grande mercado. Segundo ele,



A égua da raça é de especial índole maternal

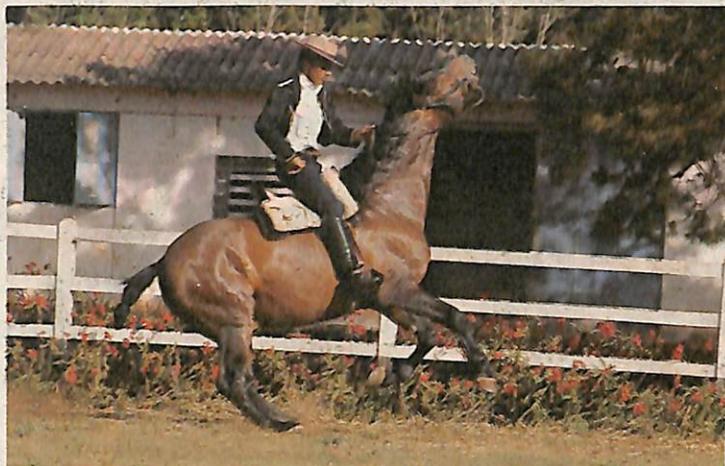
as vantagens são que, além de ser um animal de elite, o andaluz produz excelentes cavalos de lida para o trabalho na fazenda. “Para o criador, ele resgata o andar clássico de antigamente, enfatiza a milenar relação entre homens e cavalos, tem muito brio, muito sangue quente.”

Nos últimos leilões, de acordo com o criador, a raça teve as médias mais altas e apresentou notável ingresso de novos adeptos, índice seguro de que a criação vai de vento em popa, alastrando-se com força. Na área de 150 hectares dedicados exclusivamente aos eqüinos, do total de 9.500 hectares da propriedade, Belarmino busca criar suas “jóias” com o que há de mais natural possível, salvo reação balanceada na época de seca, para suplementar a alimentação. Ênio Monte, o segundo maior criador da raça (com 300 animais) aposta no adestramento



Eduardo Fischer: “Rolls Royces não são para todos”

do animal. “Como cavalo de *alta escola*, ele é o melhor do mundo.” O que é uma dificuldade para as outras raças, o andaluz faz com tremenda facilidade. “De caráter dócil, excelente animal de serviço agropecuário e de coragem insuspeitada — o único que enfrenta touros — ao mesmo tempo é ágil, tem boa conversão alimentar, é rústico e submisso ao cavaleiro.” O que mais poderia esperar-se de um cavalo? Segundo ele, mesmo o amor dos gaúchos pelo crioulo — “um dos melhores cavalos de serviço da raça brasileira”, compara, diplomático — não impede que cruzamentos com a raça proveniente da Andaluzia sejam tentados, resultando em animais de



Um relincho faceiro comprova o sangue quente que corre nas veias

maior porte, com movimentos mais elásticos e extensos e notáveis aptidões esportivas. “Melhora a estrutura, tamanho, andamento do crioulo”, assegura.

Mesmo com expansão prevista dos atuais 160 membros da Associação, o certo é que o cavalo deve continuar sendo criado por um público muito seletivo. Eduardo Fischer, diretor de marketing da Associação, por exemplo, prega a bandeira de que, verdade seja dita, “Rolls Royces não são para todos”. Em sua opinião, o cavalo andaluz jamais será um produto para ser feito em série — como um Volkswagen — por mais simpático que um fusquinha possa ser.

A Catalunha nos fornece o superjumento catalão

Novidade: Superjumento espanhol — Ao entrevistarmos o presidente da Associação dos Criadores de Cavalos Andaluz, Ênio Monte, deparamo-nos com um segredo inesperado. Cuidadosamente escondido nos bastidores de seu haras, em Arandu/SP, o criador possui exemplares do superjumento catalão, animal de grande porte, estrutura forte e caráter dócil, que vem sendo cruzado de forma bem-sucedida com jumentos brasileiros.

Dotado de andamento suave, pelagem negra ou castanha escura, peito e focinho branco-prateado, o superjumento catalão apresenta, em média, altura de 1,50m, tórax de 1,60m, canela de 20cm, e peso em torno de 300 quilos. “No Brasil, temos excelente raça de jumento de porte médio (pega), além de um grande rebanho de

mestiças e nordestinas de pequeno porte. A fim de aproveitar este grande potencial, formado por animais sem registro, resolvemos cruzar o tipo catalão com as jumentas locais e, através de cruzamentos absorventes, chegamos a uma nova raça: o superjumento brasileiro”, orgulha-se Ênio Monte.

Efetivamente, de acordo com suas experiências feitas no Haras Itapuã, os resultados são promissores. Um pai catalão, por exemplo, com altura de 1,47m, tórax de 1,70m e canela de 20cm, ao ser cruzado com uma mãe nordestina com altura de 1,15m, tórax de 1,25m e canela de 14cm, resultou em produto que, com apenas dois anos, ostenta altura de 1,30m, tórax de 1,50m e canela de 19cm. “Tivemos nos produtos de dois anos aumento médio de 15cm na altura, 25cm no tórax e 5cm na canela. Como estes animais crescerão até os quatro anos, as diferenças ficarão maiores.”

O superjumento catalão, ao ser cruzado com éguas, produziu burros de grande estrutura, ágeis, espertos, marchadores, trotadores ou galopadores, de acordo com a raça da fêmea empregada. Segundo Ênio Monte, estes animais seriam aptos para sela, serviços de campo, salto, corridas e até tração pesada. “Nos Estados Unidos, onde esta criação é desenvolvida, existem corridas de burros nos jóqueis e provas de *cross-country* de salto e resistência”, esclarece.

Certo do êxito do superjumento brasileiro, o criador já está propondo, junto ao Ministério da Agricultura, a legalização da raça e a criação da Associação dos Criadores do Jumento Brasileiro, que deverá ter a seu cargo o registro das raças puras (de origem catalã) já existentes no País, bem como das jumentas nacionais ainda sem registro, que passariam a ser denominadas de “jumentas-base”, dando início à seleção e ao aprimoramento da nova raça. ☺

PLASTICULTURA

O uso do plástico colorido na horticultura



Foto: Agricultural Research - sry91

Os efeitos da cor sobre os seres vivos eram, até pouco tempo, "coisa de bruxos" ou "ciência alternativa".

O fitocromo trouxe confirmações científicas irrefutáveis sobre tais efeitos

Materia: Dress-for-Success Mulch (tradução: Flávia Furquim); adaptação: A Granja

Tomates preferem o vermelho, as batatas inclinam-se para o azul-claro ou o branco, e os nabos não desprezam o laranja.

Produzir tomates sobre cobertura plástica vermelha, em vez do convencional plástico preto, aumentou a safra de frutos de primeira qualidade em 10% a 15%, segundo o fitofisiologista Michael J. Kasperbauer e o especialista em solo Patrick G. Hunt, ambos do Centro de Pesquisa de Conservação da Água e Solo da ARS em Florence, Carolina do Sul.

Coberturas azul-claras ou brancas aumentaram as safras de batatas em até 15%. Não são as cores do plástico propriamente que aumentam as safras, mas as diferenças que ocasionam na luz refletida sobre as plantas.

As cores podem também ter forte ação na instensidade do sabor e nos níveis de proteínas nas folhas, em al-

guns casos sendo capazes inclusive de proteger contra insetos.

A cobertura propriamente dita é comumente usada por fazendeiros e jardineiros. As coberturas de solo, como a lona plástica e a palha, conservam sua umidade e mantêm o mato baixo. Agricultores americanos utilizam 91 milhões de quilos de cobertura plástica por ano.

Na primavera, a a cobertura plástica que absorve o calor é usada para aquecer o solo e dar às plantas um bom impulso. Em regiões do Sul, o plástico branco é usado para refletir e reduzir as temperaturas do solo, cooperando para o aumento da colheita do final da estação.

Mas não é a temperatura, a umidade ou o controle de ervas daninhas que interessam a Kasperbauer e Hunt. Para eles, a cobertura plástica não passa de um material que permite a colocação de refletores de luzes coloridas sob a lavoura, sem interferir na luz incidente.

“Sabe-se que a utilização de cobertura plástica preta é vantajosa para as plantas, mas descobrimos que usar a cor adequada é melhor ainda”, diz Hunt.

As plantas são muito sensíveis à cor da luz

A luz, incluindo a luz solar, é composta de ondas luminosas de vários

comprimentos, que revelam-se por diferentes cores, o que pode ser observado quando é decomposta nas cores do arco-íris. A chamada luz branca é realmente a mistura de radiações de várias cores.

Quando a luz incide sobre uma superfície colorida, ondas de determinados comprimentos são absorvidas e outras são refletidas, alterando a cor da luz que a superfície atingida reflete.

“As plantas são extremamente sensíveis à cor da luz”, afirma Kasperbauer, “sendo particularmente sensíveis às radiações azul, vermelha e infravermelha do espectro luminoso”.

A radiação infravermelha está um pouco além do espectro visível para o olho humano.

O feixe luminoso que tem uma baixa proporção de infravermelho em relação ao vermelho fará que a planta desenvolva um caule mais curto e raízes maiores. Uma grande proporção de radiação infravermelha em relação à vermelha proporcionará um crescimento maior dos brotos, resultando numa planta mais alta e com mais folhas.

“Estas respostas são apreendidas quando você percebe que cada folha verde reflete uma maior quantidade de infravermelho. Assim, uma planta em meio a muitas outras receberá maior radiação de infravermelho, numa maior proporção de infravermelho

em relação ao vermelho, diz Kasperbauer". "Uma planta responde ao sinal luminoso que significa que ela tem muitos vizinhos crescendo mais alto do que seu vizinho. Havendo uma baixa proporção de infravermelho em relação ao vermelho, uma planta não registra nenhuma competição, desenvolve mais ramos e envia mais nutrientes para as raízes."

Assim a cor do lona plástica mais apropriada depende do que o produtor quer.

"Obviamente, se está interessado em uma colheita de nabos ou de batatas, quer aumentar o crescimento abaixo do solo; se está interessado em cultivar tomates, seu objetivo será alcançar mais frutos nas plantas", diz Kasperbauer.

Este pesquisador começou seu trabalho em fotobiologia em 1961 com uma equipe de cientistas do ARS, no Centro de Pesquisa Agrícola, em Betsville, equipe esta que liderou a pesquisa sobre um pigmento vegetal denominado fitocromo.

O fitocromo, que foi descoberto num projeto liderado por Harry A. Borthwick e Sterling B. Hendricks, é considerado um regulador universal das plantas, as quais percebem a qualidade da luz ambiental através das reações químicas do pigmento.

Ele existe dentro das plantas em duas formas interconvertíveis. Uma forma absorve apenas radiação vermelha, o que a faz sofrer uma transformação química e tornar-se a outra forma. A forma que irá absorver apenas radiação infravermelha, torna-se igual à primeira, passando a absorver apenas a radiação vermelha. A proporção das duas formas na planta depende da quantidade de luz infravermelha e vermelha a que o vegetal está exposto, o que regula o uso de recursos no seu interior.

Em um de seus experimentos, no fim dos anos sessenta, Kasperbauer mensurou a quantidade de luz visível e de infravermelha em pontos luminosos que atingiam a superfície do solo em uma lavoura de fumo, e em pontos na superfície de uma estrada sem vegetação, mas próxima da plantação. Esses pontos de luz solar são partículas brilhantes de luz refletida de uma superfície.

Ele descobriu que os pontos próximos às plantas cultivadas tinham bem

mais infravermelho do que os pontos na superfície da estrada. Esta quantidade aumentava onde elas estavam mais próximas umas das outras.

"Quanto mais densa a população de plantas, mais alta a proporção de radiação infravermelha em relação à vermelha e mais ela as impulsiona a crescerem para adaptarem-se à competição."

No fim dos anos setenta, em Florence, Hunt estava investigando o efeito do estresse ambiental, particularmente do estresse da água sobre diferentes famílias de bactérias que fixam nitrogênio em sojas.

Hunt descobriu uma curiosa reação, que não poderia ser atribuída às mudanças na disponibilidade da água.

"Sem irrigação, descobrimos um aumento de 10% na produção de soja que foi plantada em fileiras direcionadas de leste para oeste, se comparadas com a de fileiras voltadas de norte pa-



Michael Kasperbauer (à esquerda) e Bruce Fortum examinam a influência da luz sobre brotos de algodão e nematóides que infectam suas raízes

ra sul", diz Hunt. "Contudo, com irrigação e nenhum estresse de água, obtivemos maior produção nas fileiras norte-sul", acrescenta ele.

Quando examinaram a luminosidade no campo, descobriram que a luz que incidia e sofria reflexão nas fileiras efetivamente tinha um pouco menos de infravermelho nela.

Menos infravermelho significa mais crescimento das raízes e, portanto, mais nódulos para bactérias que fixam nitrogênio, e mais tolerância à seca. Mais infravermelho produz

maior crescimento de brotos e é mais útil para solos com altos índices de nitrogênio e chuvas ou irrigação abundantes.

"Embora a diferença não seja muita, você está obtendo um aumento apenas por passar com um trator — talvez apenas um alqueire ou dois por acre — mas a mais de cinco dólares por alqueire, este já é um bom aumento", diz Hunt.

Experiências subseqüentes mostraram que a possibilidade de incidência do sol nas folhas aumentava a quantidade de infravermelho nas plantas de uma fileira voltada para norte-sul exposta a ele no curso de um dia.

"As plantas das fileiras norte-sul podiam expor-se ao sol durante todo o dia. Elas obtinham uma proporção levemente mais alta de infravermelho, especialmente perto do fim do dia, quando as folhas estavam de frente para o sol e refletiam infravermelho de volta na fileira mais próxima de soja, diz Kasperbauer.

Notam-se diferenças nas plantas sobre solos coloridos

"Uma vez que já sabíamos que as plantas respondiam à proporção de infravermelho e vermelho num ambiente controlado e ao infravermelho refletido quando em disputa, o próximo passo seria observar as respostas das plantas à luz de outras superfícies", afirma Kasperbauer.

Eles questionaram-se sobre como diferentes solos, de uma variedade de cores que vai desde a areia quase branca até o solo preto do Meio-Oeste, refletiam a luz solar. Também se perguntavam se a presença de resíduos de colheita no campo representava uma mudança na cor do solo e causava mudanças na reflexão da luz.

Os dois pesquisadores começaram a testar a influência da luz refletida sobre o crescimento das plantas em painéis contendo solos de diferentes colorações oriundos de várias regiões. Para isso, eles precisavam controlar a temperatura do solo, que sofre influência de sua cor, uma vez que isto também afeta o crescimento da planta.

Para isolar a influência da reflexão da cor, eles utilizaram painéis de poliestireno cobertos com camadas de

Foram os tomates que sofreram o impacto de coberturas plásticas em diversas cores

solo de diferentes cores. Havia óbvias diferenças no crescimento das plantas sobre cores de solos diversas, mesmo quando os painéis de isolamento mantinham temperaturas iguais.

No verão seguinte, os cientistas descobriram que painéis de poliestireno pintados obtinham as mesmas respostas de crescimento de plantas que os painéis cobertos com solos de diferentes cores, se eles refletissem os mesmos comprimentos de onda e na

quilos, com cobertura vermelha, comparados aos 14.800 quilos, com plástico preto, uma diferença de mais ou menos 12%. “Este é um bom retorno, obtido pela mudança de cor na superfície”, aponta Hunt.

A partir daquele ano, os cientistas testaram vermelho, laranja, amarelo, azul, verde, branco, cinza, preto e várias combinações destas cores, em lavouras tais como pimenta, algodão, soja, ervilhas-do-sul, nabos e batatas,



Solos coloridos refletem diferentes ondas luminosas, como atestam as experiências de Patrick Hunt e Michael Kasperbauer

mesma proporção.

Entra o plástico colorido — Em 1985, D. R. Decoteau, um especialista em horticultura da Universidade de Clemsom, que estava pesquisando a produtividade de tomates, começou a trabalhar com Hunt e Kasperbauer.

Uma vez que cobertura plástica é amplamente usada para cultivo de tomates, sendo disponível, porém, apenas em preto ou branco, os cientistas tiveram que pintar o plástico para criar outras cores. Foram usadas tintas que tinham que ser medidas em espectrofotômetro para registrar os comprimentos de ondas da luz delas refletidas.

A magnitude do impacto que a cobertura colorida teve na primeira experiência com tomates surpreendeu-os, admite Hunt. Eles esperavam diferenças no crescimento, mas o aumento, com o uso da lona plástica vermelha, no primeiro ano, de 20% em frutos de elite — os que rendem mais dinheiro — causou espanto.

Este tratamento nem sempre proporcionava 20% de aumento. No segundo ano, a diferença era de 16.800

bem como tomates. Os nabos foram usados porque tanto as folhas como as raízes são usadas como alimentos.

Para todas as plantações, a chave é a quantidade de radiação infravermelha e a proporção entre ela e o vermelho.

“Não é tão simples quanto tirar o primeiro balde de tinta vermelho ou rolo de plástico vermelho da prateleira”, diz Kasperbauer. “A quantidade de radiação de infravermelho tem que ser verificada com um espectrofotômetro. As plantas são mais discriminadoras em relação às cores que o olho humano.”

Quando o plástico colorido começar a ser produzido comercialmente, a avaliação de cada cor terá que ser muito precisa. Há determinadas misturas que parecem vermelhas ao olho humano, mas é necessário um vermelho específico para estimular corretamente um tomateiro. “Não é qualquer vermelho que lhe dará mais e melhores tomates”, diz Hunt.

Cobertura colorida beneficiará tanto o horticultor doméstico quanto o produtor comercial, segundo Hunt e

Kasperbauer.

“Talvez ainda possamos colocar coberturas coloridas em camadas, de modo que, quando uma degrada, revele uma outra cor abaixo, porque você pode querer uma cor para estimular um rápido crescimento de raiz e posteriormente uma cobertura de outra cor para estimular o crescimento de brotos”, diz Hunt.

Padrões de cor também são uma possibilidade a considerar. Uma cor poderia intensificar uma parte da luz solar, enquanto outra cor aumentaria outra parte da luz. “Se você sobrevoasse campos com coberturas como estes, poderiam parecer axadrezados ou quadrados”, afirma o pesquisador.

No início, Hunt experimentou uma combinação de quadrados de azul e laranja fluorescente. As cores fluorescentes refletem luz com alta radiação vermelha e muito baixa infravermelha.

“A 91 metros de distância, a luz refletida do laranja fluorescente faz as plantas parecerem estar pegando fogo”, diz Hunt.

A combinação não funcionou bem com batatas, embora tenha tido algum efeito benéfico nos nabos.

Os estudos com nabos determinaram um outro efeito possível da luz colorida, no caso sobre o sabor desses vegetais. A escolha recaiu sobre os nabos porque tanto a raiz como as folhas são aproveitadas como alimento e em algum parte poderia ocorrer uma mudança.

Um outra vantagem provável do uso de uma determinada cor seria a de repelir pragas de insetos. Com a ajuda de um entomólogo, Steven Roach, os pesquisadores levaram a cabo um estudo de dois anos em que observavam insetos em algodão cultivado sobre sete cores de cobertura bem como sobre o solo puro.

Resultados preliminares mostraram que a cor da cobertura tinha alguma influência no número de insetos encontrados, embora nem todos os dados já tenham sido analisados.

Apesar de alguns aspectos do uso comercial de cobertura colorida precisarem ser ajustados, “ela pode ser uma das principais aplicações decorrentes das descobertas científicas relativas ao fitocromo”, diz Kasperbauer. “Efetivamente, a cobertura colorida baseia-se em sólida fotobiologia.”

**USE O PODER DE
IVOME[®] EM SUA FORMA
(ivermectin)
MÁXIMA. IVOME[®] POUR-ON
PARA BOVINOS.
O VERMÍFUGO MAIS
COMPLETO DO MERCADO.**



Z+G GREY

IVOME[®] é marca registrada de Merck & Co., Inc., Rahway, N.J., USA.

BR-2.0C.002

Esta é a tecnologia indicada para ajudar a tornar o seu investimento em lucro. IVOME[®] Pour-On é o único parasiticida pour-on que controla os parasitas internos e externos que infestam o seu gado.

O ingrediente ativo do IVOME[®] Pour-On para bovinos, ivermectin, é absorvido pela pele, atinge a corrente sanguínea e mata vermes redondos gastrintestinais e pulmonares com ação mais duradoura do que

qualquer outro produto (até 14 dias contra *Ostertagia ostertagi* e até 28 dias contra *Dictyocaulus viviparus*).

Mata também parasitas externos, como a mosca-dos-chifres e o berne, e é uma ajuda no controle do carrapato com ampla margem de segurança.

Usando IVOME[®] Pour-On em todas as fases para controlar parasitas, a sua boiada pode chegar ao abate mais pesada e em menos

tempo, ajudando você a ter mais lucro.

ivomec^{*}
(ivermectin)

POUR-ON
PARA BOVINOS
ENDECTOCIDA DE APLICAÇÃO EXTERNA
O SEU PARCEIRO NOS LUCROS

MSD AGVET  **MERCK SHARP & DOHME. FARMACÊUTICA E VETERINÁRIA LTDA.**
Av. Brig. Faria Lima, 1815 - 12º andar - CEP 01451-001 - Tel. (011) 814-5266 - São Paulo - SP

Brastexel

A Associação Brasileira dos Criadores de Texel elegeu a nova diretoria para o biênio 92/94, através de uma assembléia geral ordinária. A composição é a seguinte: presidente — Luiz Fernando de Oliveira Nunes; vice-presidente — Lenomir Trombini; tesoureiro — Saul Zubaram de Souza; secretário — Nilson Michel Missel, e diretor de sede — Sandra Aginsky. Estão nas diretorias em outros Estados: Santa Catarina — Renan Ramos Arruda; Paraná — Luiz Sérgio Trombini; Rio de Janeiro — Fernando Moreira; São Paulo — Luiz Cláudio Amaral Carvalho.

Melhoramento genético

A *Alta Genetics (AG)*, a maior central de embriões do Canadá, mantém em Porto Alegre seu escritório para a América do Sul. O ministro da Agricultura e Reforma Agrária, Antônio Cabrera, quando esteve em visita à Exposição e Rodeio de Calgary — *Stampede 92* — verificou as instalações da empresa, no Canadá, e inspecionou o material genético que está sendo remetido ao Brasil, em projetos relativos às raças de corte simental, limousin, charolês, hereford e angus,



enquanto, no gado de leite, o enfoque recai no holandês.

De acordo com Donário Lopes de Almeida, gerente no Brasil da empresa, a seleção é baseada em dados de performance, onde são utilizados animais doadores com índices superiores no rebanho. Esta é, aliás, uma exigência do próprio ministério, que, assim, garante a entrada de material superior no País. O ministro, disse Donário, se mostrou interessado nas novas tecnologias adotadas na empresa, tais como sexagem de embriões, uso de ultra-sonografia e fertilização *in vitro*. E, ainda, foi levantada ainda a possibilidade de repasse das tecnologias e, objetivamente, da regulamentação sobre a importação de embriões sexados, o que permite a aquisição de um produto determinado, isto é, macho ou fêmea.

Durante a Expointer, encerrada no mês passado, a *Alta Genetics* negociou US\$ 60 mil com a venda de 110 embriões da raça limousin, para criadores de Santa Catarina, São Paulo e Minas Gerais. Na raça simental, foram comercializados US\$ 30 mil com a venda de sêmen e embriões para criadores do Paraná. No holandês, realizou-se o 1º Leilão de Embriões/RS,

com dez produtos doados pela empresa à Associação dos Criadores de Gado Holandês, que resultou na soma de Cr\$ 30 milhões. Esta iniciativa faz parte de um lote de 230 embriões de elite de holandês canadense, que serão colocados à disposição dos criadores.

Livro do mangalarga

O estudioso em equinos Sérgio Lima Beck acaba de lançar o livro "Mangalarga marchador — caracterização, história e seleção", com 335 páginas e diversas ilustrações originais. A obra trata da classificação hipológica do animal, destacando as características marcantes, numa análise feita com profundidade da história dessa raça "verde e amarela", oferecendo várias informações complementares.

De um lado, a obra aborda os criatórios que formaram a raça e, de outro, os que a consolidaram. Contém, ainda, várias sugestões para o aprimoramento e o fomento desse cavalo. Como contribuição maior, apresenta um enfoque bastante acadêmico e correto referente às linhagens, não sendo baseado em nome de fazenda ou afixo de criador, mas, sim, em determinados espécimes. Além disso, expõe as características específicas que eles passaram para as respectivas linhas de descendência, conforme os conceitos de melhoramento genético e da zootecnia. Os pedidos deverão ser feitos diretamente ao autor através do telefone (011) 826-9896.

Pitangueiras

A nova diretoria da Associação Brasileira de Criadores de Bovinos Pitangueiras escolheu a administração para o triênio 92/95, cuja composição é a seguinte: presidente — Eduardo Alves de Alcântara; vice-presidente — Lívio Malzoni; vice-presidente — Mário Lins Borba; 1º secretário — Carlos Turner Vianna; 2º secretário — Rodovaldo Passariol; 1º tesoureiro — Carlos Vieira Ribeiro e 2º tesoureiro — Clóvis de Lima Júnior.



Adivinhe qual é o segundo jornal em circulação paga do Rio Grande do Sul.

- | | | |
|---|--|---|
| <input type="checkbox"/> Agora (Rio Grande) | <input type="checkbox"/> Folha de Hoje (Caxias do Sul) | <input type="checkbox"/> O Pioneiro (Caxias do Sul) |
| <input type="checkbox"/> A Razão (Santa Maria) | <input type="checkbox"/> Gazeta do Sul (Santa Cruz) | <input type="checkbox"/> VS (São Leopoldo) |
| <input type="checkbox"/> Correio do Sul (Bagé) | <input type="checkbox"/> Jornal do Comércio (Porto Alegre) | <input type="checkbox"/> Zero Hora (Porto Alegre) |
| <input type="checkbox"/> Diário Popular (Pelotas) | <input type="checkbox"/> NH (Novo Hamburgo) | |
| <input type="checkbox"/> Diário Serrano (Cruz Alta) | <input type="checkbox"/> O Nacional (Passo Fundo) | |

O primeiro é este aqui.



Se você marcou Zero Hora, no teste, acertou. Segundo os dados comparativos da Biedermann, Bordasch Auditores Independentes e do IVC, Zero Hora é, realmente, o segundo jornal em circulação paga do Rio Grande do Sul. O primeiro, como demonstra a tabela abaixo, é o Correio do Povo. Aliás, essa posição não é novidade para o Correio do Povo nem para os leitores gaúchos. Afinal de contas, o Correio do Povo tem um compromisso com a verdade e com a independência desde quando nasceu, em 1895. E isso, você sabe, é fundamental para um jornal manter seus leitores e ampliar a circulação.

MÉDIAS DIÁRIAS DE CIRCULAÇÃO PAGA

RESUMO DO MOVIMENTO	OUTUBRO		NOVEMBRO		DEZEMBRO		MÉDIA TRIMESTRE	
	CP	ZH	CP	ZH	CP	ZH	CP	ZH
— Circulação paga	170.967	128.747	171.571	126.358	169.891	127.458	170.809	127.521

FONTES: CORREIO DO POVO - BIEDERMANN, BORDASCH AUDITORES ZERO HORA - IVC.

Chinchila, uma criação que exige conhecimento

Antes de iniciar uma atividade, independente da área pretendida, o interessado deve buscar todos os meios disponíveis para ficar por dentro do assunto. Dessa forma, ele vai adquirir conhecimentos básicos para tocar o futuro negócio. No caso de um criatório de chinchilas, por exemplo, é indispensável saber as principais características do ponto de vista de padrões de qualidade, condições ambientais, equipamentos, entre outros itens.

Dilermando Torres, diretor da Chillacenter, de Porto Alegre/RS, empresa que conta com um centro de atendimento completo a criadores, disse que, embora a literatura disponível em português não seja muito farta, propicia noções para quem quer iniciar-se no ramo. Além disso, continua, existem cursos periódicos que são fundamentais no preparo do novo criador. "Não se trata de um investimento irrisório, que permita arriscar no escuro, uma vez que só será rentável caso seja bem conduzido, e o produtor precisa estar apto ao manejo e à seleção para a compra de animais de alto nível."

Uma família de chinchilas é composta de um macho e cinco fêmeas, e sua cotação está em US\$ 3.500, com o retorno previsto para quatro anos. E sempre é bom lembrar, destaca Torres, que o objetivo é a pele, e que um animal de baixa qualidade proporcionará um produto final ruim. "É como o caminho é a exportação, o controle de qualidade é implacável lá fora."

O berçário ideal para os leitões

A maternidade se constitui numa das fases mais importantes no criatório de suínos, seja em sistemas confi-



nados, seja em intensivos. E para provar isso, o pesquisador Armando Vitória de Oliveira, do Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves — CNPSA, da Embrapa/SC, explica que o produtor precisa ter grande cuidado ao projetar essa edificação. A maternidade exige dois ambientes, sendo um para a porca e outro para os leitões, pois as taxas de temperaturas de conforto exigidas pelos animais são diferentes. No caso da leitegada, torna-se indispensável o emprego de escamoteadores, onde o calor é controlado e torna o microambiente mais confortável.

A relevância dessa fase criatória na suinocultura obrigou o CNPSA a lançar um folheto informativo intitulado "Criações de suínos: construa corretamente a maternidade e a creche". As informações aparecem em detalhe e visam a orientar o produtor no momento da construção. As pessoas interessadas em receber gratuitamente o material devem escrever para o Setor de Difusão e Transferência de Tecnologia — SDTT, enviando um envelope pré-endereçado e selado para a resposta, que chegará gratuitamente. A caixa postal é 21, CEP 89700, Concórdia/SC.

Simbrasil dá certo no MS

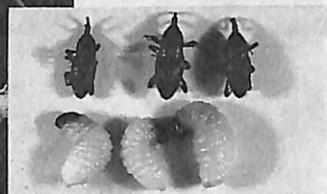
O cruzamento entre as raças nelore e simental vem sendo realizado há um ano na Fazenda Jaguarundy/MS, propriedade do comandante Rolim Adolfo Amaro (Grupo Tam-Transportes Aéreos Regionais). O trabalho envolve 2.900 cabeças, sendo 2.200 nelore, 150 simental PO e 560 meio-sangue, esses últimos resultados das cruzas iniciais.

O programa inicial, destacou o veterinário Christopher Exley Edwards, começou no fim de 1990 com a importação de 42 vacas simental PO, num investimento aproximado de US\$ 1 milhão. A finalidade foi gerar os touros, hoje em número de 19, voltados ao cruzamento industrial, onde a última etapa é o surgimento da raça simbrasil (os primeiros bezerras estão sendo desmamados na propriedade).

O garrote meio-sangue, resultado da cruz entre um macho simental PO e uma fêmea nelore, é desmamado aos seis meses de idade. A partir daí, o animal passa a ser alimentado com feno de aveia, brachiária e rolão de milho. Nessa fase, disse Edwards, aparecem os resultados. Enquanto o peso de um nelore macho com essa idade é de 163kg, o meio-sangue chega a 193kg (aos 25 meses, é superior ao nelore em 37kg). E, no caso das vacas, a diferença atinge 36kg.

Para o desenvolvimento desse projeto, conta o veterinário, não é necessário um elevado número de pessoas. "Na Jaguarundy, cinco peões dão conta do gado e inclusive fazem a inseminação com sucesso. E para dar maior velocidade de multiplicação da raça de elite é empregada a transferência de embriões."





Solução pacífica contra a broca

Os produtores catarinenses de banana estão conseguindo controlar o seu pior inimigo — a broca — sem empregar uma grama de agrotóxico. A boa nova veio com um inseticida biológico desenvolvido pelo Centro de Tecnologia Agrícola do Litoral Norte, da Epagri, de Itajaí/SC. O produto substituiu com vantagens os compostos químicos até então aplicados contra o inseto. O fungo *Beauveria bassiana* funciona como isca e consegue contaminar e matar as larvas do besouro *Cosmopolites sordidus*, a popular broca moleque das bananeiras.

O pesquisador Honório Prando, responsável pelo programa, informa que a praga ataca o rizoma da planta

(o verdadeiro caule, que fica no solo) abrindo galerias e debilitando o pé; as folhas amarelam e os cachos ficam pequenos. O técnico garante que todo li-

toral catarina sofre do mal, estimando que os danos daí decorrentes chegam a 30%. “Utilizar carbamatos e fosforados é caro e tóxico. Além disso, quem emprega esses químicos não pode esquecer do período de carência de 90 dias. Caso este não seja obedecido, o fruto consumido antes de três meses poderá intoxicar a pessoa que o comer.”

Cultivar que rende mais

O morango variedade “IAC Princesa Isabel”, desenvolvido pelo Instituto Agronômico de Campinas/SP, está em fase de multiplicação de mudas,

para atender os produtores interessados de todo o País. Com o fruto mais firme, resistente à embalagem e a transporte longo, este cultivar passou por testes de avaliação para a produção comercial, sendo considerado adequado para substituir o “Campinas”, adotado há mais de 20 anos pelos agricultores.

A produtividade do “Princesa” é competitiva com os cultivares atuais, ficando em torno de 15t a 30t/ha. A tecnologia de implantação é a mesma, tendo a fruta uma coloração vermelho-clara brilhante, é precoce, e sua produção inicia após 50 dias do plantio. A haste é mais longa, facilitando a colheita manual.



MAXI-TÚNEL

Agricultura de Primeiro Mundo

O moderno agricultor não admite fazer da agricultura uma loteria onde tudo é decidido pela sorte ou pelo tempo. Ele quer ter certeza de colher tudo o que planta. E com lucros. Para isso precisa investir em tecnologia. O MAXI-TÚNEL é o que existe de mais avançado em construção agrícola para plasticultura.

No MAXI-TÚNEL você colhe o ano inteiro produtos como tomate, pepino, melão, alface e tantos outros, sem interferência do clima. Não tem entressafra e nem calendário agrícola. As colheitas são regulares e os produtos resultam com muito mais qualidade.

Venha falar com nossos técnicos e disponha de mais de 15 anos de experiência em plasticultura.



PLASTICULTURA GAÚCHA

Tecnologia e produtos para uma nova agricultura
Rua Fernando Ferrari, 844 - 93260.030 Esteio/RS -
Fone: (051)473 4144 - Fax: 473 4537



Safra 92/93: sai o milho, volta a soja



As primeiras impressões para a safra 92/93 de soja no Brasil apontaram uma forte e clara tendência de aumento na área plantada em relação a 1991. Essa foi a principal conclusão no levantamento inicial de intenção de plantio para a nova safra de verão, realizada por Safras & Mercado. Por essa avaliação, percebe-se que o crescimento da soja estará ligado basicamente à diminuição de outras culturas e não à incorporação de novas áreas.

Soja — A motivação básica dos produtores, que está levando a essa aparente preferência, fundamenta-se nas seguintes razões:

1. A comercialização da oleaginosa em 1992 foi boa, com uma combinação de preços razoáveis e excelentes níveis de produtividade média.

2. Outras culturas de verão, como o arroz, o algodão e o milho tiveram comercialização fraca e tumultuada, sendo que esse último deve perder mais terreno. A diminuição da área no algodão deve ocorrer no Paraná e São Paulo, enquanto o arroz de sequeiro também ficará com alguma desvantagem em relação à soja no Centro-Oeste do Brasil.

3. O estímulo do governo com o último pacote agrícola: boa disponibi-

lidade de recursos para pré-custeio e custeio, correção real nos Valores Básicos de Custeio/VBC da soja — que ficou entre 12% e 23% — e aumento nos limites de financiamento para médios e grandes produtores, que passam a contar agora com 60% do VBC.

4. A total independência em relação ao governo na comercialização da soja, o que não ocorre normalmente com o arroz e com o milho.

5. Garantia de possuir em mãos um produto com alta liquidez e cuja venda pode ser feita antecipadamente. Tais características não se apresentam nas outras culturas da cesta básica.

6. Pela própria instabilidade política e econômica do País, nada melhor do que possuir um ativo real.

Insumos — Como resultado desse conjunto de fatores, chegamos a uma intenção de plantio para a soja entre 10.117 e 10.770 mil hectares, com uma média de 10.470 mil hectares. Esse total representa um crescimento de 10% no cultivo, em relação aos 9.528 mil hectares da safra 91/92. Se levarmos em conta um comportamento climático normal podemos obter um rendimento médio de 1.980kg/ha e uma produção entre 20.119 e 21.351 mil toneladas, com média de 20.740

mil toneladas, cerca de 8% superior às 19.200 mil da safra anterior.

Em linhas gerais, podemos imaginar um ano de aquecimento na demanda. Caso o equilíbrio entre oferta e procura se mantenha em 1993, poderá ser um bom indicador para os preços no segundo semestre desse ano. No primeiro, entretanto, não há razão para tanto otimismo, principalmente se confirmada a atual previsão de safra excepcional nos EUA, o incremento na área cultivada no Brasil e na Argentina, e um bom desenvolvimento climático nessa próxima safra de verão sul-americana.

Com o aumento da oferta e com uma demanda sem condições de acompanhar este crescimento, deveremos ter preços pressionados em Chicago e cotações fracas na colheita da safra brasileira. Por isso, recomendamos evitar o acúmulo de vendas no período entre abril e julho do próximo ano, e vender parte da produção antecipadamente, em especial de setembro a janeiro. Os preços praticados estão remuneradores e dificilmente serão batidos pelas cotações na entrada da safra, exceto se houver distorções nas colheitas no Brasil e Argentina.

Milho — A nossa estimativa inicial prevê redução de 5,5% na área, um dado preocupante, pois o governo incentivou a soja, o que obrigará a importações em volumes consideráveis no próximo ano. Já no centro-sul o milho também perde para a soja. Nos últimos dois anos, os preços foram favoráveis aos produtores, promovendo um crescimento da ordem de 17% na área plantada entre 89/92 e 91/92, sendo bem rentável nos últimos três anos. Porém, a dependência do preço mínimo efetivamente jogou o mercado ao desânimo, apesar do milho ainda ter proporcionado bons ganhos em termos de produtividade.



“Blood Ferrari”: Cr\$ 107 milhões na batida do martelo

Quarto de milha alcança Cr\$ 5,0 bilhões

O III Expressão Nacional, considerado o maior leilão quarto de milha de todos os tempos, reuniu criadores do país inteiro, passando em pista 449 lotes no Parque da Água Branca/SP. O volume total chegou à casa dos Cr\$ 5,0 bilhões, para uma média de Cr\$ 11,2 milhões. A oferta constou de animais puros, mestiços e cruzados, entre machos e fêmeas das mais variadas idades.

Os leiloeiros Nilson Genovesi e João Gabriel conduziram os trabalhos, onde houve lances corajosos, com excepcionais vendas, entre elas o macho “Blood Ferrari CB”, que, ao final da batida do martelo, atingiu a cotação de Cr\$ 107 milhões. Os compradores foram os irmãos José e Moacir Rosa Fernandes, de Cajobi/SP, que há oito anos são criadores e têm um plantel de 60 animais.

O outro destaque foi o importado “Rebel Truckaluck”, nascido em 75, animal clássico e produtor de filhos premiados nas pistas brasileiras. De José Sylvio Simões Pinto, o ganhão passou para Jaime Guido Mânica, de Campo Grande/MS, que está iniciando o criatório e é dono de dez éguas puras, sendo três importadas. Mânica desembolsou Cr\$ 90,3 milhões.

Já o criador José Roberto Orsi, de Piracicaba/SP, vendeu três machos: “Polaço MS”, nascido em 90, por Cr\$ 94,5 milhões, para Lucilla Müller Arndt; “Adversary Dockie MS”, com um ano de idade, por Cr\$ 77,7 milhões, para o Haras Suidimar e, ainda, “Adventure Dockie MS”, por Cr\$ 67,2 milhões, para Antônio de Pádua Aguiar Barros. Os dois últimos lotes são filhos do ganhão-chefe da Agropecuária Marca Sino, o importado “Okie Easterwood”, animal premiado nos EUA e dono de uma pelagem que atrai interessados: baio amarelo.

Fêmeas — Quanto às éguas, o destaque ficou para “Freeleine Ferrari TH” e “EBB Tide Bar”, ambas arrematadas pela mesma quantia: Cr\$ 90,3 milhões. A criadora Karin Von Kameke, do Haras Vale Dourado, de São Paulo, disse que comprou “Freeleine” em virtude de uma paixão à primeira vista. E a outra fêmea, “EBB”, que pertencia a Sérgio Nougues, foi levada por Hélio Saldanha de Oliveira, para Assis, São Paulo.

Recorde das arábias: Cr\$ 1,68 bilhão

No 4º Leilão de Liquidação Total da Fazenda Santa Gertrudes, de Na-

gib Audi, o ganhão árabe “Padrons Image” alcançou a soma recorde de todas as raças: Cr\$ 1,68 bilhão, no dia 12 último, em São Paulo. O comprador foi o argentino Santiago Obarril, do Haras Mayed, da Província de Buenos Aires, em conjunto com outros quatro selecionadores, que aproveitaram a defasagem cambial num momento bastante favorável aos *hermanos*. Mesmo assim, sem dúvida, foi um ótimo negócio, em termos de Brasil, para Nagib, que vendeu 46 animais pela importância de Cr\$ 4,278 bilhões.

Alcool se sobrepõe aos eqüinos

A Usina da Barra, controladora do Haras Cara, de Barra Bonita/SP, liquidou o plantel de 94 cavalos mangalarga durante os dias 14 e 15 de setembro, no Palace. Para Sérgio Ometto, presidente da usina, e Fernando Altério, vice e também proprietário do Palace, o faturamento de Cr\$ 3,5 bilhões, com média de Cr\$ 37,7 milhões, não foi dos melhores. “Diante da crise, as cifras não contrariaram a expectativa.”

O empresário Paulo Sérgio Barbanti tem se constituído num dos maiores investidores dos remates da praça paulista. Do Haras Cara ele simplesmente arrematou o ganhão principal, “Jambo da Cara”, pela quantia de Cr\$ 412,8 milhões. Além deste, levou a égua “Jornada da Cara”, preta de “Turbante JO”, por Cr\$ 360 milhões.

Tableau — O Leilão Tableau Mangalarga de 1º de setembro último negociou 31 lotes por Cr\$ 368 milhões, com a média de Cr\$ 11,8 milhões. O animal mais valorizado “Piatã da Santa Filomena” atingiu Cr\$ 26,4 milhões, e foi comprado pelo Haras 3 Irmãos, Jundiá/SP, da Agropecuária Falciano Ltda. Por outro lado, a fêmea melhor cotada foi “Karícia R.Y.” com Cr\$ 19,6 milhões, vendida por Luiz Bentes do Amaral a André Barbanti.

ESCOLHA SEU TRATOR

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
AGRALE	4300	HSE 24 ST		92.166.174
	4300	HSE 24		95.997.830
	4100	HSE 24 ST		50.845.200
AGRALE/DEUTZ	BX-60			163.791.454
	BX-4.60			210.249.993
	BX-90 VE			216.291.400
	BX-4.90			281.581.239
	BX.100			255.626.669
	BX-4.110			325.755.457
	BX-130			286.759.915
CASE	580H AX			334.630.800
	W 18			475.045.200
	W 20B			530.499.200
	W 36D			963.375.000
	80 CR			764.071.000
	80 P			827.996.400
CATERPILAR	D4E-SR			525.484.236
	D6D-SR			1.070.315.685
	D6D-PS			
CBT	8240			213.269.020
	8440			218.210.203
	2105	TMM/STD		230.578.440
	8060	4x4		259.193.183
	8450	4x4		299.389.378
	8060			270.766.564
	8260	4x4		333.231.122
	8240	CC		170.723.900
	8440	CC		175.287.858
	2105	CC		222.438.553
ENGESA	1128-CF			819.061.594
	1428-CF			893.675.453
	923-CF			767.852.462
	815-CA			511.080.797
FORD	4610		14.9/13x28	164.495.010
	5610		16.9/14x30	189.655.762
	5610	4x4	18.4/15x30	259.677.025
	6610		13.6/12x38	214.892.350
	6610	4x4	18.4/15x34	282.901.419
	7610		18.4/15x34	250.843.297
	7610	4x4	18.4/15x34	327.927.823
7810	4x4	18.4/15x34	370.140.843	
FIATALLIS	7D			504.093.939
	FD9C0			743.185.506
	FD9E0			726.018.152
	FA120			660.090.411
	14CTC0			1.082.926.911
14CTE0			1.063.871.367	

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
KOMATSU	D30E			563.445.517
	D50A			934.064.587
	D50P			1.003.414.638
	D60E			1.546.638.910
	D60F			1.644.099.644
	D6SE			1.614.520.445
	D73E			1.810.664.855
MAXION	MF 235			131.219.298
	MF 235 E			126.989.594
	MF 265			164.990.757
	MF 265 E			162.682.989
	MF 265/4			224.969.523
	MF 275			188.741.531
	MF 275/4			206.400.106
	MF 272 E			184.444.091
	MF 290			236.503.153
	MF 6845	grão		539.431.226
	MF 6845	arroz		559.695.266
	MF 6045	grão turbo		559.693.581
	MF 292			863.009.067
	MF 292/4			313.680.432
	MF 297			284.827.271
	MF 297/4			341.376.390
	MF 299			316.933.522
	MF 299/4			396.928.535
	MX 9150			432.983.616
	MX 9170			469.373.730
MÜLLER	TM 12	c/teto solar simples		406.500.000
	TM 12	c/teto solar duplo		428.200.000
	TM 14	c/teto solar simples		452.400.000
	TM 14	c/teto solar duplo		527.600.000
	TM 17	c/teto solar simples		554.300.000
	TM 17	c/teto solar duplo		584.000.000
	TM 25	c/teto solar duplo		644.600.000
	TM 25	cabine/duplo		680.600.000
	TM 31	c/teto solar duplo		877.500.000
	TM 31	cabine/duplo		910.200.000
SANTA MATILDE				
	SM 370	C		231.307.257
	SM 400	CR		151.301.037
	SM 500	CR		153.975.595
VALMET	68	ESP		170.214.141
	68	STD		157.538.068
	78	ESP		196.912.375
	78	STD		172.513.309
	885	MILT		245.369.245
	885	PCR		184.465.586
	885	4x4 MULT		316.128.122
	985	4x2 MULT		279.448.468
	985	4x4		363.847.591
	1180	4x4 MULT		410.970.101
	1280	4x2		326.441.948
	1280	4x4		441.769.112
	1580	4x4		547.895.713
	1780	4x4		614.564.645
YANMAR	TC 11			52.410.425
	1040 STD			130.886.759
	1050 STD			170.152.787

ESCOLHA SUA COLHEDEIRA

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
IDEAL	9075	grão		484.607.805
	9075	arrozeira		502.717.205
	9070	grão turbo		511.310.464
LAVRALE	L 300	arrozeira/direto		237.276.000
	L 300	p/cereais		232.478.000
	L 300	p/milho		245.888.000
LEILA	LEILA 2	esteira		90.000.000
	LEILA 2	roda		81.800.000
	LEILA 1	esteira		74.800.000
	LEILA 1	roda		68.000.000
MASSEY FERGUSON	3640	arrozeira		459.224.440
	5650	grão		489.596.161
	5650	arrozeira		475.511.444
	5650	grão turbo		524.469.737
	5650	arroz turbo		446.538.024
	1134	plataforma de milho		83.672.865
	1144	plataforma de milho		104.778.664

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
NEW HOLLAND	8040	arroz irrigado		409.820.667
	8040	trigo e soja		421.666.325
	8040	arroz sequeiro		415.347.509
	8055	arroz irrigado		466.990.250
	8055	trigo e soja		487.579.781
	8055	arroz sequeiro		483.336.986
SANTA MATILDE	5105			290.965.978
	1200			273.071.809
SLC	6200	versão básica (S/PC)		252.708.172
	6200 turbo	c/motor turbo (S/PC)		277.044.154
	6200 H/4	transmissão hydro (S/PC)		302.189.828
	6200 H/4 T	turbo hidrostático (S/PC)		326.525.812
	6200	versão arrozeira (S/PC)		262.815.331
	6200 turbo	c/motor turbo (S/PC)		287.150.963
	6200 H/4	transmissão hydro (S/PC)		312.296.980
	6200 H/4 T	turbo hydro (S/PC)		336.632.963
	Série 200	plataformas		
	PC 213	cutte 13 pés rígida		54.166.495
	PC 216	cutte 16 pés rígida		54.735.439
	PC 273	cutte 13 pés flexível		57.154.536
	PC 216	cutte 16 pés flexível		57.819.169
		controle aut. p/flexível		10.109.133
	PM 3209	p/milho 3 linhas regul.		69.758.692
	PM 4209	p/milho 4 linhas regul.		94.874.979
	CE 6200	conjunto de esteiras 6R		110.968.812

OBSERVAÇÕES:

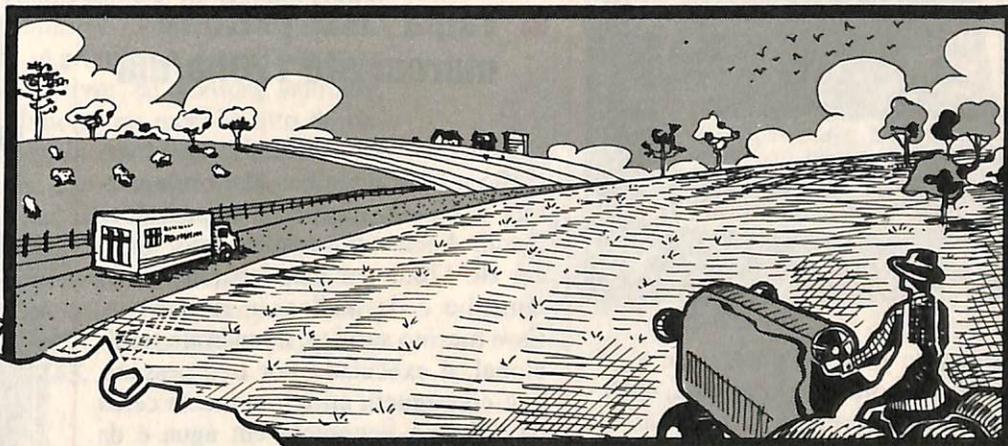
- 1) Os preços são posto-fábrica, fornecidos em setembro
- 2) Preços para as regiões Sul e Sudeste
- 3) Não confirmou preços: Leila

Pelos caminhos do desenvolvimento.

Corre pelo interior do Brasil a confiança em um transporte mais eficiente para tudo o que esta terra produz.

A **Transportadora Tresmaiese** está presente em 11 estados para dar cobertura à melhor distribuição destas riquezas.

Com um seguro total para as mercadorias e a mesma freqüência programada de embarques em suas **95 filiais**, a Tresmaiese atende integralmente aos estados do **RS, RJ, SC, PR, SP, ES**



e **MS**, além dos principais centros de **MG, MT, RO** e **AC**.
Chame a Tresmaiese. Ela passa cada vez mais pelos caminhos do desenvolvimento.

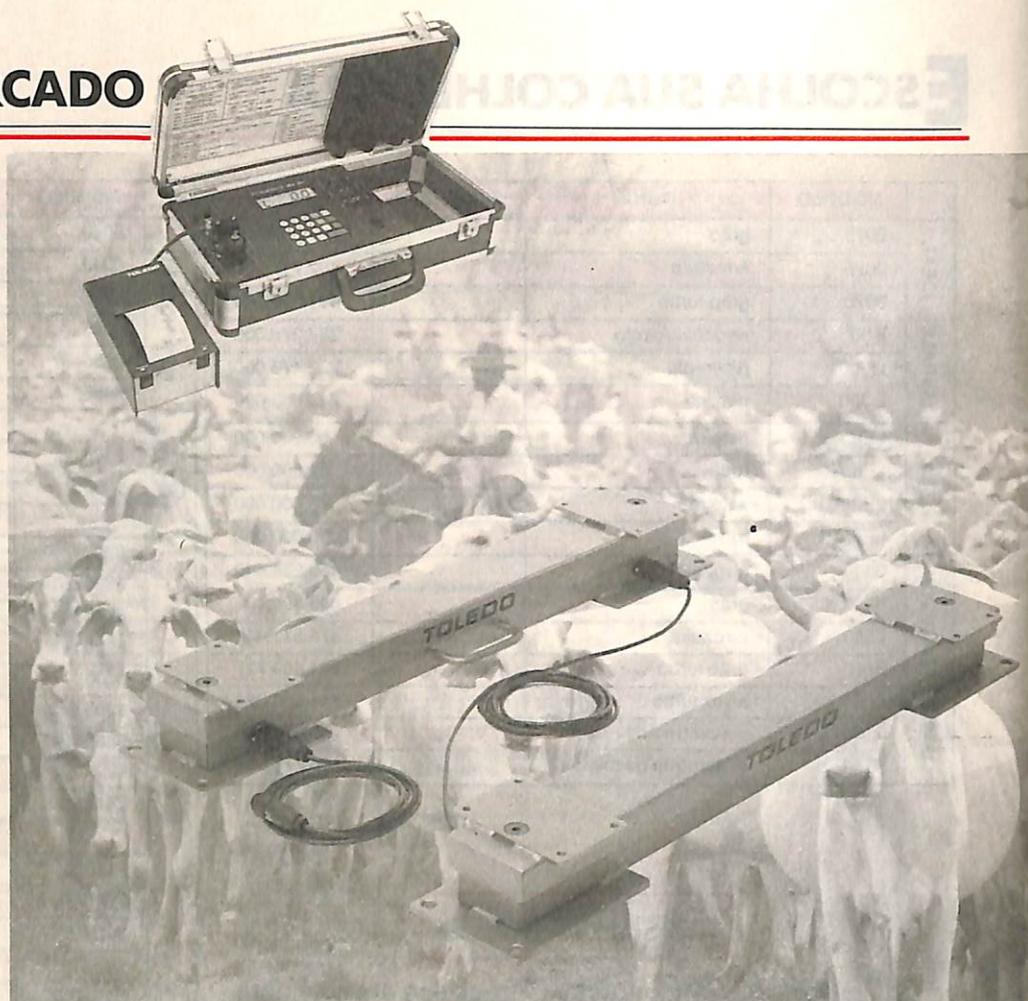
TT TRANSPORTADORA
TRESMAIESE LTDA

MATRIZ: Rua da Várzea, 481 - PABX e Fax (051) 341.6233 - Telex 51.2468 e 51.3372 - TRTM - Porto Alegre-RS

NOVIDADES NO MERCADO

■ Balança portátil eletrônica, a precisão que faltava na pesagem de suínos

O que você acha de pesar 300 animais por hora? Este é o desafio que a Toledo está fazendo aos produtores que adotarem a balança eletrônica portátil para gado. O equipamento pode ser instalado no brete já existente, sem machucar, ferir, provocar estresse ou erros de caráter humano. A balança registra a pesagem em fita e separa os lotes por faixas de peso. As duas barragens de pesagem eletrônica podem ser instaladas de várias maneiras, aproveitando os recursos da propriedade. Toledo do Brasil Indústria de Balanças Ltda., Rua Galeno de Castro, 730, CEP 04696-916, São Paulo/SP, fone (011) 247-7233.



■ Já está rodando o caminhão "verde" da Mercedes-Benz



Fibras de juta, de coco e de algodão, além de óleos de mamona, castanha de caju e borracha natural, são alguns dos produtos de origem vegetal que a Mercedes-Benz está utilizando na fabricação de caminhões. Os produtos saem da fábrica com revestimentos do teto da cabina e das paredes traseira e laterais confeccionados com fibras de juta ou algodão, representando 60% a 70% de sua composição. A incorporação crescente desses recursos naturais renováveis na linha de produtos é uma das soluções tec-

no-ecológicas da empresa, por meio das quais ela torna seus veículos cada vez mais favoráveis ao meio ambiente, desde a construção e utilização até o descarte final, concretizando assim

■ Taipa laser permite marcar até 120ha/dia

O nível "Wild LNA30" faz a marcação a laser de taipas, de forma correta e rápida, destaca a importadora Itasul. Apenas um homem pode marcar até 120ha por dia, dependendo do tamanho e da inclinação do terreno. Esse mesmo serviço, no método tradicional, é executado por três pessoas, que conseguem atingir somente cerca de 37ha. A economia em água é da ordem de 20%, do sistema que consiste de um transmissor LNA30, um receptor LPD6, um sinalizador de três luzes LRD6 e do conjunto de instalação. Através da utilização de uma bateria recarregável de longa vida e recarregador, o transmissor, que é dotado de um prisma giratório, gera um raio invisível, estabelecendo assim o plano laser de 360 graus. Itasul Im-

portação e Instrumental Técnico Ltda., Rua Dr. Flores, 245, sala 202, Porto Alegre/RS, fones (051) 228-7788/1806/1073.





■ Novas niveladoras: grande resistência e maior produtividade

As lavouras de arroz e outras que necessitam nivelamento contam agora com a ajuda das novas versões das niveladoras "NC8" e "NC10", que a Boelter produz em sua linha de prepa-

■ O porco no computador



ro do solo. Estruturas robustas de perfis dobrados proporcionam resistência e durabilidade, garante o fabricante. Um sistema de direção por pivô central e articulação neutraliza os desníveis do terreno, mantendo as quatro lâminas paralelas ao solo, com incremento de rendimento a cada passada. Os exclusivos cubos sobre rolamentos cônicos impedem a entrada de poeira e terra, dando maior vida útil a todo conjunto. Boelter Agro Industrial Ltda., BR-290, caixa postal 196, Gravataí/RS, fone (051) 488-3522.

Um software especialmente desenvolvido para planejar e controlar a criação industrializada de suínos, denominado de PIG—Planejamento Integrado da Granja, surge para facilitar o gerenciamento, elevando a produtividade e possibilitando maior eficiência ao manejo. O programa controla tanto as matrizes como os lotes, e emite ordens de serviço para cada área de trabalho, tais como gestação, creche e engorde, bem como diagramas de estágios de vida. O software remaneja as atividades para os dias mais convenientes da semana, programando tarefas, como entregas de ração e equipamentos de granja (portões, chupetas) e até tratamentos sanitários. Gear, Consultoria e Marketing, Rua Lopes Quintas, 165, Jardim Botânico, CEP 22460-010, Rio de Janeiro/RJ, fone (021) 259-9099.

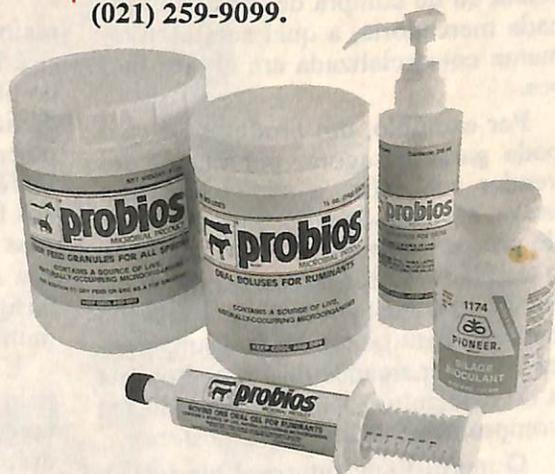
■ Um óleo sem colesterol avalizado até por cardiologistas



O primeiro óleo vegetal de canola no Brasil, o "Purilev", já está disponível para as donas-de-casa. O produto é considerado puro, leve e mais saudável do que os demais porque não contém colesterol. Segundo estudos da *Human Nutrition Information Service*, do Departamento de Agricultura dos EUA, esse óleo é 94% livre de gordura saturada, sendo o pioneiro no recebimento de um selo de aval da Sociedade Brasileira de Cardiologia. Ele é inodoro e não altera o sabor original dos alimentos. É indicado para frituras, saladas, entre outros alimentos. Olivebra - Alimentos e Embalagens, Rua Siqueira Campos, 1163, CEP 90010-001, Porto Alegre/RS, fone (051) 221-9745.

■ Próbios: uma linha de alimentos a favor da vida animal

Uma nova linha de produtos microbiais importados dos EUA, destinados ao setor de nutrição animal, está sendo desenvolvida pela Pioneer. Esta linha inclui um inoculante para a silagem, o 1174, à base de culturas bacterianas vivas, administradas aos animais via digestiva, com a marca "Próbios". Ele tem por finalidade



manter o plantel mais saudável quando ocorrem períodos de estresse causado por mudança de ração, calor, frio, transporte e situações adversas ao equilíbrio da flora intestinal. Pioneer Sementes Ltda, BR-471, km 49, Santa Cruz do Sul/RS, fone (051) 711-3733.

O futuro à bolsa pertence

A Bolsa de Mercadorias e Futuros é uma instituição privada sem fins lucrativos. Em seus pregões são feitos negócios a futuro com produtos agropecuários, como café, boi, bezerras e algodão ou ainda com ativos financeiros, como ouro, dólar, taxa de juros e índice de ações.

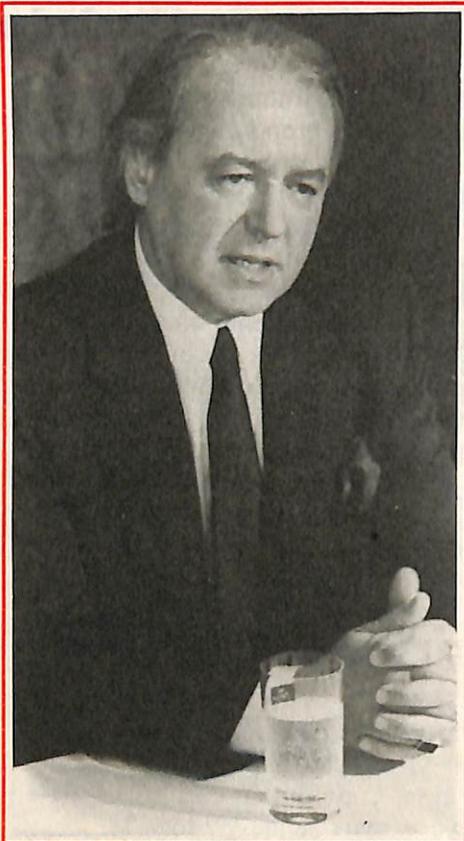
O mercado futuro não é recente no mundo, tendo o Japão como precursor, na época dos *shoguns*. Porém, sua existência, como conhecemos hoje, data de meados do século passado, com início em Chicago, nos Estados Unidos, onde são operadas em nível mundial as duas principais bolsas. No Brasil, a mais importante Bolsa de futuros é BM&F, de São Paulo, movimentando cerca de US\$ 1 bilhão/dia.

O princípio básico que norteia o funcionamento deste mercado é bastante simples. O objetivo é que os participantes possam assumir, no momento presente, um compromisso de venda ou de compra de uma determinada mercadoria, a qual será efetivamente comercializada em alguns meses.

Por exemplo, um produtor de café pode garantir, agora, por quanto irá vender sua safra, a ser colhida em breve, eliminando o risco da oscilação de preços do produto. Por outro lado, o torrefador tem o interesse em garantir, hoje, o custo futuro de aquisição do café. Para tanto, ele fará uma operação em mercados de futuros oposta a do cafeicultor, isto é assumindo um compromisso de aquisição posterior.

O mercado de futuros é um instrumento moderno, cuja função primordial é oferecer um mecanismo que faça frente à variação de valores dentro da economia. No caso específico do setor agrícola, o emprego de tal sistema auxilia o governo no processo de venda da safra, passando à iniciativa privada esse ônus.

A BM&F atualmente é a sexta



Manoel Pires da Costa, presidente da Bolsa de Mercadorias & Futuros/SP

maior do mundo e a primeira da América Latina. O seu papel na formação do bloco dos países do Cone Sul, sem dúvida, será de grande importância. O potencial agrícola do Mercosul leva a BM&F a acreditar que alguns mercados futuros agropecuários poderão ter seus pregões como centro de liquidez. E à medida que se expandirem, a interligação como os demais, em termos mundiais, será um passo natural.

E quem utiliza a Bolsa de Futuros para fazer operações de proteção de preço, seja ele produtor ou comprador, seja ele armazenador, está sem-

pre garantindo um valor de compra ou venda. O risco das transações será assumido por um outro participante, que é relevante para o mercado: o especulador. Nesse ramo é ele que gera a massa crítica, para que os produtores e armazenadores, entre outros, façam as operações de seguro.

Em mercados de futuros não há necessidade de que o produto exista, pois o que se negocia são compromissos mútuos. E, quando do vencimento, a liquidação poderá ser feita financeiramente ou por entrega física (nesse caso, a posse do produto efetivamente acontecerá). Por outro lado, é bom lembrar que todas as operações feitas a futuro têm como referência os valores dos bens no mercado físico, e a formação destes preços ocorre de maneira democrática e transparente nos pregões.

Eu acredito que a menor participação do Estado na economia é o ponto básico para a solução da crise econômica brasileira. O País tem que caminhar no sentido da modernidade, não sendo mais aceitos os sistemas cartoriais. A competição é fundamental para o crescimento da economia. Assim, é imperativo que a reforma fiscal aconteça, tendo como princípio o alargamento da base dos contribuintes, incrementando a arrecadação.

Já no âmbito político, é fundamental que as instituições democráticas sejam respeitadas acima de qualquer outro fato. O Brasil vive um momento altamente democrático, e não podemos permitir que a crise política interfira na vida econômica dos brasileiros. Temos que dissociar o aspecto político do econômico, o que acontece em países do Primeiro Mundo, exemplo que deve ser seguido por aqui. Não podemos retroceder, mas, sim, continuar caminhando no sentido da modernidade. ■

Agenda Centaurus 1993

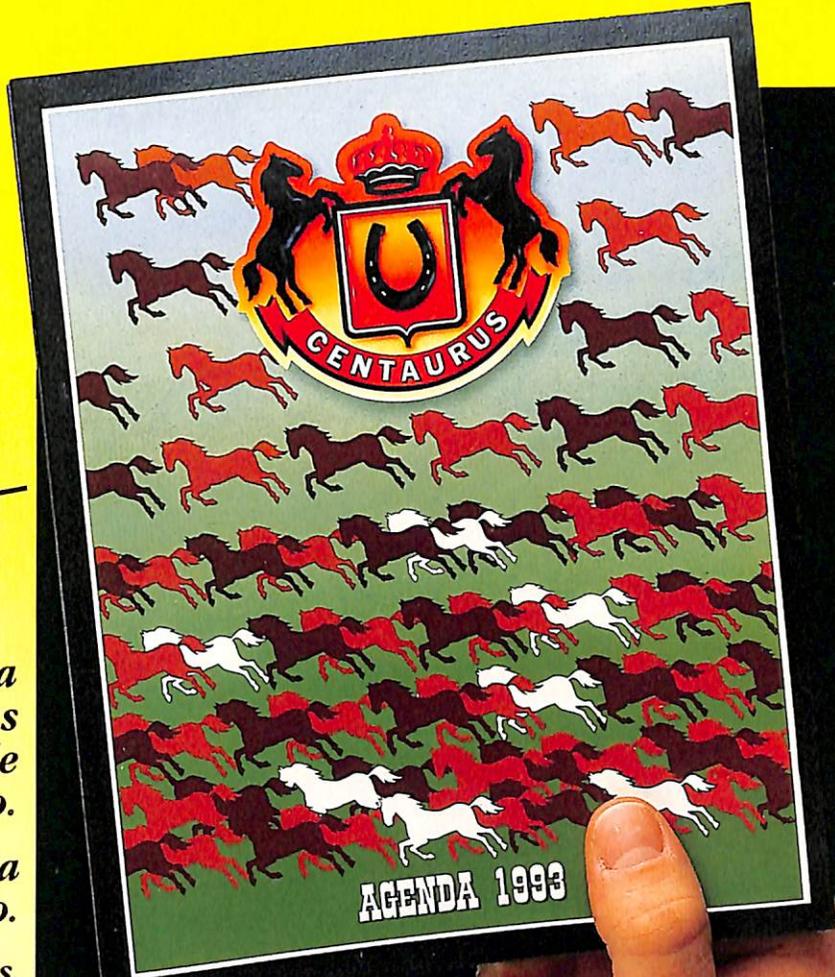
Prática. Útil. Inédita. Charmosa.

Faça sua encomenda agora, assim V. assegura sua agenda desde já!

1. Recebimento da Agenda Centaurus no início do mês de dezembro.

2. Preço/oferta congelado.

Em suas mãos, no início de dezembro.



Para profissionais do campo:

- ☑ **Calendário agrícola mensal, abrangendo 32 produtos.**
- ☑ **Calendário para eqüinos, bovinos de corte, de leite, e ovinos.**
- ☑ **Quadro de conversão de medidas. Sistema métrico. Medidas inglesas.**
- ☑ **Dezenas de informações gerais e outras tantas, dirigidas diretamente ao produtor rural.**



Formato:
Fechada: 16,2 x 21 cm
Aberta: 32,4 x 21 cm

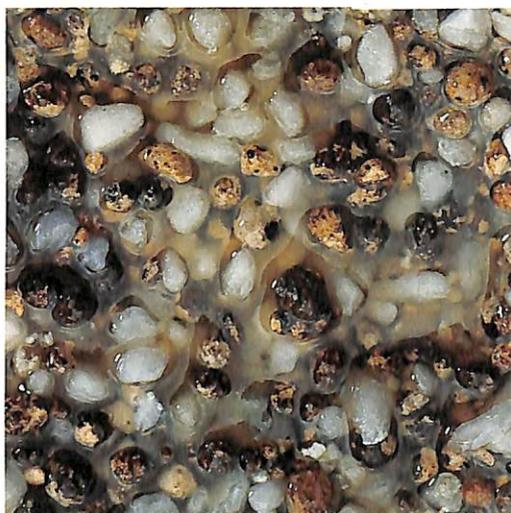


EDITORA CENTAURUS
Av. Getúlio Vargas, 1558
CEP 90150-004 - Caixa Postal 2890
Porto Alegre - RS
Tel.: (051) 233-1822 - Fax: (051) 233-2456

**APENAS
Cr\$ 135.000**

Os meses são intercalados com lindas fotos de cavalos, para colecionar.

A TREVO SÓ USA ELEMENTOS FEITOS UNS PARA OS OUTROS.



Adubo formulado com
matérias-primas incompatíveis.



Adubo Trevo formulado com
matérias-primas compatíveis.

Em suas formulações, a Trevo utiliza apenas matérias-primas compatíveis. É justamente isto que garante ao agricultor um produto sempre seco e que, quando bem armazenado, nunca mela ou empedra. Tudo isso se traduz em facilidade no manuseio e economia na adubação.



ADUBOS TREVO